



Hinc patriam sustinet

Instituto Superior de Agronomia
Universidade Técnica de Lisboa

**CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DA
ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL
ARQUITECTO PAISAGISTA ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO**

Francisco Maria Marques de Aguiar Salvação Barreto

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientador: Licenciado Nuno Joaquim Costa Cara de Anjo Lecoq
Assistente Convidado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Júri:

Presidente: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro
Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Vogal: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida
Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Lisboa, 2011

O Instituto Superior de Agronomia não se responsabiliza pelas ideias expressas neste relatório

*Ao meu Avô António e à minha Avó Nenita,
duas partes do mesmo ser.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Avô pela herança, nobreza, fortaleza, sensatez, caridade, e honestidade.

Ao Amigo e Professor, Arquitecto Paisagista Nuno Lecoq, pelo desafio do tema e entusiasmo com que me acompanhou neste passo.

À Margarida, Beatriz, Joana, Catarina, Manel e Nuno.

Aos meus Pais por tudo.

À Teresa sempre.

RESUMO

Com o objectivo de contribuir para a História da Arquitectura Paisagista em Portugal, escolheu-se como caso de estudo o trabalho do Arquitecto Paisagista António Facco Vianna Barreto. Após a biografia, procura-se conhecer parte da sua vastíssima obra em todas as áreas da abrangente disciplina da Arquitectura Paisagista e compilá-la em curriculum anexo. Foram seleccionados, para aprofundamento, quatro projectos/planos exemplificativos de diversas áreas e fases da sua carreira: o enquadramento da Torre de Belém, o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, o Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve e o Parque de Viseu. Segue-se uma entrevista onde se abordam inúmeros temas desde o despertar para os assuntos da Arquitectura Paisagista, às amizades e aos primeiros anos do Curso Livre, passando pelos projectos que se decidiram aprofundar. Referem-se também, as influências que sofreu ao longo da vida e explanam-se alguns conceitos essenciais a esta matéria. O estudo desta carreira de seis décadas permite uma viagem pela História da Arquitectura Paisagista em Portugal desde o seu começo até aos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura Paisagista, António Facco Vianna Barreto, Parque da Fundação Calouste Gulbenkian, enquadramento da Torre de Belém, Parque de Viseu, Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve.

ABSTRACT

With the aim of contributing to the History of Landscape Architecture in Portugal, was chosen as a case study the work of Landscape Architect Facco António Viana Barreto. After the biography, we meet part of his extensive work in all areas of the comprehensive discipline of Landscape Architecture and compile it into an attached curriculum. We picked up four further projects/plans illustrative of areas and different stages of his career: the arrangement of the Belem Tower, the Calouste Gulbenkian Foundation garden, the Algarve's Landscaping Plan and the Viseu City Park. The following is an interview where are discussed various topics from the awakening to the issues of Landscape Architecture, the friendships and the first years of the Free Course, through the projects that we have decided to develop. Referred also, are the influences throughout his life and the explanation of some key concepts in this field. This six decades career allows a journey through the History of Landscape Architecture in Portugal since its beginning until today.

KEYWORDS: Landscape Architecture, António Facco Vianna Barreto, the arrangement of the Belem Tower, the Calouste Gulbenkian Foundation's garden, the Algarve's Landscaping Plan, Viseu City Park.

EXTENDED ABSTRACT

This work, by the extent and complexity that would require, doesn't have the intention of being exhaustive. We simply try to make a small contribution to the historiography of an extraordinary personality, a man who was in his time but thought tomorrow.

António Facco Vianna Barreto belongs to the so-called "illustrious generation"¹ of Landscape Architects to be formed in Portugal. This first group of Professor Caldeira Cabral's students had an undeniable importance in the conceptual and philosophical thinking of Landscape Architecture. Since the public and private landscape design and key Planning legislation, taking public positions, not always understood, to the combative defense of the landscape and natural heritage. Today they are on the agenda concepts such as landscape, sustainability, planning, protection of nature, environmental impact, environment, renewable resources, etc. Said that, current concepts are understood now as deeply precursors from the 50's. The professionals and those that followed are responsible for the awareness of the whole mankind and of the territory in which it lives and shapes.

Valmor Award in 1975 from Lisbon City Hall Park by the project of Calouste Gulbenkian Foundation garden, and Ministerial Praise Orders on 2 March 1957 and November 4, 1975.

When hired by the Urban Services of the Ministério das Obras Públicas in 1953 as a specialist in landscape projects, he conducted several studies of parks and gardens throughout the country, in support of various city councils and drafted several plans and projects of his specialty for other departments of the State at the request of the Departamento de Serviços Urbanos or the Ministério das Obras Públicas.

When Head of Serviços de Ordenamento da Paisagem, he proceeded to the decentralization of services through the creation of Landscape Planning areas (North, Central, South, Madeira and the Azores) as an essential step of decentralization, which since that time, it was deemed indispensable as the appropriate way for a more efficient and extended action in the whole country.

The Landscape Planning Services and this initiative - its decentralization - has sought a preliminary aspect of Spatial Planning, and the matter still later become an highly controversial mission of the Direcção-Geral do Ordenamento, of the Ministério da Qualidade de Vida.

From 1973, and given the complexity of the issues, he sought to use the Remote Sensing and the research of new methods and automatic processing systems of information that would allow to treat effectively, and in anticipation, the many different and dynamic vital system data that would interest to Planning.

¹ Cf. (Barreto, Paisagem, natureza e cultura, 2002).

This, started from the sectorial analysis of the various elements available, has been extended to new areas of knowledge and development using interactive methods such as "estudos de aptidão", which originated in his studies and projects.

Sought, as General-Director, in Direcção Geral do Ordenamento, the development of interdisciplinarity as an absolutely necessary method of action to achieve the objectives of Planning, trying to integrate the physical, biological and cultural aspects with socio-economic and urban infrastructures.

He closely followed these issues as well as technical expertise and training his staff, particularly as regards the extension of the different fields of knowledge involved in this matter and constitutes the indispensable basis for Integrated Planning of the Territory.

Of the numerous gardens and parks he designed, we will refer in this paper the arrangement of the Belem Tower in Lisbon, Viseu City Park and the Calouste Gulbenkian Foundation's garden. And also, we will pass on the Algarve's landscaping plan, a forerunner study at his time.

INDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
EXTENDED ABSTRACT	iv
INDICE	vi
INDICE DE FIGURAS	vii
INDICE DE ABREVIATURAS	x
I. INTRODUÇÃO	1
II. CONTEXTO E OBRA	
A. BIOGRAFIA	3
B. ENQUADRAMENTO E ALGUNS PROJECTOS	8
i. PAISAGEM URBANA	8
ii. PAISAGEM RURAL	18
iii. PAISAGEM DO TURISMO	20
iv. PAISAGEM DA INDÚSTRIA	25
v. ORDENAMENTO DA PAISAGEM	26
vi. ESTRADAS NA PAISAGEM	27
III. QUATRO PROJECTOS	28
A. ENQUADRAMENTO DA TORRE DE BELÉM	29
B. JARDIM DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN	36
C. PLANO DE ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE	41
D. PARQUE DA CIDADE DE VISEU	46
IV. ENTREVISTA	59
V. CONCLUSÕES	78
BIBLIOGRAFIA	I
ANEXO A_ CURRICULUM VITAE ARQ. ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO	III
ANEXO B_ PEÇAS DESENHADAS	

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 _ António Facco Vianna Barreto	3
Figura 2 _ Estudo de pormenores. Julho de 1949	3
Figura 3 _ Plano Geral do Projecto do Casal da Padroeira, Colares. Fevereiro de 1949	4
Figura 4 _ Plano de Plantação. Julho de 1950.	4
Figura 5 _ Plano Geral. Julho de 1950.	4
Figura 6 _ Projecto para um bairro operário nos arredores de Lisboa. 1948.	5
Figura 7 _ Diploma de fim de curso de António Facco Vianna Barreto. 1952.	5
Figura 8 _ Plano geral do Jardim Cardoso Botelho, com colaboração de Álvaro Dentinho e Albano Castelo Branco. 1960.	8
Figura 9 _ Perspectiva do Jardim do Sr. Eng. Cardoso Botelho. 1960.	9
Figura 10 _ idem	9
Figura 11 _ Jardim do Sr. Caetano Beirão da Veiga. 1956.	9
Figura 12 _ Plano geral do Jardim do Sr. Caetano Beirão da Veiga, em Lisboa. 1956.	9
Figura 13 _ Plano geral do Jardim do Sr. Ribeiro da Fonseca, no Guincho. 1993.	10
Figura 14 _ Jardim do Sr. Ribeiro da Fonseca, no Guincho. 1994.	10
Figura 15 _ idem	10
Figura 16 _ Plano geral do Enquadramento dos edifícios da Reitoria e faculdades de Direito e de Letras. 1955.	11
Figura 17 _ Projecto de arborização e ajardinamento do Centro Emissor Ultramarino S. Gabriel, em Pegões. 1954.	11
Figura 18 _ Estádio Universitário de Lisboa.	11
Figura 19 _ Construção do Estádio Universitário de Lisboa.	11
Figura 20 _ Biblioteca Nacional: Plano de plantação de árvores. 1956.	12
Figura 21 _ Biblioteca Nacional: Pátio central. 1960.	12
Figura 22 _ Biblioteca Nacional: Estudo dos alçados. 1956.	12
Figura 23 _ Biblioteca Nacional: Pátio central. 1959.	12
Figura 24 _ Biblioteca Nacional: Pátio posterior. 1959.	12
Figura 25 _ Plano geral do Instituto Politécnico de Faro.	13
Figura 26 _ Largo Marechal Carmona: Plano de apresentação, em Famalicão. 1966	14
Figura 27 _ Arranjo em volta do Paço Ducal e Campo de S. Mamede: Plano de plantação de árvores, em Guimarães. 1957	14
Figura 28 _ Largo Marechal Carmona (1º de Maio). 2003	14
Figura 29 _ Arranjo da Avenida Luísa Todi: Planta de apresentação, em Setúbal. 1970.	15
Figura 30 _ Avenida Luísa Todi, em Setúbal. 2000.	15
Figura 31 _ Plano Geral da Quinta das Conchas e dos Lilases, em Lisboa. 1983.	16
Figura 32 _ Quinta das Conchas e dos Lilases, em Lisboa. 1995.	16
Figura 33 _ Plano de Expansão de Carnaxide: Arranjo geral. 1962.	17
Figura 34 _ Plano Integrado de Almada – Monte da Caparica: Plano geral. 1980.	17
Figura 35 _ Maquete	18
Figura 36 _ Quinta da Torre Bela, em Rio Maior. s/d	18
Figura 37 _ Enquadramento do Hotel da Penha Longa, em Sintra. 1991.	18
Figura 38 _ Solar e Quinta da Vacariça: Plano Geral. 2002.	19
Figura 39 _ Perspectivas da Quinta da Vacariça. MV	19
Figura 40 _ Projecto de ajardinamento do Hotel Ritz, em Lisboa. 1958.	20
Figura 41 _ Hotel Ritz, em Lisboa: Plano de plantação. 1958.	20
Figura 42 _ Hotel Ritz, em Lisboa: Terraço do andar principal. 1959	21
Figura 43 _ Perspectiva do quebra-sol no terraço do andar principal. 1959.	21
Figura 44 _ Terraço do Ritz, 196?	21
Figura 45 _ Terraço do Ritz. 2003.	21

Figura 46 _ Vila Lara, 197?.	22
Figura 47 _ Planos gerais de Vila Lara, no Algarve. 1974.	22
Figura 48 _ Vila Lara. 2011.	22
Figura 49 _ Herdade do Pinheirinho, em Grândola: Plano geral. 1995.	23
Figura 50 _ Parque de Campismo do Furadouro, em Ovar. s/d	23
Figura 51 _ Golf Hotel da Sortelha: Plano geral. s/d.	23
Figura 52 _ António Facco Vianna Barreto na Praínha, Algarve. 1980.	24
Figura 53 _ Estudo prévio para Planos de Pormenor da Península de Tróia. 1999.	24
Figura 54 _ SACOR, em Sacavém: Plano geral. 1962	25
Figura 55 _ SACOR: Zonamento. 1963.	25
Figura 56 _ SACOR: Esquema da zona verde especial. 1962.	25
Figura 57 _ Estudo de aptidão de Queijas: ocupação tencional, altimetria e valores paisagísticos e humanos e síntese. s/d	26
Figura 58 _ Ordenamento da Paisagem da Lagoa de Santo André. s/d	26
Figura 59 _ Fisiografia, declives, orientações, geologia e geotecnia, solos e áreas sociais. s/d	26
Figura 60 _ Esquema do relevo para o estudo do troço da A1.	27
Figura 61 _ A1: Medidas de mitigação. 2000.	27
Figura 62 _ A1: Estudo de Impacto Ambiental. 2000.	27
Figura 63 _ A1: Santa Iria. 1994.	27
Figura 64 _ <i>Pinus pinea</i> salvo de abate na A6 – sublanço Marateca/Vendas Novas. Projecção de copa de 30m e PAP de 4m. A auto-estrada A6 tinha o seu eixo de implantação direito a um pinheiro notável. AFVB conseguiu o desvio da estrada de 4km salvando-o de ser abatido.	27
Figura 65 _ Torre de Belém. s/d.	29
Figura 66 _ Durante a obra. 195?	30
Figura 67 _ Demolição da chaminé do gasómetro de Belém. 194?	30
Figura 68 _ Durante a obra. 195?	30
Figura 69 _ Antes da obra. 195?	31
Figura 70 _ Depois da obra. 195?	31
Figura 71 _ Vista da Torre de Belém – Capela de S. Jerónimo. 1994.	31
Figura 72 _ Plano do Conjunto.	32
Figura 73 – Maquete do projecto	32
Figura 74 _ Perspectiva: vista da Av. da Índia. 1953	33
Figura 75 _ Perspectiva aérea. 1953	33
Figura 76 _ Perspectiva aérea. 1953	33
Figura 77 _ Torre de Belém após as obras.	34
Figura 78 _ Exposição Itinerante da IFLA em Lisboa, com destaque da maquete da Torre de Belém. 1957.	35
Figura 79 _ Vistas aéreas Torre de Belém.	35
Figura 80 _ Apresentação do Projecto da Fundação Calouste Gulbenkian na Exposição de Artes Plásticas vendo-se à esquerda Facco Vianna Barreto e à direita Gonçalo Ribeiro Telles.	36
Figura 81 _ Estudo das relações visuais entre o jardim e o edifício. s/d	37
Figura 82 _ Estudos sobre a inclinação da cobertura do parque de estacionamento subterrâneo. s/d	37
Figura 83 _ Construção do lago.	38
Figura 84 _ Maquete representativa do conjunto edificado apresentado pela equipa vencedora.	38
Figura 85 _ Jardim Gulbenkian.	39
Figura 86 _ idem	39
Figura 87 _ Jardim Gulbenkian.	39
Figura 88 _ Prémio Valmor. 1975.	40
Figura 89 _ Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.	41
Figura 90 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.	41
Figura 91 _ Estudo Preliminar. 1967.	42
Figura 92 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.	43

Figura 93 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve: Síntese. 1969.	44
Figura 94 _ Levantamento. 1954.	46
Figura 95 _ Planta em 1954.	46
Figura 96 _ séc. XIX.	47
Figura 97 _ séc. XIX	47
Figura 98 _ Levantamento. 1954.	47
Figura 99 _ Anteprojecto do Parque de Viseu, 1954.	48
Figura 100 _ Durante a obra. 1955.	49
Figura 101 _ Finalização da obra. s/d	50
Figura 102 _ Fotografia aérea. 2004.	51
Figura 103 _ Parque Aquilino Ribeiro: vegetação. 2003.	53
Figura 104 _ Parque Aquilino Ribeiro: pavimentos. 2003.	53
Figura 105 _ Parque Aquilino Ribeiro: fontes e lago. 2003.	54
Figura 106 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretação. MV. 2003.	55
Figura 107 _ Parque Aquilino Ribeiro: parque infantil. 2003.	55
Figura 108 _ Parque Aquilino Ribeiro: relvado. 2003.	56
Figura 109 _ Esquiço da envolvente da Capela, 2005.	56
Figura 110 _ Parque Aquilino Ribeiro: capela. 2003.	57
Figura 111 _ Esquiço da cobertura do restaurante. 2004.	57
Figura 112 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretação. MV. 2003.	58
Figura 113 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretação. MV. 2004.	58
Figura 114 _ Jantar no Restaurante Trindade em comemoração do fim de curso de Manuel Azevedo Coutinho. Facco Vianna Barreto, 2º a contar da esquerda; Ribeiro Telles, Azevedo Coutinho, Lobo de Vasconcelos, Edgar Fontes, António Campello e outros não identificados.	62
Figura 115 _ Algumas das referências de Facco Vianna Barreto e alguns relatórios.	76
Figura 116 _ Atelier do Arquitecto Paisagista António Facco Vianna Barreto, em Lisboa. 2011.	77

INDICE DE ABREVIATURAS

AAFVB – ARQUIVO DE ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO

ADT – ÁREA DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

AJLV – ARQUIVO DE JOSÉ LOBO DE VASCONCELOS

APAP – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARQUITECTOS PAISAGISTAS

CEMAT – CONFERÊNCIA DE MINISTROS PARA O ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO DO CONSELHO DA EUROPA

CESUR – CENTRO DE SISTEMAS URBANOS E REGIONAIS, INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

CIUR – COMISSÃO PARA A INVESTIGAÇÃO URBANA E REGIONAL

CMV – CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU

DGEMN – DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

DGPU – DIRECÇÃO GERAL DO PLANEAMENTO URBANÍSTICO

DGSU – DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

EPUL – EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

FSB – FRANCISCO SALVAÇÃO BARRETO

IFLA – INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS

IGESPAR – INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

ISA – INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA, UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

MOP – MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

MHOP – MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

MV – AGUARELAS ARQ. MARGARIDA VALLE LUCAS PIRES

SAAP – SECÇÃO AUTÓNOMA DE ARQUITECTURA PAISAGISTA

SEOFA – SECRETARIA DE ESTADO DO ORDENAMENTO FÍSICO E AMBIENTE

UNOP – UNIDADE OPERATIVA DE PLANEAMENTO E GESTÃO

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho, pela extensão e complexidade que exigiria, não pretende ser exaustivo. Tenta-se, com simplicidade, que seja um pequeno contributo para a historiografia de uma personalidade extraordinária, um homem que o foi no seu tempo mas pensou o amanhã.

António Facco Vianna Barreto pertence à chamada “íclita geração”² de Arquitectos Paisagistas a ser formada em Portugal. Este primeiro grupo de alunos do Professor Caldeira Cabral teve uma importância incontornável no pensamento filosófico e conceptual da Arquitectura Paisagista. Desde o desenho do espaço público e privado à legislação essencial do Ordenamento do Território, tomando posições, nem sempre compreendidas, de salvaguarda do património paisagístico e natural de forma combativa. Hoje estão na ordem do dia conceitos como a paisagem, a sustentabilidade, o ordenamento, a defesa da natureza, o impacto ambiental, o ambiente, os recursos renováveis, etc. Conceitos ditos actuais que se entendem agora como profundamente precursores desde a década de 50. A estes profissionais e aos que se seguiram, se deve uma consciência mais inteira da Humanidade e do território em que vive e molda.

Prémio Valmor em 1975 da Câmara Municipal de Lisboa pelo projecto do Parque da Fundação Calouste Gulbenkian; e Louvores por Despachos Ministeriais em 2 de Março de 1957 e 4 de Novembro de 1975.

Quando contratado pelos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas em 1953, como especialista em projectos de zonas verdes, realizou diversos estudos de parques e jardins por todo o país, em apoio a várias Câmaras Municipais e elaborou diversos planos e projectos da sua especialidade para outros departamentos do Estado por solicitação destes à Direcção dos Serviços de Urbanização ou ao Ministério das Obras Públicas.

Quando Chefe de Serviços de Ordenamento da Paisagem, procedeu à desconcentração dos serviços, através da criação das zonas de Ordenamento da Paisagem (Norte, Centro, Sul, Madeira e Açores) como passo essencial da descentralização, que já nesse tempo, se julgou indispensável como forma adequada para uma acção mais eficiente e alargada a todo o País.

Os Serviços de Ordenamento da Paisagem e esta iniciativa – a sua descentralização – já visava um aspecto preliminar de Ordenamento de Território, na matéria ainda altamente controversa posteriormente tornada missão da Direcção-Geral do Ordenamento do Ministério da Qualidade de Vida.

² Cf. (Barreto, Paisagem, natureza e cultura, 2002).

A partir de 1973 e em face da complexidade destas questões procurou a utilização da Detecção Remota (encontrando-se nessa altura integrado na Comissão Permanente de Estudos de Espaços Exteriores, da Junta Nacional da Investigação Científica e Tecnológica) e a pesquisa de novos métodos e sistemas de tratamento automático de informação que permitissem tratar com eficiência, e por antecipação, os variadíssimos e dinâmicos dados do sistema vital geográfico que interessavam ao Ordenamento do Território.

Este, iniciado a partir da análise dos diversos elementos sectoriais disponíveis, foi alargado a novas áreas do conhecimento e desenvolvimento recorrendo a métodos interactivos como os "estudos de aptidão", que tiveram origem nos seus estudos e projectos.

Procurou, no cargo de Director-Geral, na Direcção Geral do Ordenamento o desenvolvimento da interdisciplinaridade como método de acção absolutamente necessário à prossecução dos objectivos do Ordenamento do Território, tentando a integração dos aspectos físicos, biológicos e culturais com os socioeconómicos e as infra-estruturas urbanísticas.

Acompanhou de perto estes assuntos bem como a especialização e formação técnica do respectivo pessoal, sobretudo no que respeita ao alargamento dos diferentes campos do saber que intervêm nesta matéria e que constituem a base indispensável ao Planeamento Integrado do Território.

Dos inúmeros jardins e parques que projectou, far-se-á referência neste trabalho ao enquadramento da Torre de Belém, em Lisboa, ao Parque da Cidade de Viseu e ao jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. Expôr-se-á ainda o Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve, estudo precursor no seu tempo.

II. CONTEXTO E OBRA

A. BIOGRAFIA

No dia 15 de Fevereiro de 1924, nasce em Lisboa António Luiz Facco Vianna Barreto (Figura 1). Quinto de seis filhos de D. Maria do Sacramento Pereira Coutinho Facco Vianna e do Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto.

A grande influência familiar no seu carácter expressou-se em todos os aspectos da sua vida, nomeadamente no relacionamento baseado na seriedade, abertura de espírito e afabilidade com todos os seus colegas e colaboradores, independentemente dos respectivos níveis de formação e opções de vida, sem no entanto abdicar dos princípios orientadores da sua vida.



Figura 1 _ António Facco Vianna Barreto
(Fonte: AAFVB)

Durante o seu percurso escolar passa pelo Colégio Parisiense e Colégio Militar, ambos em Lisboa. Em 1942 ingressa no Instituto Superior de Agronomia no Curso Geral de engenheiro agrónomo e engenheiro silvicultor. Conhece então Edgar Fontes que o desafia a seguir umas aulas leccionadas pelo Professor Caldeira Cabral. A partir do segundo ano começava a frequentar o Curso Livre de Arquitectura Paisagista³ em simultâneo com Agronomia e Silvicultura. “O curso funcionava às segundas e sextas-feiras das 18 às 20 horas, por causa das incompatibilidades de horário” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 43) e, segundo Francisco Caldeira Cabral,

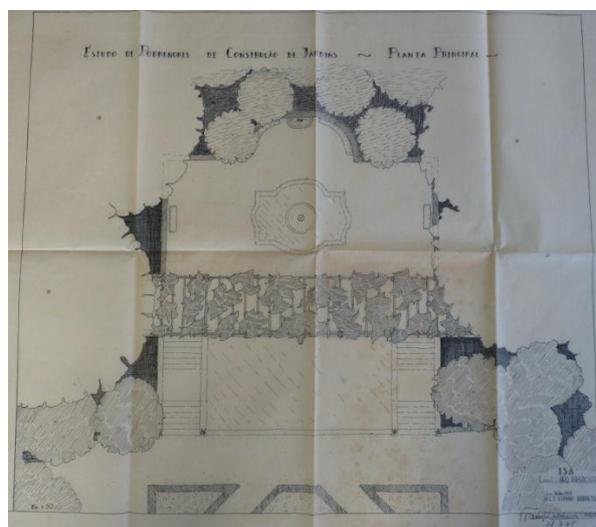


Figura 2 _ Estudo de pormenores. Julho de 1949
(Fonte: AAFVB)

era de “reconhecer que efectivamente se exige muito interesse pelo assunto e muita força de vontade para levar a cabo voluntariamente um curso de quatro anos através de todas as dificuldades e sacrificando-lhe (ao aluno)

³ O curso livre e facultativo, possibilidade recente de introdução de novas experiências académicas no Ensino Superior, começou em Outubro de 1940 e foi aprovado pelo Instituto Superior de Agronomia em 1942 (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003).

afinal todos os momentos livres. É por isso com satisfação que se verifica terem sempre alguns persistido na frequência do curso... (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 46).

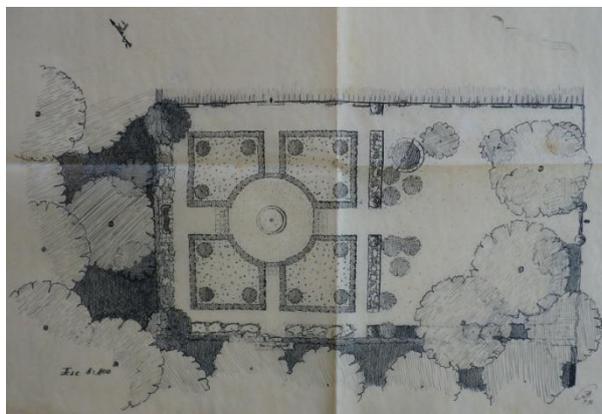


Figura 5 _ Plano Geral. Julho de 1950.
(Fonte: AAFVB)

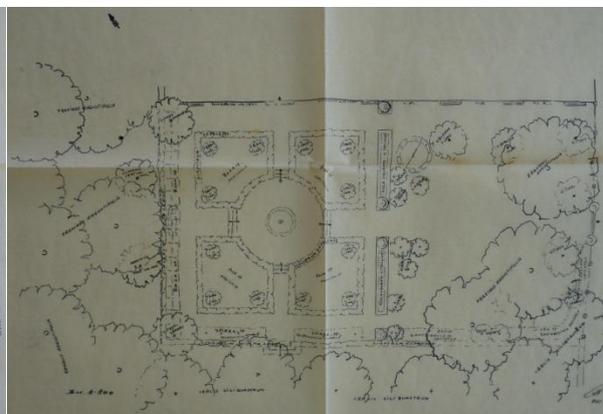


Figura 4 _ Plano de Plantação. Julho de 1950.
(Fonte: AAFVB)

Esta primeira geração formada de Arquitectos Paisagistas segue a Escola de Caldeira Cabral, baseada numa sólida base científica, numa cultura muitíssimo abrangente e na ecologia. Segue esta geração, com forte componente cultural e artística (Figuras 2-6), no “*Projecto de Espaços Verdes Urbanos, na Integração Paisagística de Estradas, no Planeamento Urbano e no Ordenamento do Território, alargando a área de intervenção da Arquitectura Paisagista e adaptando os novos conceitos às situações que foram surgindo*” (Magalhães, 2001, p. 130).

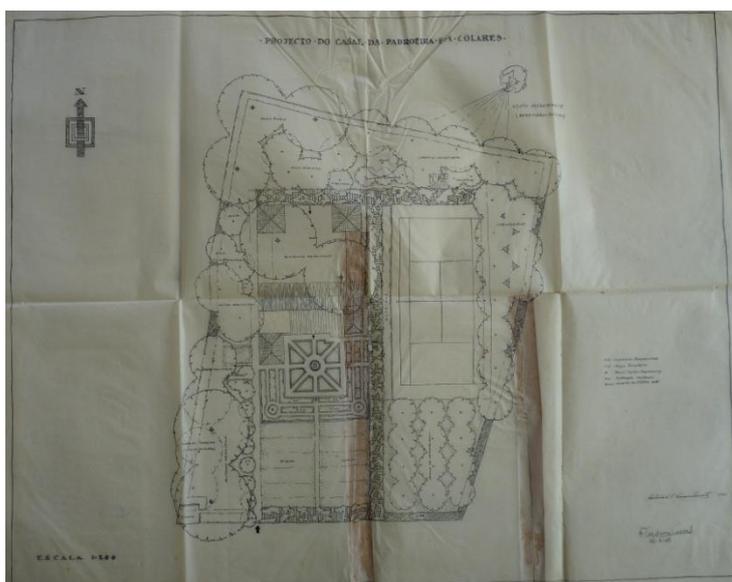


Figura 3 _ Plano Geral do Projecto do Casal da Padroeira, Colares. Fevereiro de 1949
(Fonte: AAFVB)

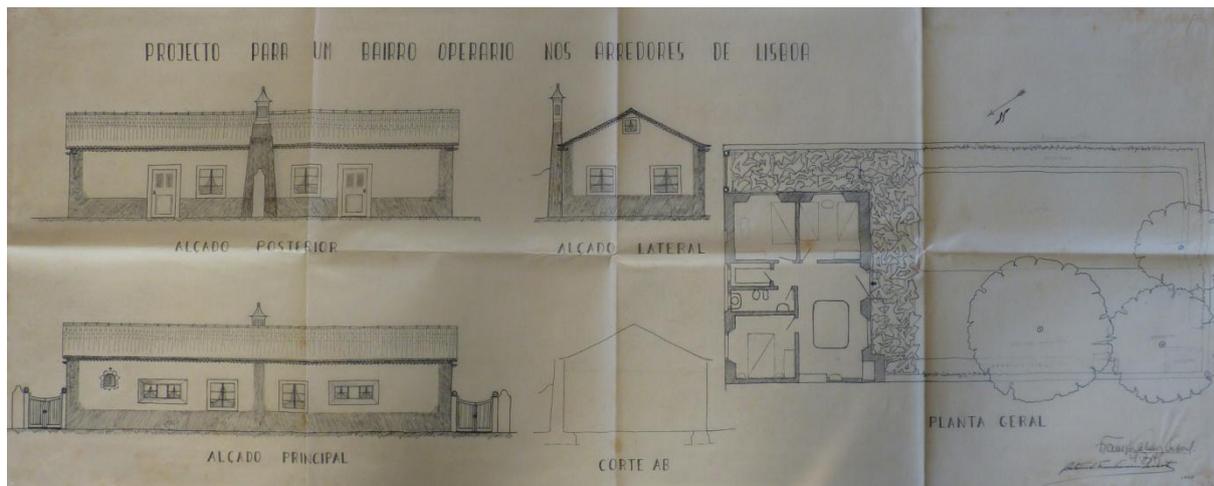


Figura 6 _ Projecto para um bairro operário nos arredores de Lisboa. 1948. (Fonte: AAFVB)

Entre 1949 e 1951, ainda faz um estágio da Junta Nacional da Cortiça cujos conhecimentos traz para a elaboração do seu relatório final de Silvicultura⁴. Em 1952 sai do Instituto com os cursos finalizados⁵ (Figura 7) e ingressa nos quadros técnicos da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (1953), tornando-se no primeiro Arquitecto-Paisagista a entrar para o Estado. Os primeiros profissionais a sair do Instituto merecem especial destaque em carta de Caldeira Cabral para René Pechère⁶ onde se pode ler: “*La Municipalité de Lisbonne*⁷ a fait l’admission d’un troisième Architecte Paysagiste en régime de profession libre. La Direction des Services d’Urbanisation du Ministère des travaux publics a aussi admis un Architecte Paysagiste” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 73).

“A actividade dos Arquitectos Paisagistas teve um grande impacte na Cidade de Lisboa durante as décadas de 50 e 60. Para este facto foi determinante o papel da Câmara Municipal, nomeadamente a forma como foi criado um núcleo de Arquitectos Paisagistas envolvidos quer nos espaços públicos quer no urbanismo e ainda na gestão de espaços verdes. Tal situação não se repetiu em mais nenhuma cidade portuguesa...” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim

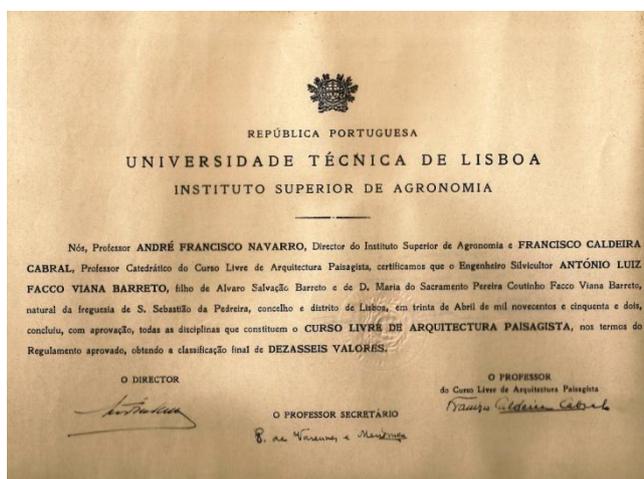


Figura 7 _ Diploma de fim de curso de António Facco Vianna Barreto. 1952. (Fonte: AAFVB)

⁴ Relatório de final de curso “*Acerca do comportamento das espécies Quercus suber e Quercus ilex, em terreno basáltico da Serra de Monsanto*”, ISA, Lisboa 1952.

⁵ Com excepção do Curso de Engenharia Agronómica, no qual completou todas as cadeiras, faltando apenas a apresentação do respectivo relatório final.

⁶ Proeminente Arquitecto Paisagista belga (1908-2002), que Caldeira Cabral conheceu em 1950 no II Congresso da IFLA, em Madrid.

⁷ Manuel Azevedo Coutinho, Gonçalo Ribeiro Telles e Edgar Fontes.

Gulbenkian, 2003, p. 252). A esta entrada de Arquitectos Paisagistas na Câmara Municipal de Lisboa, não é alheia a presidência da mesma ser ocupada pelo Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto⁸, pai de António Facco Vianna Barreto, obviamente sensibilizado para a importância deste grupo de profissionais com ideias inovadoras. Pela mesma razão, este nunca trabalhou na Câmara.

Começa então uma carreira na Função Pública que acumula com a actividade privada⁹. Realiza então os projectos de enquadramento da Torre de Belém, do Parque de Viseu, o Parque do Bonfim, de enquadramento do Castelo de Guimarães e do Mosteiro da Batalha, entre muitos outros.

É também na DGSU que começa o processo do ordenamento da paisagem. Por despacho do Ministro das Obras Públicas¹⁰, cria-se uma comissão formada por Facco Vianna Barreto e o arquitecto Manuel Laginha (ambos técnicos da DGSU) e o arquitecto Reis Pires (técnico do Serviço Nacional de Informação). *“Este relatório tira partido das conclusões de um conjunto significativo de reuniões técnicas, quer internacionais quer nacionais, e apresenta algumas definições, nomeadamente de Zonas de Paisagem Sensível – ‘ou simplesmente Zonas Sensíveis’ – Reserva e Áreas de Protecção relativamente às quais depois se enunciam diversas normas, manifestamente precursoras da actual Rede Nacional de Áreas Protegidas assim como das Reservas Agrícola e Ecológica”* (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 88). No pós Abril de 74, quando Ribeiro Telles, Ilídio de Araújo e Facco Vianna Barreto ocupam cargos ao mais alto nível político e governamental, é significativa a sua responsabilidade nas políticas de ordenamento do território (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003).

Ao longo da sua carreira de já 60 anos pensou e projectou a Paisagem em diferentes áreas. Do jardim privado ao Ordenamento do Território, do Parque público ao desenho de implantação de vias rodoviárias, passando pela reestruturação de quintas de recreio e desenho de aldeamentos turísticos, entre outros. Segundo António Facco Vianna Barreto, uma das características mais interessantes na Arquitectura Paisagista é a constante mudança de escala. Do todo para o pormenor.

⁸ Foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa de 1944 a 1959. No dia 6 de Março de 1954, aquando da homenagem pela Cidade pelo décimo aniversário da sua posse, o Dr. Oliveira Ramos elogia a personalidade que “veio para a Câmara para servir e não para demolir”. Acrescentou ainda que “na obra realizada (...) aquilo que se vê e o que se não vê, tudo o que fez durante 10 anos, representa a renovação da Cidade” (CML, Revista Municipal, 1954). Agraciado com várias Ordens e medalhas: Grã-Cruz da Ordem de Cristo, medalha de ouro da Cidade, etc.

O trabalho deste grupo de profissionais é de uma envergadura tal, que só Gonçalo Ribeiro Telles projectou entre 1951 e 1959, 93 jardins para a Câmara Municipal de Lisboa (Vários, A utopia e os pés na terra, 2003).

⁹ Sempre com a autorização da hierarquia.

¹⁰ De 4 de Abril de 1960 no sentido da criação de uma comissão com o fim de “estudar as normas adequadas à protecção do nosso país, dos seus valores paisagísticos, com o objectivo de promover a publicação da legislação especial que eficientemente garanta a sua defesa” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 88).

Para além dos projectos já referidos, são da sua autoria o arranjo paisagístico da Cidade Universitária de Lisboa (1955), com Ilídio de Araújo, a envolvente da Biblioteca Nacional e os terraços do Hotel Ritz (1956), o Bairro da SACOR (1959), com Álvaro Dentinho, o Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve (1969), o *resort* Vila Lara, no Algarve (1974), o parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, em Lisboa (1980), a Quinta da Penha Longa (1985/91), a Herdade do Pinheirinho, em Grândola (1995), Planos da Península de Tróia (2000/...), uma série de jardins públicos e privados, etc.¹¹

Em 2009, foi distinguido com o Prémio Quercus “*por toda uma longa carreira de mais de meio século dedicada à prossecução dos objectivos do Ordenamento do Território, tentando a integração dos aspectos físicos, biológicos e culturais com os socioeconómicos e as infra-estruturas urbanísticas*”.

A atribuição do prémio a este especialista é ainda justificada por Facco Vianna Barreto ter lançado “as bases do Planeamento Integrado do Território em Portugal” e ter sido o “ideólogo” da Reserva Ecológica Nacional (REN), Reserva Agrícola Nacional (RAN) e dos Planos de Ordenamento do Território” (Lusa, 2009).

¹¹ Cf. ANEXO A: *Curriculum vitae*.

B. ENQUADRAMENTO E ALGUNS PROJECTOS

Apresentam-se alguns trabalhos de António Facco Vianna Barreto, exemplificativos de diferentes áreas¹² de acção da Arquitectura Paisagista.

i. PAISAGEM URBANA

JARDINS PRIVADOS

Em início de 50 deu-se uma grande expansão na construção de moradias na zona da linha. As novas vias, a proximidade das praias, o casino e o exílio de várias famílias reais europeias tornavam aquela zona apetecível para a construção de casa (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003). Também Lisboa começava a reformar os seus jardins no sentido do estilo em voga. O Movimento Moderno fica patente em vários dos jardins dessa época (Figuras 8-12).

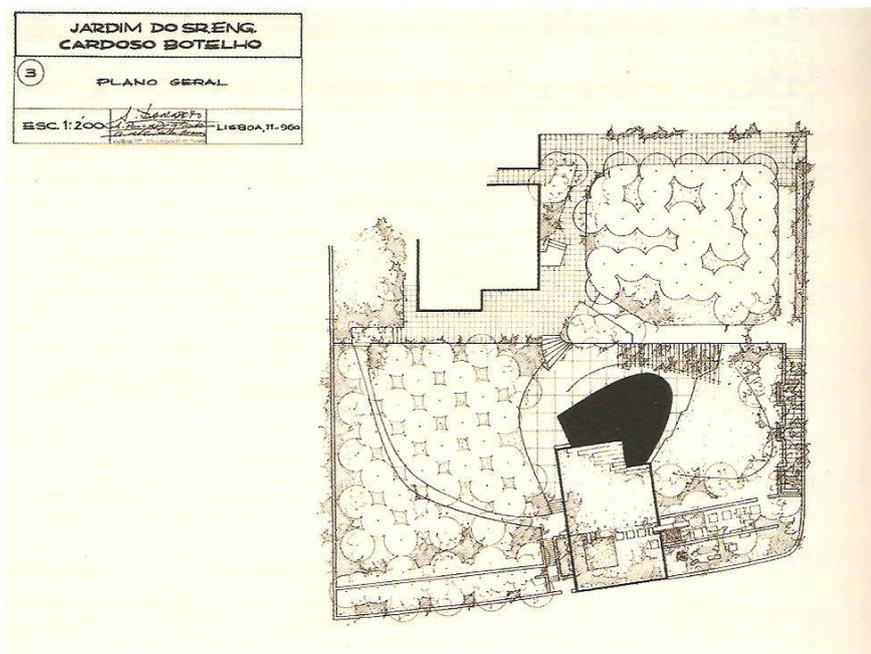


Figura 8 _ Plano geral do Jardim Cardoso Botelho, com colaboração de Álvaro Dentinho e Albano Castelo Branco. 1960.
(Fonte: AAFVB)

¹² Baseado na metodologia apresentada no livro “Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003).

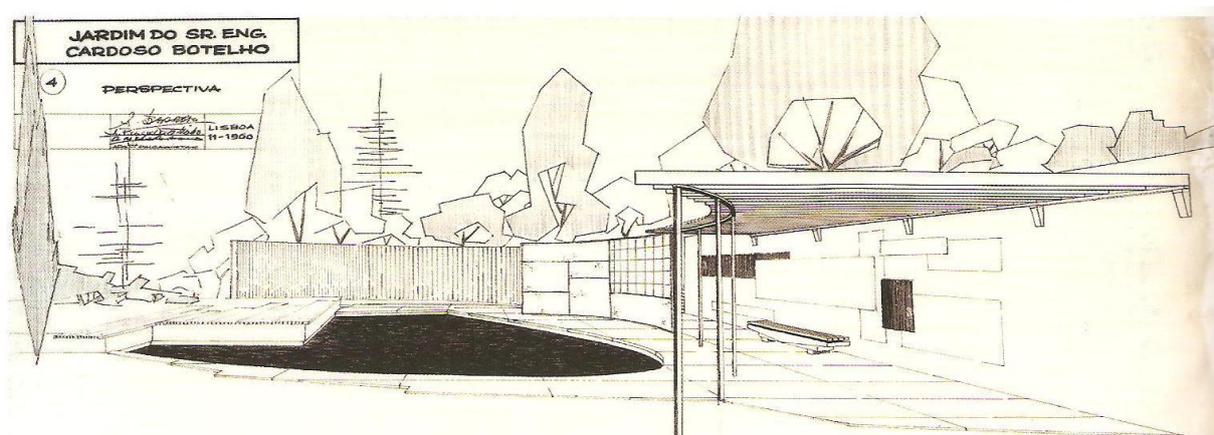


Figura 9 _ Perspectiva do Jardim do Sr. Eng. Cardoso Botelho. 1960.
(Fonte: AAFVB)

Para Facco Vianna Barreto os jardins privados são “espaços mais fechados e mais íntimos, onde, o jardim se afigura como o quarto ou a sala de estar no exterior. São peças importantes, e podemos dizer hoje quase obrigatórias ou imprescindíveis, o relvado e a piscina.”¹³ . Teve sempre a preocupação de os desenhar para as pessoas, de acordo com as vivências e gostos que procuravam. Desenhou inúmeros ao longo da sua vida. Seguem-se dois exemplos de projectos na década de 50 e de 90 (Figuras 13-15).



Figura 12 _ Plano geral do Jardim do Sr. Caetano Beirão da Veiga, em Lisboa. 1956.
(Fonte: AAFVB)



Figura 11 _ Jardim do Sr. Caetano Beirão da Veiga. 1956.
(Fonte: AAFVB)



Figura 10 _ idem

¹³ Cf. Capítulo V: Entrevista.



Figura 13 _ Plano geral do Jardim do Sr. Ribeiro da Fonseca, no Guincho. 1993.
(Fonte: AAFVB)



Figura 14 _ Jardim do Sr. Ribeiro da Fonseca, no Guincho. 1994.



Figura 15 _ idem

JARDINS DAS INSTITUIÇÕES

Facco Vianna Barreto projectou inúmeros espaços verdes de Instituições públicas e privadas. O tratamento da envolvente da Cidade Universitária de Lisboa (Figura 16) e da sua zona desportiva (Figuras 17-18) é um dos casos. Com colaboração de Ilídio de Araújo, o plano foi evoluindo de acordo com as diversas fases e ajustamentos do projecto. A Biblioteca Nacional (com quem Álvaro Dentinho veio a colaborar) (Figuras 20-24) e o Instituto Politécnico de Faro (Figura 25) são outros exemplos que se somam.

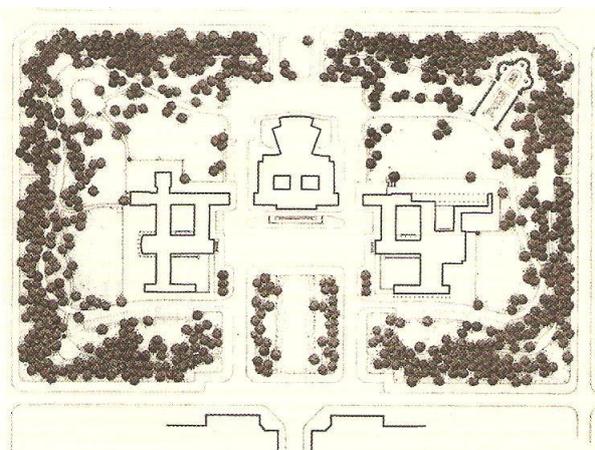


Figura 16 _ Plano geral do Enquadramento dos edifícios da Reitoria e faculdades de Direito e de Letras. 1955. (Fonte: AAFVB)



Figura 19 _ Construção do Estádio Universitário de Lisboa. (Fonte: AAFVB)



Figura 18 _ Estádio Universitário de Lisboa. (Fonte: AAFVB)

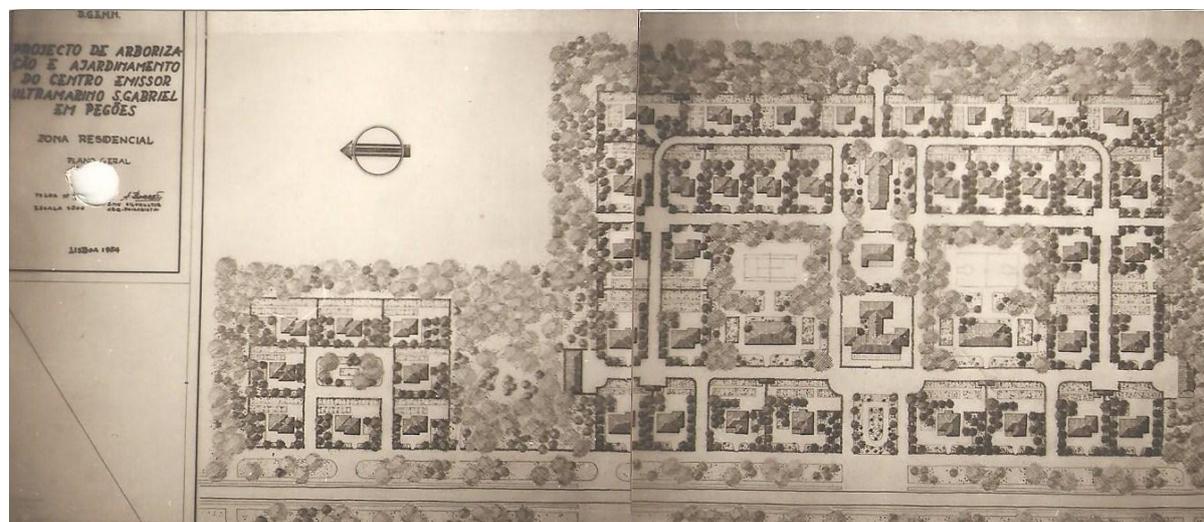


Figura 17 _ Projecto de arborização e ajardinamento do Centro Emissor Ultramarino S. Gabriel, em Pegões. 1954. (Fonte: AAFVB)

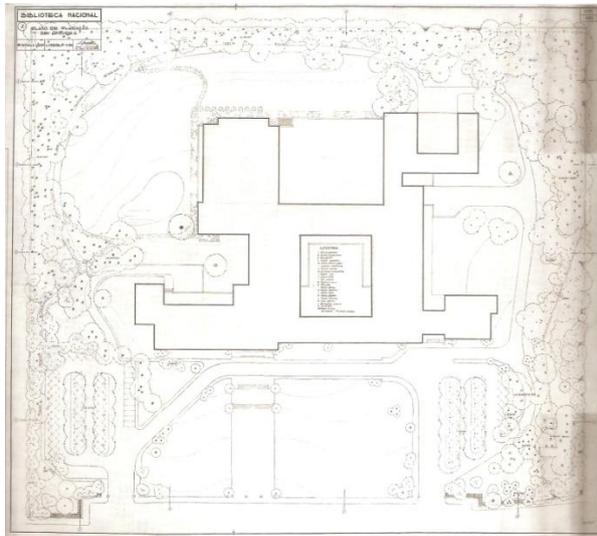


Figura 20 _ Biblioteca Nacional: Plano de plantação de árvores. 1956.
(Fonte: AAFVB)

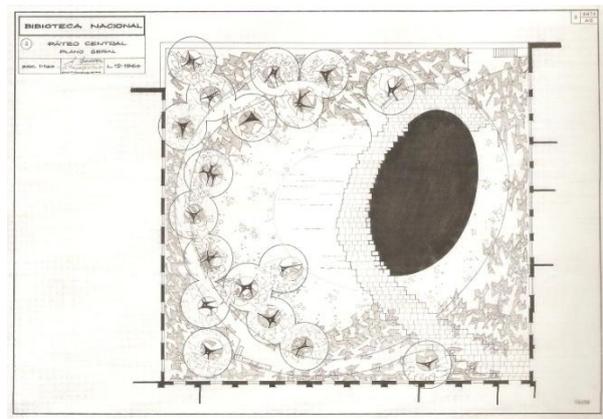


Figura 21 _ Biblioteca Nacional: Pátio central. 1960.
(Fonte: AAFVB)

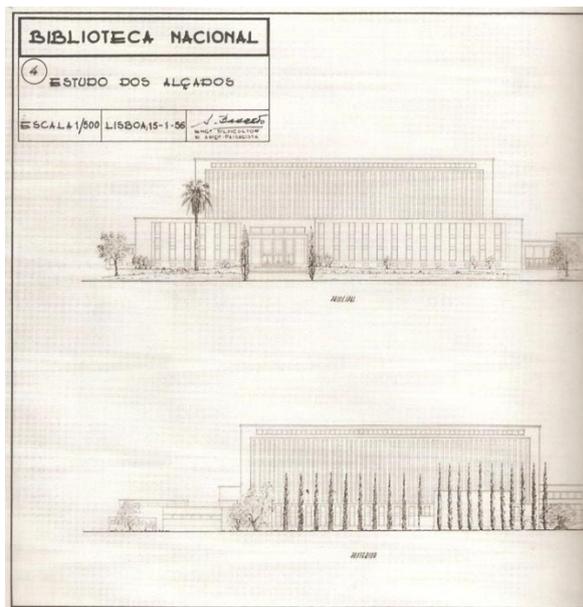


Figura 22 _ Biblioteca Nacional: Estudo dos alçados. 1956.
(Fonte: AAFVB)

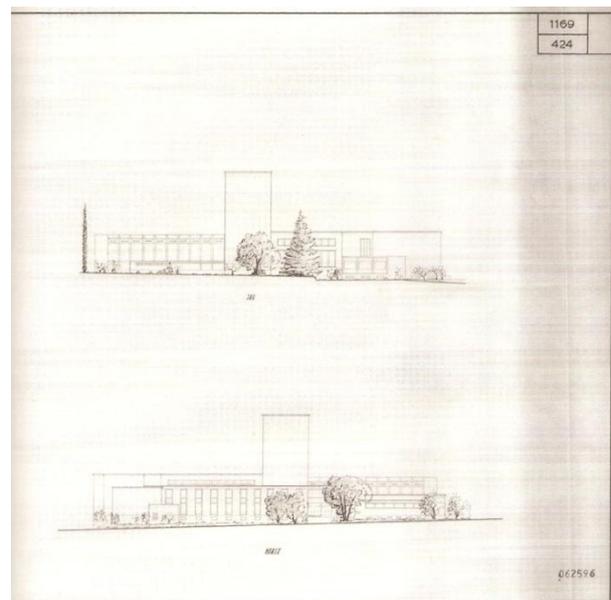


Figura 23 _ Biblioteca Nacional: Pátio central. 1959.
(Fonte: AAFVB)

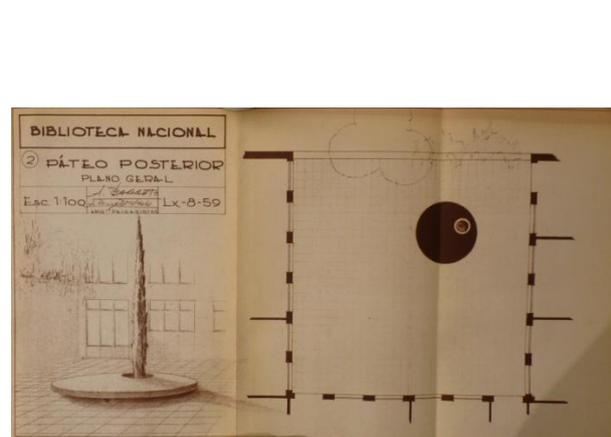
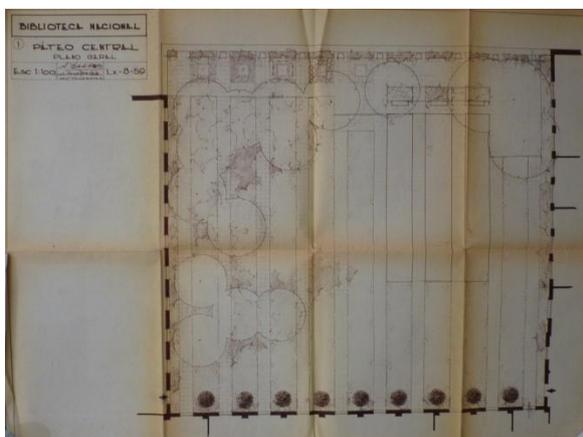


Figura 23 _ Biblioteca Nacional: Pátio central. 1959.
(Fonte: AAFVB)

Figura 24 _ Biblioteca Nacional: Pátio posterior. 1959.
(Fonte: AAFVB)

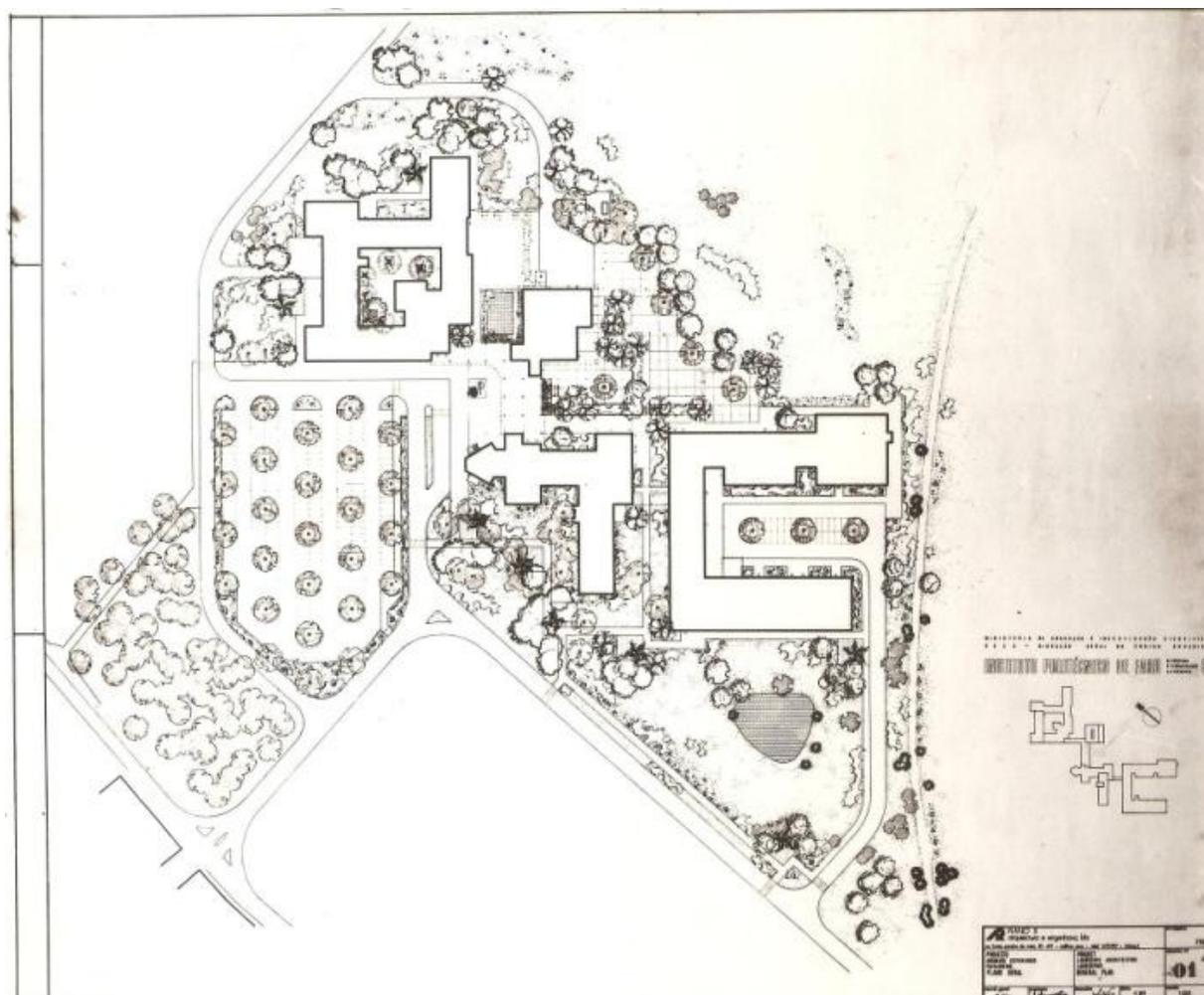


Figura 25 _ Plano geral do Instituto Politécnico de Faro.
(Fonte: AAFVB)

ESPAÇO PÚBLICO

Como se disse, não houve actividade de Arquitectos Paisagistas mais profícua do que em Lisboa. Não obstante, vários espaços públicos foram sendo projectados pela equipa¹⁴ da Direcção Geral de Serviços de Urbanização (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003). De Facco Vianna Barreto seguem-se alguns exemplos como o arranjo em volta do Paço Ducal e Campo de S. Mamede, em Guimarães (Figura 26), e o Largo Marechal Carmona, em Famalicão (Figuras 27-28).

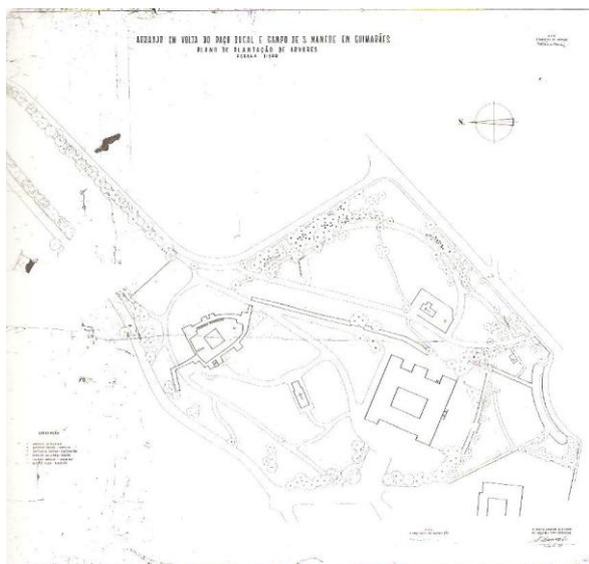


Figura 27 _ Arranjo em volta do Paço Ducal e Campo de S. Mamede: Plano de plantação de árvores, em Guimarães. 1957 (Fonte: DGEMN)

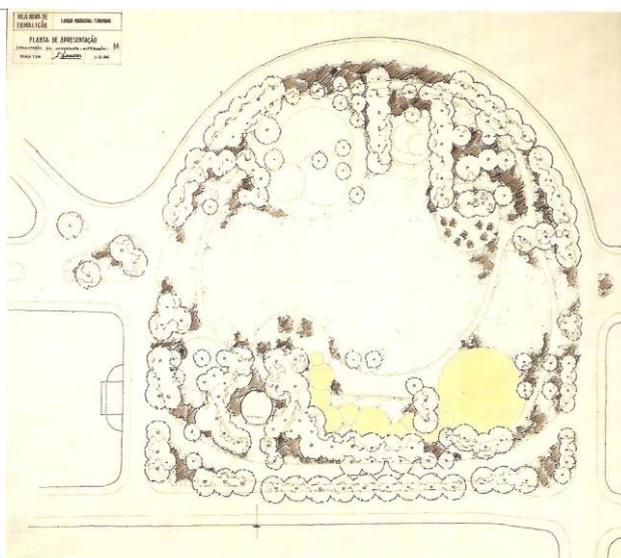


Figura 26 _ Largo Marechal Carmona: Plano de apresentação, em Famalicão. 1966 (Fonte: AAFVB)



Figura 28 _ Largo Marechal Carmona (1º de Maio). 2003 (Fonte: (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003))

¹⁴ António Facco Vianna Barreto, Ilídio de Araújo e António Cerveira.

No princípio da década de 70, faz o arranjo da Avenida Luísa Todi, em Setúbal (Figuras 29-30).

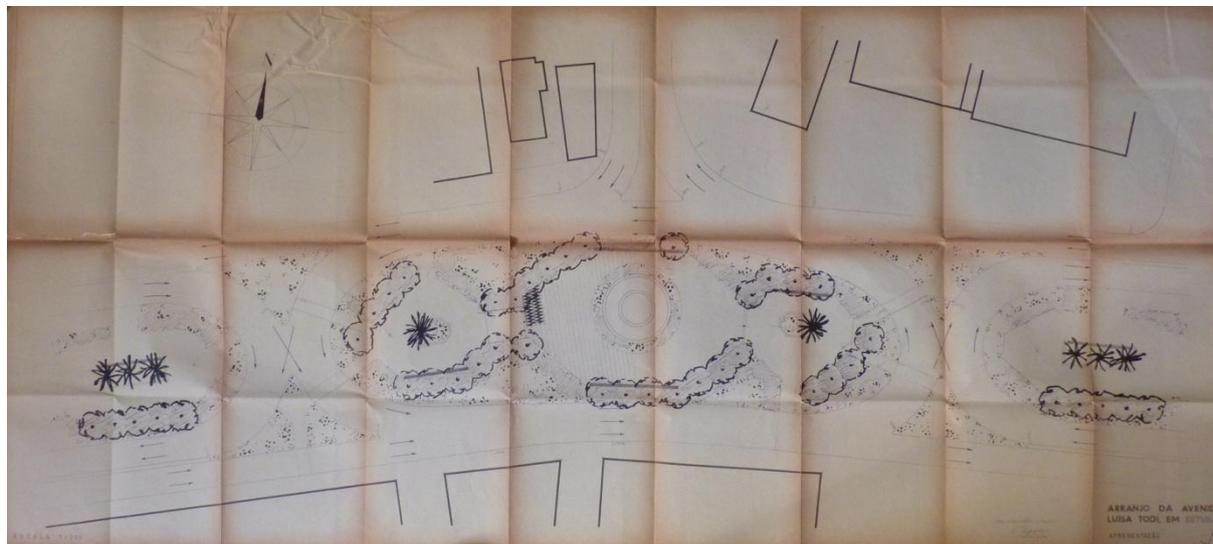


Figura 29 _ Arranjo da Avenida Luísa Todi: Planta de apresentação, em Setúbal. 1970.
(Fonte: AAFVB)



Figura 30 _ Avenida Luísa Todi, em Setúbal. 2000.
(Fonte: AAFVB)

No princípio da década de 80 é convidado pela Câmara Municipal de Lisboa para adaptar a antiga Quinta das Conchas num parque público. Desde o início do processo, defende que se deve aproveitar a proximidade da Quinta dos Lilases e salvá-la dos interesses imobiliários que pressionavam a zona no sentido de salvaguardar os vestígios do património rural e arbóreo com vista à sua utilização e abrangência de usos por parte da população. Nasce o Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, um dos jardins mais frequentados da Capital (Figuras 31-32).



Figura 31 _ Plano Geral da Quinta das Conchas e dos Lilases, em Lisboa. 1983.
(Fonte: AAFVB)



Figura 32 _ Quinta das Conchas e dos Lilases, em Lisboa. 1995.
(Fonte: AAFVB)

URBANISMO

Com a entrada de Arquitectos Paisagistas nos serviços camarários de Lisboa e na Direcção dos Serviços de Urbanização, começa a intervenção nos planos de urbanização nas zonas limítrofes das grandes cidades, de que são exemplos o Plano de Expansão de Carnaxide (Figura 33), com colaboração de Álvaro Dentinho. Posteriormente, já na década de 80, trabalha no Plano Integrado de Almada (Figura 34).



Figura 33 _ Plano de Expansão de Carnaxide: Arranjo geral. 1962.
(Fonte AAFVB)

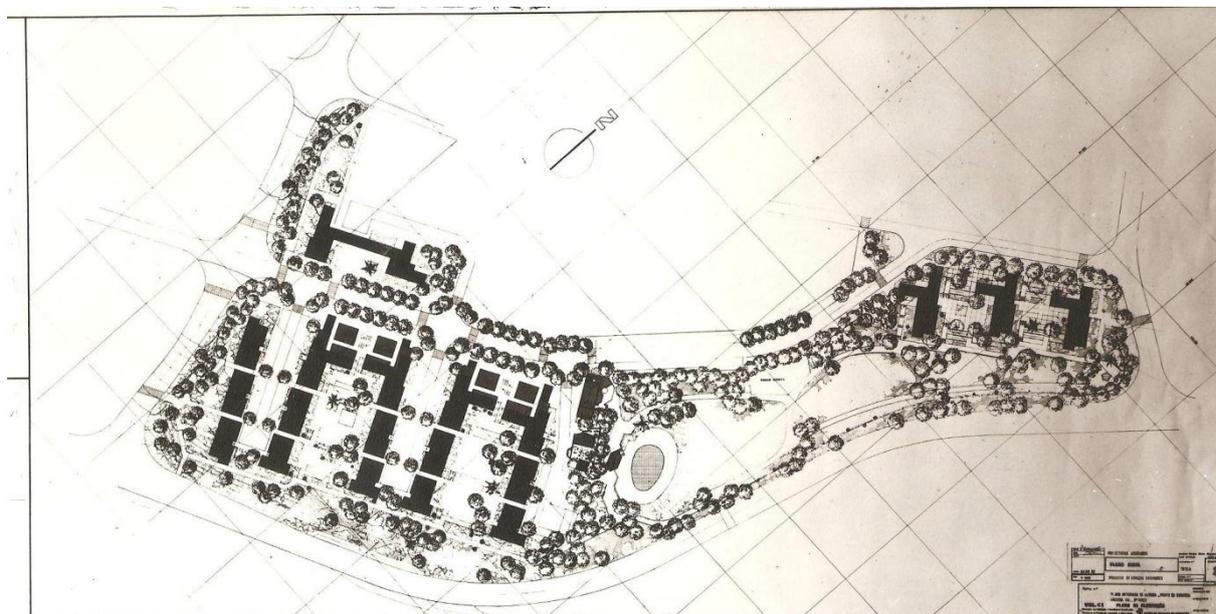


Figura 34 _ Plano Integrado de Almada – Monte da Caparica: Plano geral. 1980.
(Fonte: AAFVB)

ii. PAISAGEM RURAL

As Quintas também foram alvo de projectos de ordenamento e arranjos exteriores. Ao longo da sua carreira foi projectando inúmeras. Seguem-se, a Quinta da Torre Bela, em Rio Maior (Figura 35), a Quinta da Penha Longa, em Sintra (Figura 36-37), com vista à implantação de hotel e moradias e, mais recentemente, ao Solar e Quinta da Vacariça, na Mealhada (Figura 38-39).

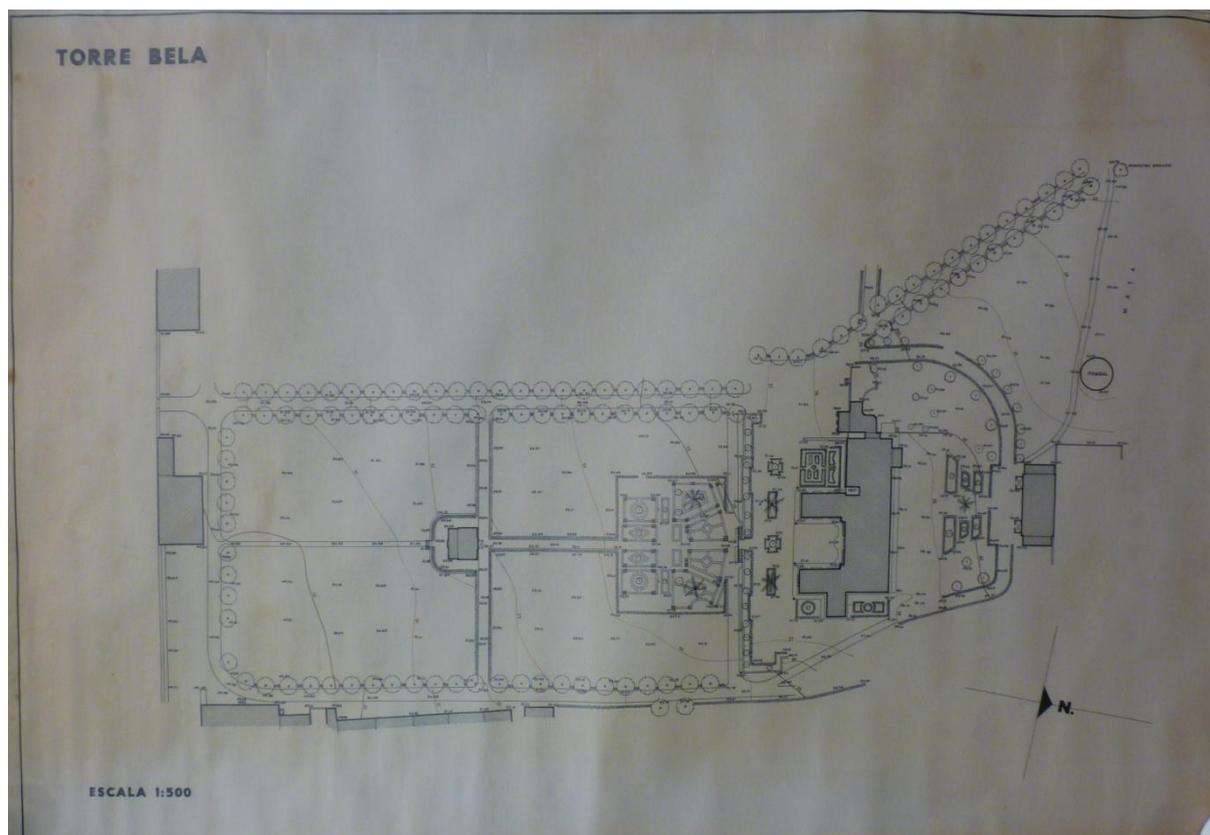


Figura 36 _ Quinta da Torre Bela, em Rio Maior. s/d
(Fonte: AAFVB)

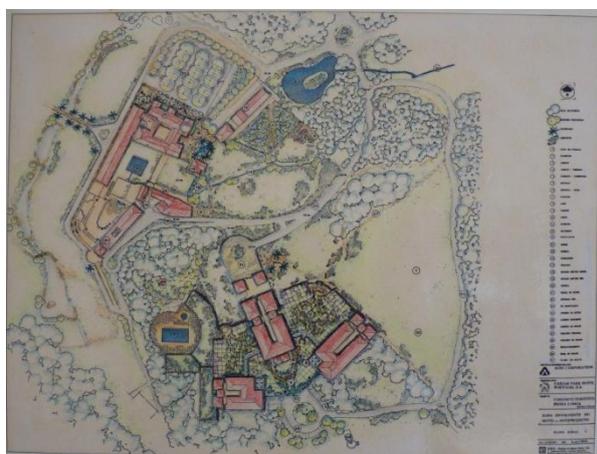


Figura 37 _ Enquadramento do Hotel da Penha Longa, em Sintra. 1991.
(Fonte: AAFVB)



Figura 35 _ Maquete
(Fonte: AAFVB)



Figura 38 _ Solar e Quinta da Vacariça: Plano Geral. 2002.
(Fonte: AAFVB)



Figura 39 _ Perspectivas da Quinta da Vacariça. MV
(Fonte: AAFVB)

iii. PAISAGEM DO TURISMO

A importância do Turismo em Portugal, tem levado à construção de vasto rol de projectos de empreendimentos turísticos por todo o País. A utilidade da presença de um Arquitecto Paisagista no projecto é essencial para a harmonia e sustentabilidade que sempre se preconiza. O Hotel Ritz, em Lisboa (Figuras 40-45) e o resort Vila Lara, em Armação de Pêra, no Algarve (Figuras 46-48).

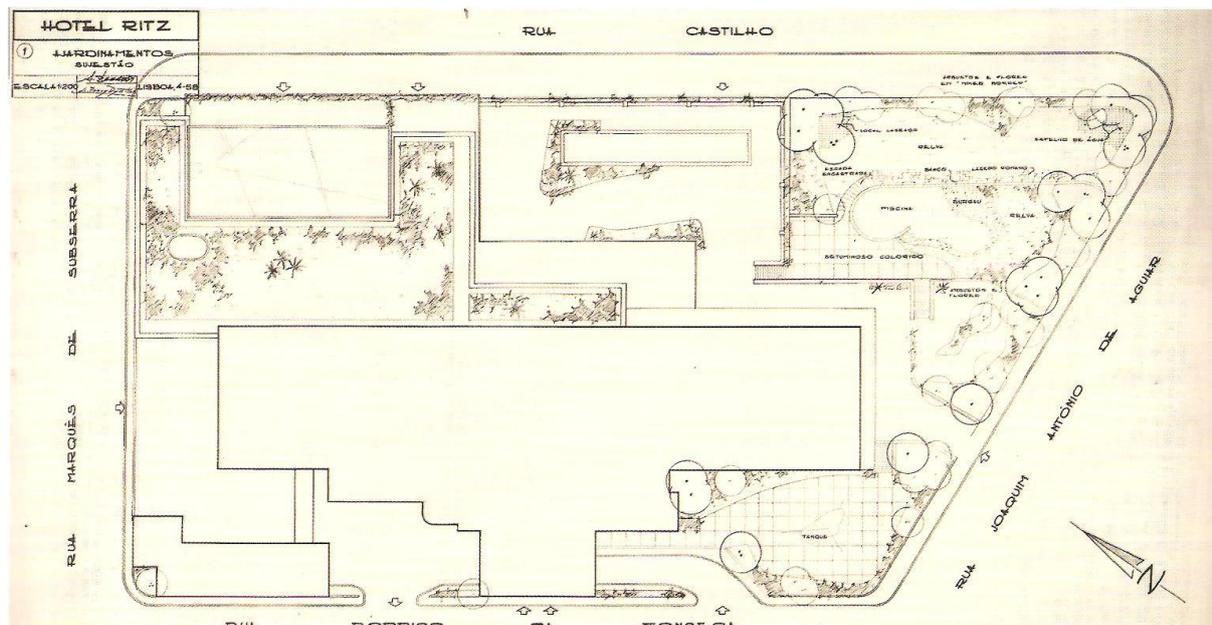


Figura 40 _ Projecto de ajardinamento do Hotel Ritz, em Lisboa. 1958.
(Fonte: AAFVB)

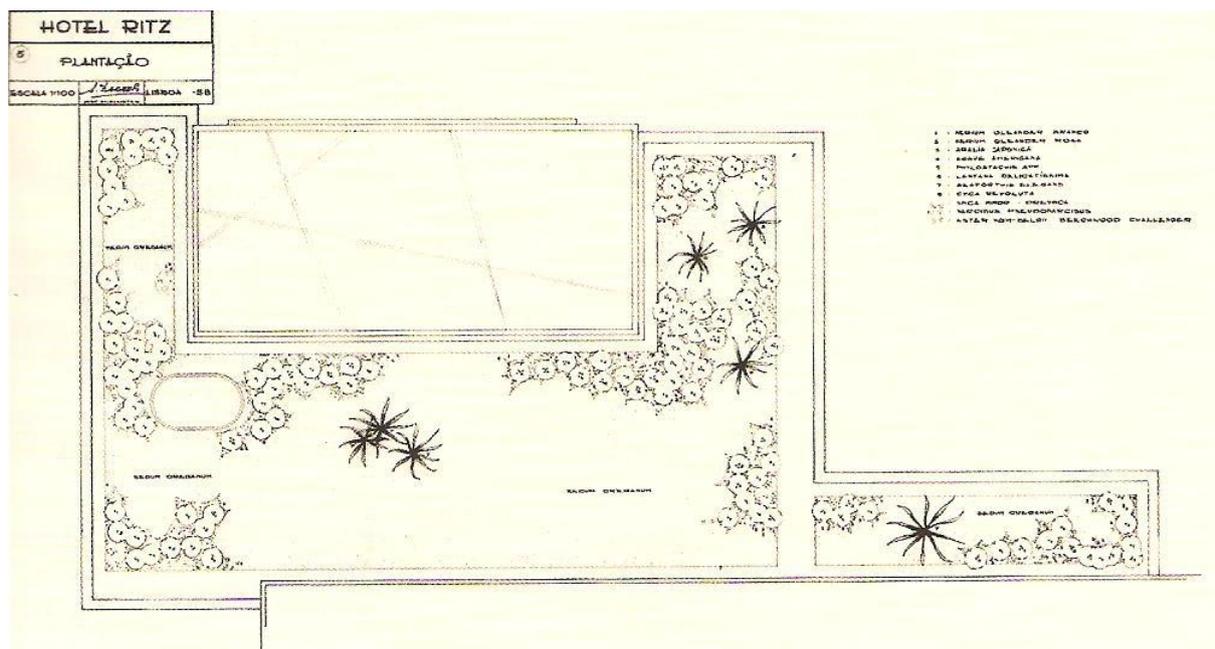


Figura 41 _ Hotel Ritz, em Lisboa: Plano de plantação. 1958.
(Fonte: AAFVB)

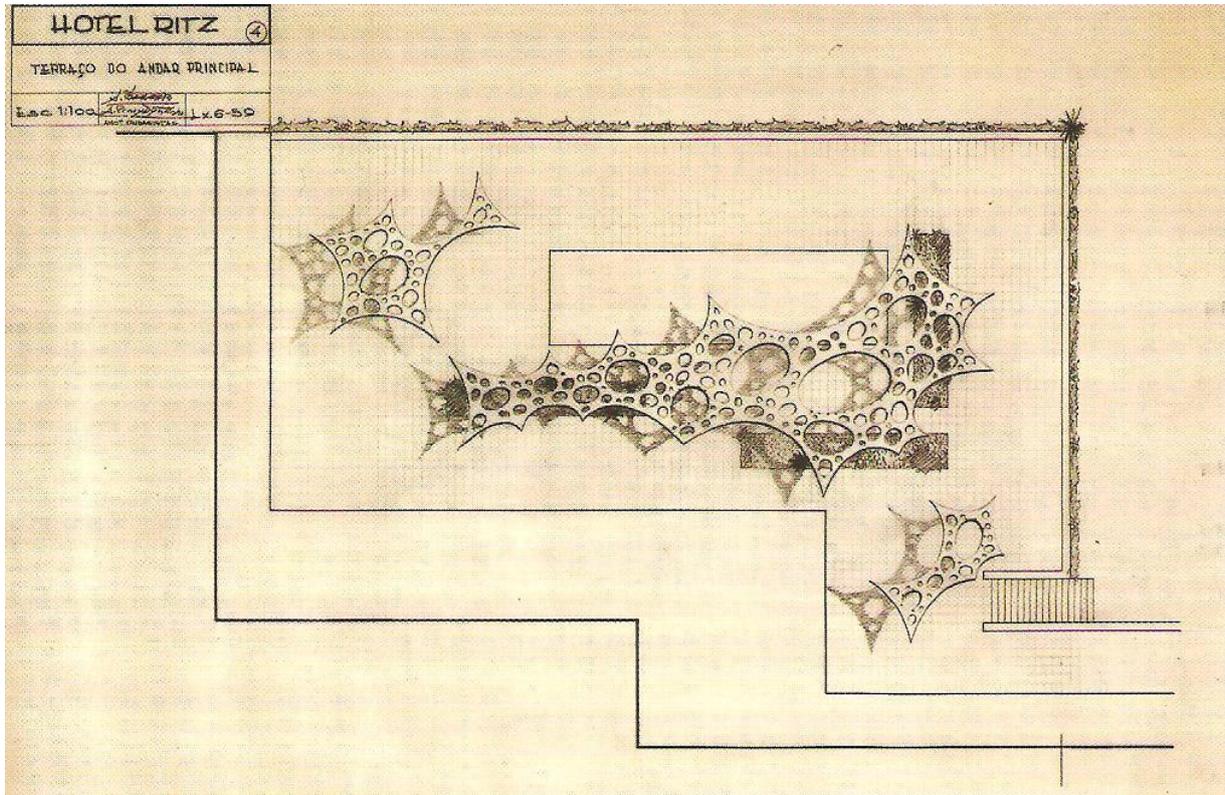


Figura 42 _ Hotel Ritz, em Lisboa: Terraço do andar principal. 1959
(Fonte: AAFVB)

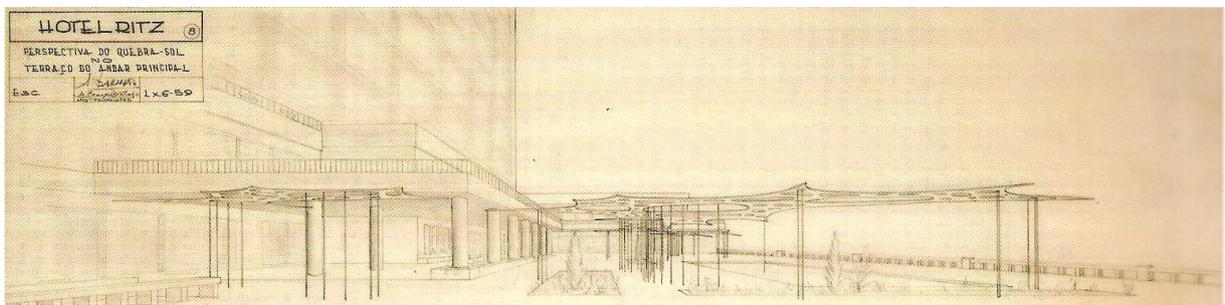


Figura 43 _ Perspectiva do quebra-sol no terraço do andar principal. 1959.
(Fonte: AAFVB)

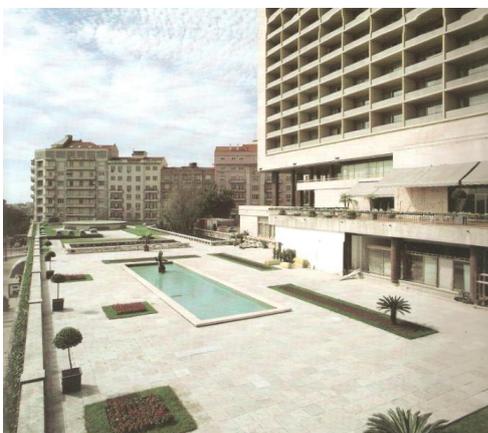


Figura 45 _ Terraço do Ritz. 2003.
(Fonte: (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003))



Figura 44 _ Terraço do Ritz, 1967
(Fonte: (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003))



Figura 47 _ Planos gerais de Vila Lara, no Algarve. 1974.
(Fonte: AAFVB)



Figura 46 _ Vila Lara, 1977?
(Fonte: AAFVB)



Figura 48 _ Vila Lara. 2011.
(Fonte: Vila Lara Thalassa resort)



Figura 52 _ António Facco Vianna Barreto na Praia, Algarve. 1980.
(Fonte: AAFVB)



Figura 53 _ Estudo prévio para Planos de Pormenor da Península de Tróia. 1999.
(Fonte: AAFVB)

iv. PAISAGEM DA INDUSTRIA

Nas décadas de 50 e 60, fase de grande desenvolvimento industrial do País, os Arquitectos Paisagistas são chamados a associar-se a projectos de bairros operários, de que é exemplo o Bairro Dr. Oliveira Salazar, propriedade da SACOR (Figura 54-56).

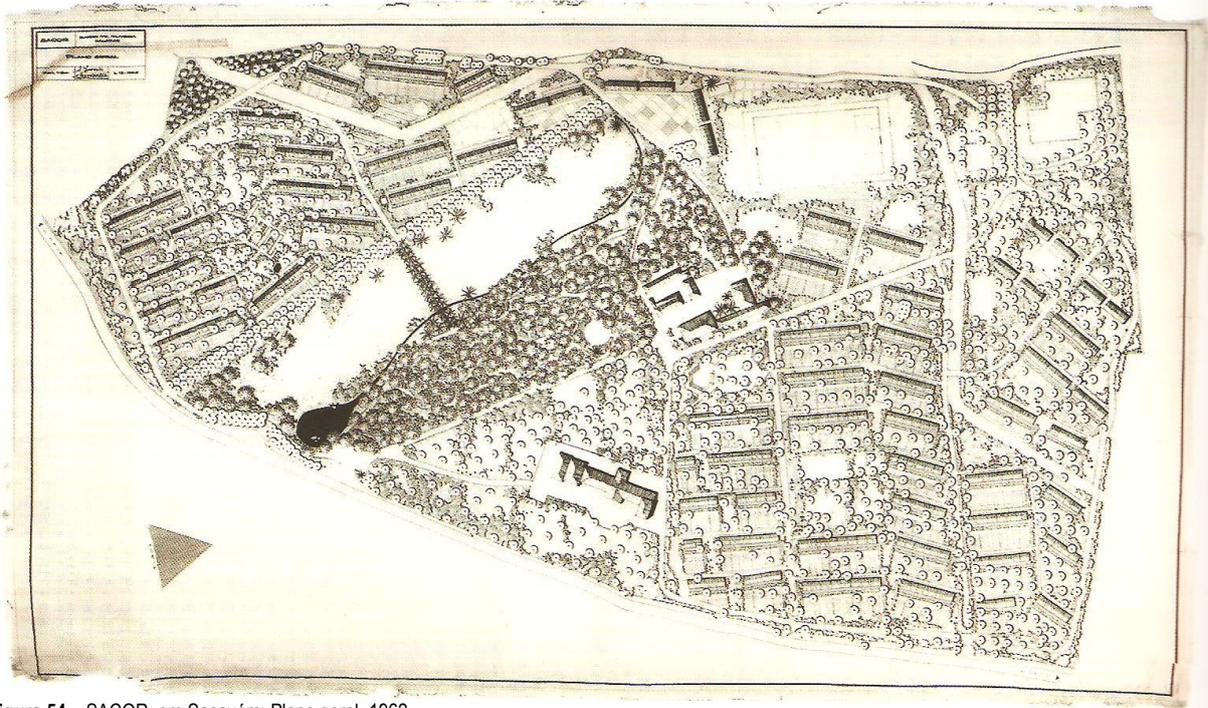


Figura 54 _ SACOR, em Sacavém: Plano geral. 1962
(Fonte: AAFVB)

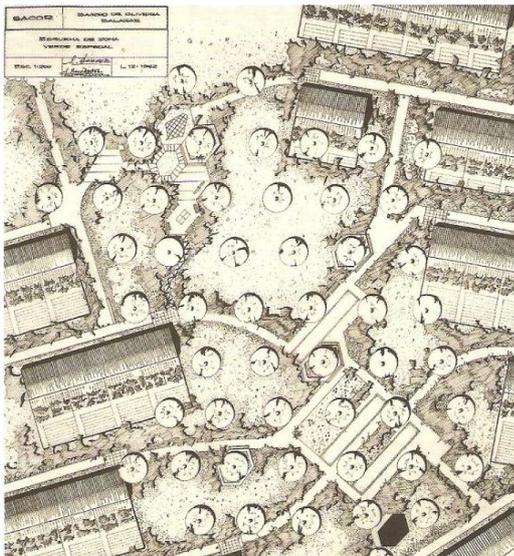


Figura 56 _ SACOR: Esquema da zona verde especial. 1962.
(Fonte: AAFVB)

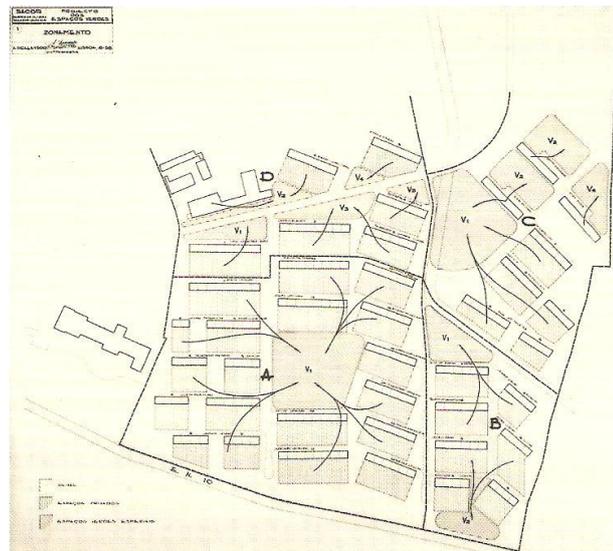


Figura 55 _ SACOR: Zonamento. 1963.
(Fonte: AAFVB)

v. ORDENAMENTO DA PAISAGEM

Como se disse anteriormente, o “Relatório de Defesa da Paisagem” (1962) juntamente com as “conclusões dos Colóquios de Arquitectura Paisagista (1963) e da Conferência e Exposição ‘O Homem e a Natureza. Exposição de Trabalhos de Arquitectura Paisagista’ (1966), traduzem as bases do contributo dos Arquitectos Paisagistas para as políticas de ordenamento da paisagem em Portugal posteriormente produzidas” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 304). O “Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve” (que se apresentará posteriormente), o Estudo de Aptidão de Queijas (Figuras 57-58), e o Ordenamento da Paisagem da Lagoa de Santo André (Figura 59) que se seguem, são disso exemplo.

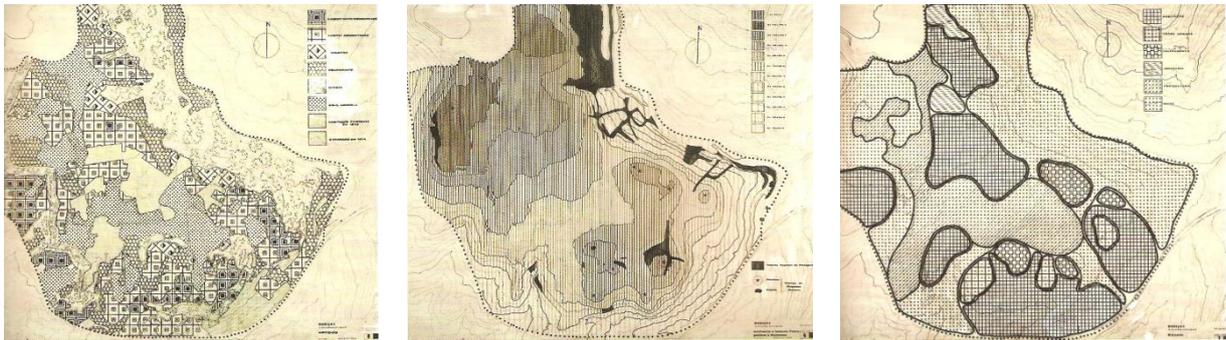


Figura 57 _ Estudo de aptidão de Queijas: ocupação tencional, altimetria e valores paisagísticos e humanos e síntese. s/d (Fonte: AAFVB)

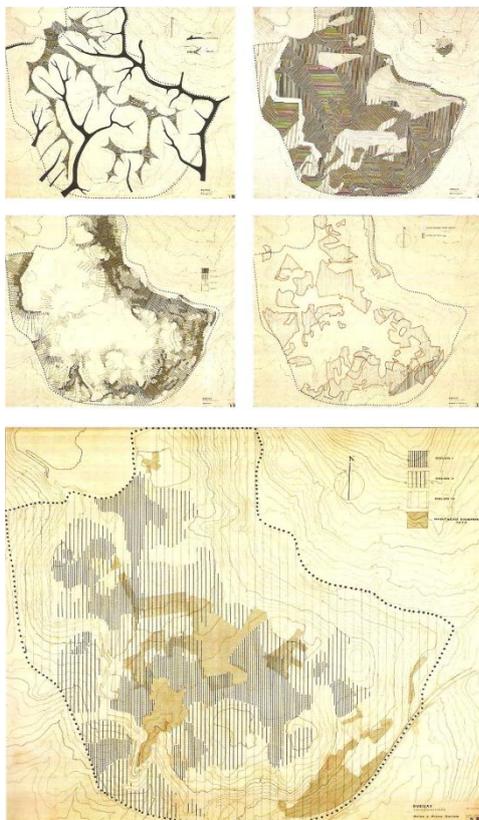


Figura 59 _ Fisiografia, declives, orientações, geologia e geotecnia, solos e áreas sociais. s/d (Fonte: AAFVB)

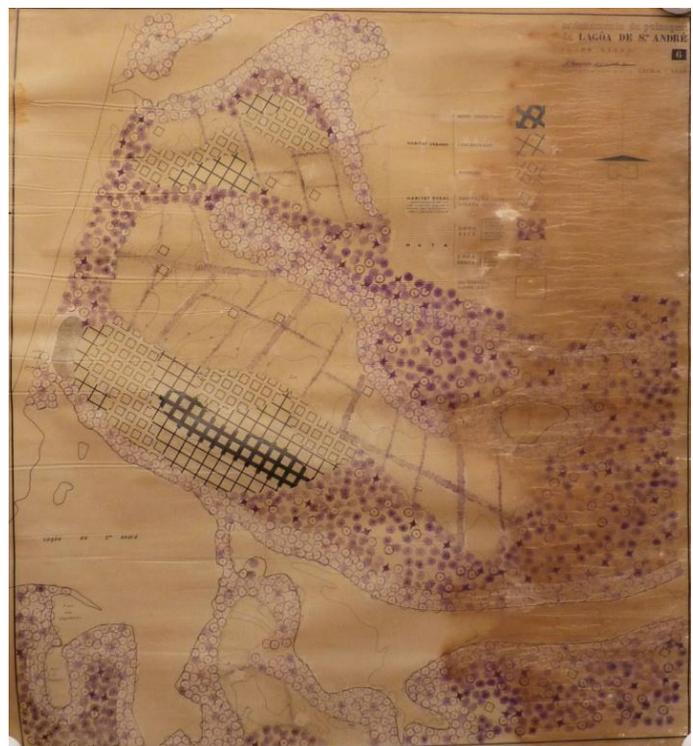


Figura 58 _ Ordenamento da Paisagem da Lagoa de Santo André, em Sines. s/d (Fonte: AAFVB)

vi. **ESTRADAS NA PAISAGEM**

A construção ou recuperação de grandes acessos viários desde os anos 90, leva Facco Vianna Barreto a integrar equipas interdisciplinares onde, como Arquitecto Paisagista e Engenheiro Agrónomo, estuda aptidões, impacto ambiental, etc. e participa no seu traçado de acordo com essa análise com mitigação dos impactos negativos e resolução das áreas marginais (Figuras 60-64).

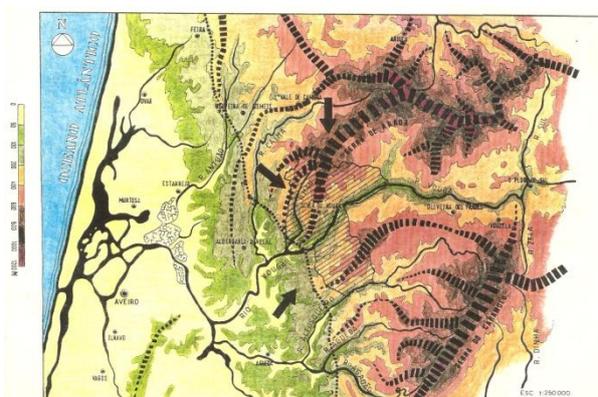


Figura 60 _ Esquema do relevo para o estudo do troço da A1.
(Fonte: AAFVB)



Figura 62 _ A1: Estudo de Impacto Ambiental. 2000.
(Fonte: AAFVB)



Figura 61 _ A1: Medidas de mitigação. 2000.
(Fonte: AAFVB)



Figura 63 _ A1: Santa Iria. 1994.
(Fonte: AAFVB)

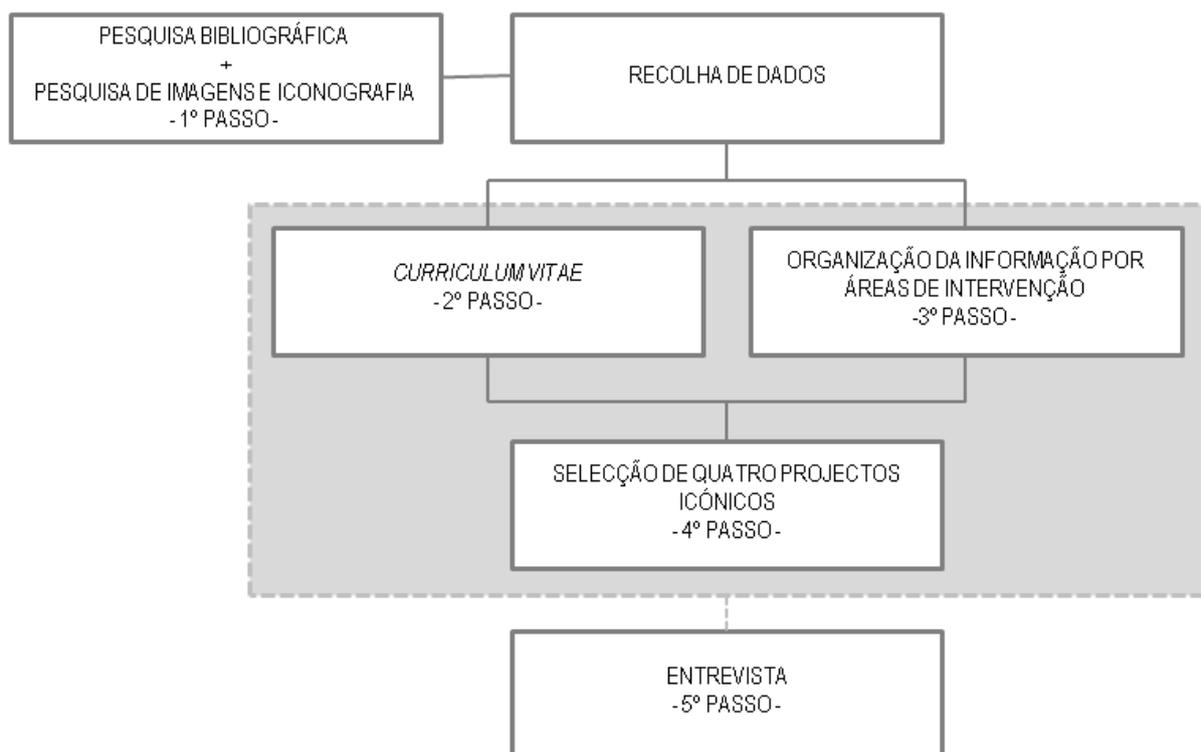


Figura 64 _ *Pinus pinea* salvo de abate na A6 – sublanço Marateca/Vendas Novas. Projecção de copa de 30m e PAP de 4m. A auto-estrada A6 tinha o seu eixo de implantação direito a um pinheiro notável. AFVB conseguiu o desvio da estrada de 4km salvando-o de ser abatido.
(Fonte: AAFVB)

III. QUATRO PROJECTOS

A metodologia seguida neste trabalho consistiu numa série de cinco passos fundamentais: uma aturada pesquisa bibliográfica, de projectos, de imagens e iconografia junto do Arquivo pessoal do Arquitecto Paisagista Facco Vianna Barreto e bibliografia editada que se compilaram num *Curriculum vitae* e organizaram em diferentes áreas do saber da Arquitectura Paisagista. Procuraram-se então apresentar mais profundamente, quatro projectos/planos de diferentes áreas e fases da vida do Arquitecto, que são posteriormente mote para uma entrevista onde se abordam a descoberta da Arquitectura Paisagista, alguns dos projectos mencionados e conceitos essenciais desta disciplina.

Segue-se um esquema da metodologia seguida:



Como dito anteriormente, da vastíssima obra de Facco Vianna Barreto, escolheram aprofundar-se um pouco mais quatro trabalhos representativos. De seis décadas de trabalho, de 1952 a 2012, tentou-se que os trabalhos que se seguem fossem de diferentes fases da sua vida e de distintas áreas de acção. O enquadramento da Torre de Belém, de 1952, o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, de 1961, o Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve, de 1967/69 e finalmente, o Parque da Cidade de Viseu, projecto de 1954 e “reinterpretado” em 2004, aquando do Jubileu da sua construção.

A. ENQUADRAMENTO DA TORRE DE BELÉM (1952)

Praticamente acabado de sair do Instituto Superior de Agronomia, António Facco Vianna Barreto é chamado a resolver o enquadramento da Torre de Belém¹⁵.

À época, os terrenos circundavam quase por completo a Torre de Belém, resultado de assoreamentos sucessivos provocados durante anos pelas marés (Figura 65-68). *“Na verdade, quer pelo facto de ao longo do tempo se haver modificado aqui e além o contorno geral das margens do Tejo – alterando por conseguinte o curso natural das correntes costeiras do rio – quer por razões de outra ordem resultantes ou não da acção directa do Homem, o que é certo é que o arrastamento e o depósito de materiais junto aos rochedos basálticos sobre que assenta a Torre, principalmente sobre a margem Norte do rio, provocou o assoreamento do local a tal ponto que a referida margem se uniu ao ilhéu, constituindo-se desta maneira a ponta hoje existente.”* (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 8).



Figura 65 _ Torre de Belém. s/d.
(Fonte: AAFVB)

¹⁵ “A Torre de São Vicente de Belém, nomeada em homenagem ao santo patrono de Lisboa, foi mandada erguer por D. Manuel I, destinando-se a terminar a obra de defesa da barra do Tejo iniciada por D. João II. O plano joanino de defesa do estuário fora iniciado com a construção da Torre de Cascais, que funcionava como vigia, e da Torre Velha da Caparica, na margem sul, destinada a cruzar fogo com a fortaleza do Restelo, esta mesma que só viria a ser levantada pelo seu sucessor. (...) O arquitecto da torre, erguida entre 1514 e 1520, foi Francisco de Arruda, provavelmente trabalhando sob a supervisão de Boitaca (então a dirigir o estaleiro do vizinho Mosteiro dos Jerónimos). E é particularmente aqui, no projecto experimentalista da torre, que se revela o génio de um dos maiores arquitectos de D. Manuel. Recém-chegado do Norte de África, onde a sua considerável experiência fora aplicada nas obras de várias praças-fortes, Arruda foi capaz de criar uma fortaleza moderna e digna da capital de vocação universal que era a eferescente Lisboa manuelina. A estrutura é constituída pela torre de habitação acastelada, de tradição medieval, e pela fortificação abaluartada, de concepção absolutamente moderna. A função militar está reservada ao baluarte, que avança sobre as águas em três pisos. (...) A evocação da função defensiva domina o conjunto, conjugada com motivos de inspiração fantástica e uma simbólica influência magrebina e orientalizante, logo identificada por Reinaldo dos Santos em 1922. (...) Foi inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO em 1983, e eleita em 2007 como uma das 7 maravilhas do país.” (IGESPAR, 2011)

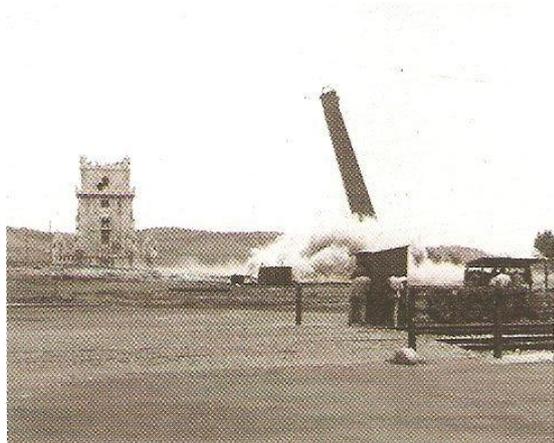


Figura 67 _ Demolição da chaminé do gasómetro de Belém. 194?
(Fonte: DGEMN)

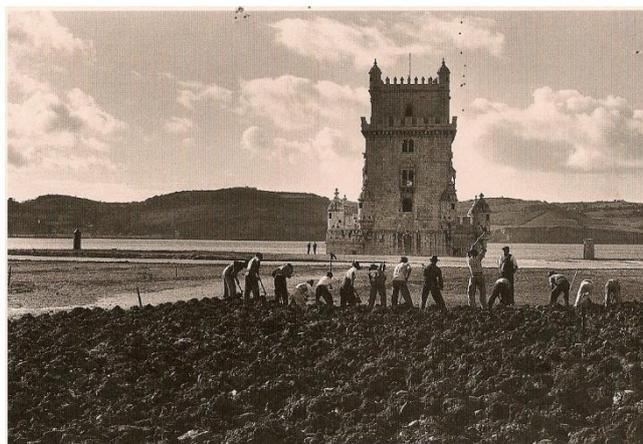


Figura 66 _ Durante a obra. 195?
(Fonte: AAFVB)



Figura 68 _ Durante a obra. 195?
(Fonte: AAFVB)

O conceito fundamental do arranjo em volta da Torre de Belém era a simplicidade.

Sendo a simplicidade muitas vezes sinónimo de naturalidade, esta apareceria por contraste com um único ponto de criação humana, a jóia do Manuelino. “*Tudo o resto lhe será, naturalmente, secundário*” (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 7). Este conceito não permitiria ainda rectas absolutas e ângulos rígidos junto da Torre.



Figura 69 _ Antes da obra. 195?
(Fonte: AAFVB)



Figura 70 _ Depois da obra. 195?
(Fonte: AAFVB)

“Antevemos o ordenamento da paisagem circundante em duas zonas gerais que se interpenetram mutuamente” (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 7). Uma mais extensa, aberta e soalheira com extensões reduzidas de arruamentos que deixasse “respirar” o monumento que se queria evidenciar; outra arborizada em cintura mais afastada, no limite do terreno a arranjar, com locais de sol-sombra mais ou menos densos e com uma rede mais intensa de caminhos que permitissem as vistas sobre a Torre (Figuras 69-71).

Antevia-se já a preocupação de Facco Vianna Barreto pelas vistas do rio – principal ponto de vista da Torre – para que a zona a intervencionar se alargasse à Capela de S. Jerónimo¹⁶ (Plantas em ANEXO B) e ao Mosteiro dos Jerónimos¹⁷.



Figura 71 _ Vista da Torre de Belém – Capela de S. Jerónimo. 1994.
(Fonte: AAFVB)

Propunha assim aos serviços da Câmara Municipal de Lisboa que se deveria estudar conjuntamente a resolução

¹⁶ “Edificada em 1514, dentro dos terrenos da cerca do Mosteiro de Santa Maria de Belém, foi concebida por Boitaca e concluída por Rodrigo Afonso. (...) Esta mesma capela-mor já teve três altares, recobertos de azulejos sevillanos quinhentistas; aquele que existe actualmente é já do século XX, e nele foram usados azulejos originais. A Capela tem sido restaurada ao longo dos séculos, sendo o restauro mais recente, aquele que foi feito a par das grandes obras levadas a cabo no final do séc. XIX no Mosteiro dos Jerónimos, como prova a inscrição gravada sobre a pequena porta lateral: restaurada em 1886.” (IGESPAR, 2011)

¹⁷ “Obra-prima da arquitectura portuguesa do século XVI, classificado como Monumento Nacional e inscrito na lista de Património Mundial da UNESCO, o Mosteiro dos Jerónimos situa-se numa das zonas mais qualificadas de Lisboa, um cenário histórico e monumental junto ao rio Tejo onde também marcam forte presença a Torre e o Centro Cultural de Belém.

para este espaço, alvitando desde logo a adequada arborização dos arruamentos (Avenida da Índia e da Torre de Belém) e a defesa urgente da velha Cerca do Convento e da zona anexa à Capela de S. Jerónimo por forma a reforçar “a ligação histórica desde sempre existente entre os três mais belos monumentos da arte manuelina.” (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 8).

Propõe então a escavação de terra que une a Torre à margem em forma de concha que se propaga com um declive quase imperceptível no sentido do motivo principal da paisagem, originando um amplo e suave anfiteatro. Os arruamentos são desenhados no sentido da necessidade de utilização e de contorno de vistas sobre a Torre (Figuras 72-73). Evitaram-se eixos artificiais Norte-Sul que colidiriam com o conceito, subordinando-o à topografia do terreno e criando diversos pontos de vista, evitando a permanência exagerada e alargando as perspectivas do objecto visado.



Figura 72 _ Plano do Conjunto.
(Fonte: AAFVB)

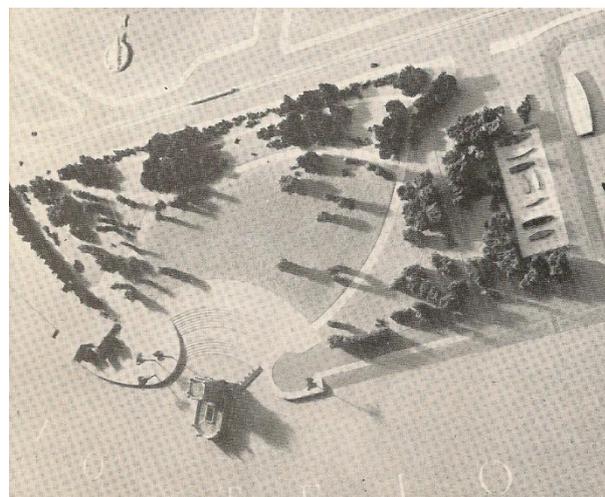


Figura 73 – Maquete do projecto
(Fonte: AAFVB)

Dos estudos efectuados e da (sempre obrigatória) observação da vegetação circundante, adoptou-se uma arborização executada à base de espécies típicas da paisagem local para que a Torre de Belém vivesse, “*de futuro, no ambiente próprio da paisagem natural estremenha*” (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 12). Estes maciços diminuiriam de volume, à medida que os espaços livres fossem aumentando em área, em direcção à Torre (Figuras 74-76 e plantas em ANEXO B).

Ligado simbolicamente aos mais importantes momentos da memória nacional, o conjunto monástico fundado pelo rei D. Manuel I conserva, ainda hoje, além da igreja manuelina, grande parte das magníficas dependências conventuais que contribuíram para a sua fama internacional, incluindo o Claustro quinhentista, o antigo Refeitório dos frades e a sala da Livraria.” (IGESPAR, 2011)

Predominariam os *Quercus faginea* e *pyrenaica*, *Fraxinus spp.*, *Olea spp.*, *Salix spp.*, *Ulmus spp.*, acompanhados pelas espécies arbustivas e subarbustivas com as quais constituem as diversas associações vegetais típicas. Fazia ainda ligação com os *Pinus pinea* e com os carvalhos que então revestiam a encosta e enquadravam a Capela de S. Jerónimo.



Figura 75 _ Perspectiva aérea. 1953
(Fonte AAFVB)

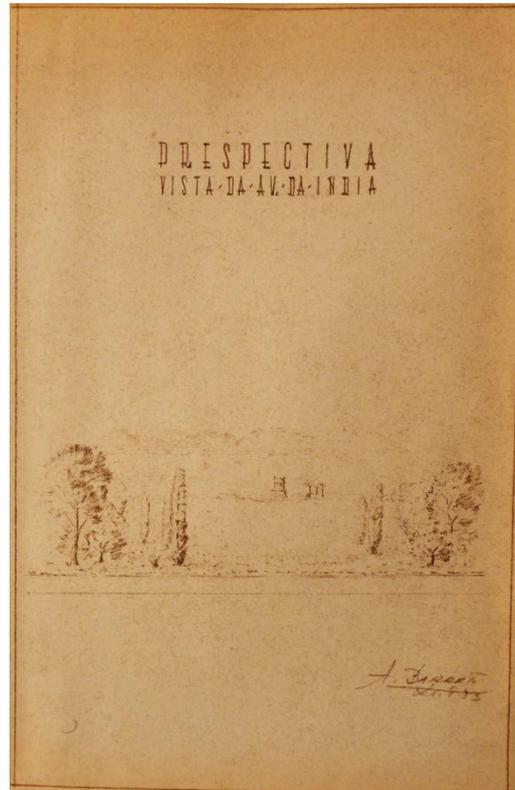


Figura 74 _ Perspectiva: vista da Av. da Índia. 1953
(Fonte: AAFVB)



Figura 76 _ Perspectiva aérea. 1953
(Fonte AAFVB)

No espaço aberto predominariam espécies arbustivas, subarbustivas e herbáceas e um prado natural (Figura 77).

“Finalmente, em local destacado junto à Torre, como elemento de verdadeiro contraste, erguer-se-ão três exóticas palmeiras, altas e esguias – símbolos vivos das novas terras trazidas ao mundo pelos navegadores que, há séculos, dali partiram.” (CML, O enquadramento da Torre de Belém, 1956, p. 12)



Figura 77 _ Torre de Belém após as obras.
(Fonte: AAFVB)

Em 1957, no V Congresso Internacional de Arquitectura Paisagista, em Zurique, numa exposição itinerante da International Federation of Landscape Architects (IFLA) a presença portuguesa merece enorme destaque e apresenta treze projectos (Figura 78). No catálogo da exposição vem: *“Great activity has characterized landscape design in Portugal during the last ten years. Portuguese landscape architects have been well employed by city planning authorities in a kind of team work in which various experts have played their part. This has produced remarkably beautiful housing estates. Particularly notable is the beautiful design carried out around the famous 16th century Tower of Belém (Figura 79) from where Vasco da Gama sailed to the new world”* (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003, p. 49).



Figura 78 _ Exposição Itinerante da IFLA em Lisboa, com destaque da maquete da Torre de Belém. 1957.
(Fonte: ISA SAAP)



Figura 79 _ Vistas aéreas Torre de Belém.
(Fonte: IGESPAR)

B. JARDIM DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN (1961)

Em 1961, a Fundação Calouste Gulbenkian promove um concurso limitado a três *ateliers* de arquitectura, para a construção da sua sede e museu. Estes edifícios localizar-se-iam nos terrenos da antiga Quinta de Palhavã.

Uma das equipas era composta pelos arquitectos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d' Athougua. Dada a relação de parentesco com este último¹⁸ e o facto de já terem colaborado em inúmeros projectos, António Facco Vianna Barreto é convidado a integrar a equipa desde o início. Na fase de proposta é definida e escolhida preliminarmente qual a vegetação a manter¹⁹ e o tratamento a dar ao revestimento da



Figura 80 _ Apresentação do Projecto da Fundação Calouste Gulbenkian na Exposição de Artes Plásticas vendo-se à esquerda Facco Vianna Barreto e à direita Gonçalo Ribeiro Telles.
(Fonte: (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006))

¹⁸ Seu cunhado, Ruy de Sequeira Manso Gomes Palma Jervis de Athougua Ferreira Pinto Basto (01.01.1917 – 21.07.2006) foi um dos expoentes da arquitectura modernista portuguesa.

Formado pela Escola de Belas Artes do Porto, o arquitecto Ruy d' Athougua é um dos mais destacados arquitectos da chamada Geração Moderna portuguesa, caracterizando-se o seu trabalho por um grande talento e radicalidade no domínio das questões espaciais, pelo rigor e depuração geométrica das formas e pelo uso inovador dos materiais, particularmente o betão à vista.

Do seu trabalho destacam-se o Bairro das Estacas, projectado em parceria com Formosinho Sanchez (1949/55), as Escolas Primárias do Bairro de S. Miguel (1949/53) e Teixeira de Pascoaes (1956/61) e a Escola Secundária (antigo Liceu) Padre António Vieira (1959/64), bem como parte dos edifícios circundantes da praça de Alvalade; em Cascais realizou projectos de habitação durante a década de 50, bem como a Torre do Infante. O seu trabalho mais importante é a sede da Fundação Calouste Gulbenkian, que projectou em parceria com os arquitectos Pedro Cid e Alberto Pessoa (1959/69).

Em Dezembro de 2003 a Ordem dos Arquitectos organizou no Palácio Galveias em Lisboa uma exposição retrospectiva sobre a sua obra, integrada na temática Arquitectos da Geração Moderna.

Juntamente com Alberto Pessoa, Pedro Cid, Gonçalo Ribeiro Telles e António Facco Vianna Barreto ganhou Prémio Valmor 1975, pelo conjunto arquitectónico: Sede, Jardins e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (Correia, 2008).

¹⁹ Fica clara esta estreita colaboração na Memória Descritiva apresentada a Concurso: *“As condições topográficas do local, onde as árvores de maior porte se encontram numa zona de cota mais elevada do que toda a orla Norte do terreno, permitiram localizar na depressão existente, um vasto piso subterrâneo, cuja cobertura dá origem a uma ligeira sobreelevação artificial, que valoriza perspectivamente os edifícios. A distribuição dos volumes de construção obedeceu fundamentalmente a uma procura de horizontalidade, que deixasse ler para lá deles, e em todas as direcções, a continuidade do Parque. O Parque condicionou também a organização dos espaços interiores, que se procuram valorizar em função da zona verde que os envolve. (...) As coberturas dos corpos mais baixos foram tratados ou como extensão do próprio Parque (salas de reunião e conferências) ou como terraço ajardinado na cobertura da nave de exposições temporárias, o qual constitui prolongamento ao ar livre das instalações de Recepção e da Presidência. (...) Este anfiteatro (concebido sem qualquer rigidez de traçado, sendo as filas de lugares dispostos por entre o arvoredo, constitui um elemento paisagístico (...)). O arranjo paisagístico do Parque prevê-se realizável em grandes extensões de relvado com maciços de arvoredo e um mínimo de arruamentos de serviço. Prevê-se não só a conservação das melhores espécies existentes, entre as quais avultam os três eucaliptos, cuja conservação condicionou a implantação dos edifícios, mas também a plantação de outras, nomeadamente no guarnecimento de orlas previstas”* (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006).

cobertura da área de estacionamento (Figura 81-82), para que foi essencial o conhecimento adquirido para um projecto anterior²⁰ e que facilitou a participação no concurso (Figura 84). A solução apresentada por este grupo ganhou o concurso e foi escolhida para desenvolver o projecto de execução do conjunto. É nessa altura que António Facco Vianna Barreto propõe a Guimarães Lobato, o nome de Gonçalo Ribeiro Telles (Figura 80) para integrar a equipa²¹, para a tarefa imensa de construção do Parque em sintonia com a construção dos edifícios da sede e museu, num curto espaço de tempo (Anteprojecto em ANEXO B).

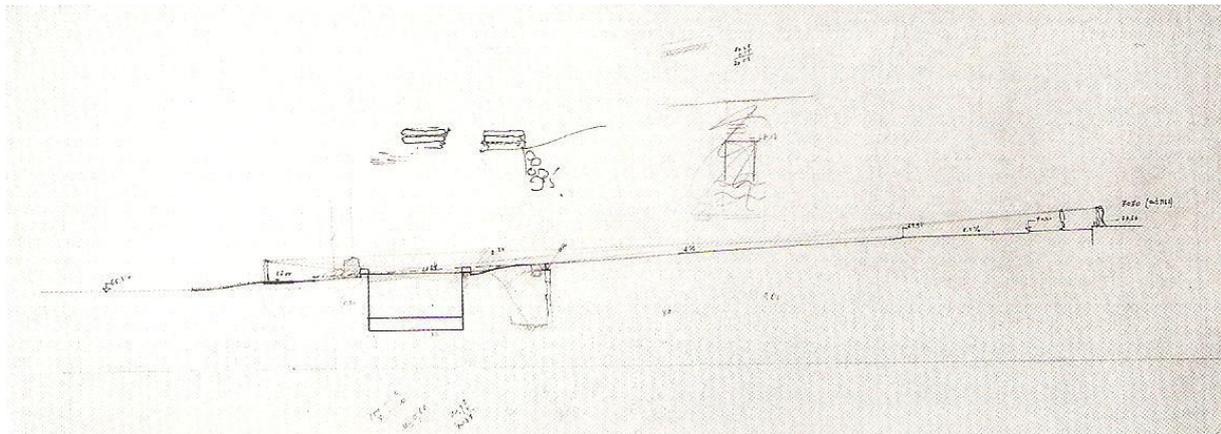


Figura 82 _ Estudos sobre a inclinação da cobertura do parque de estacionamento subterrâneo. s/d
(Fonte: (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006))

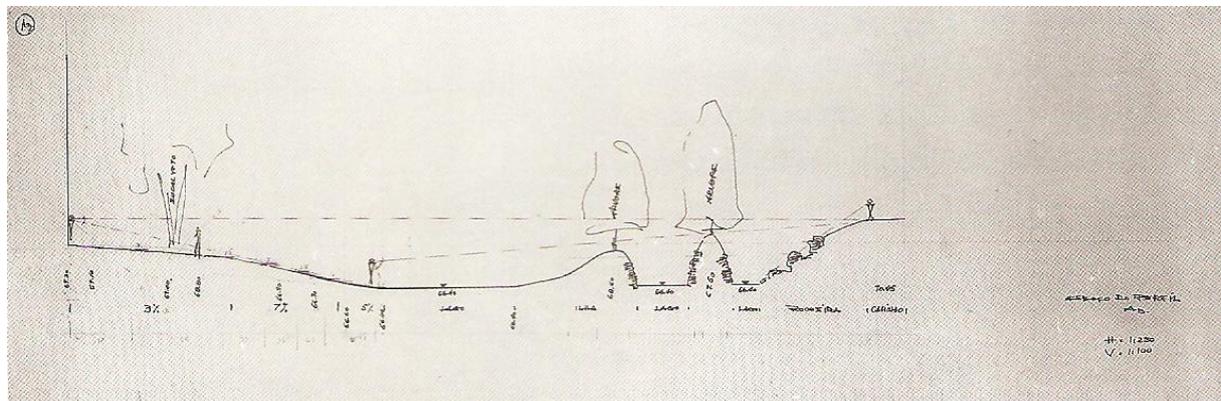


Figura 81 _ Estudo das relações visuais entre o jardim e o edifício. s/d
(Fonte: (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006))

Em relação à concepção do Parque (Figura 83), estes projectistas, consideram-na de “*sentido perfeitamente actual, de base naturalista e responde a uma série de funções programadas que são próprias do nosso tempo. Os elementos construídos do Parque, tais como as lajes de betão que servem de caminho de peões, apoiam-se sobre o solo tentando valorizar aquela concepção naturalista e concorrem sob este aspecto para a integração do Parque na estrutura dos edifícios. (...) Um traçado largo baseado na modelação acidentada que se deu ao*

²⁰ Ajardinamento dos terraços do Hotel Ritz, em Lisboa (1956).

²¹ Facco Vianna Barreto conciliava o trabalho na Direcção Geral dos Serviços de Urbanização com uma série de outros projectos no seu atelier.

relevo do terreno e vincado nos contrastes sombra-luz (arvedo-clareiras) informou a criação de perspectivas, a distribuição, estrutura e composição de volumes (maciços arbóreos e arbustivos). (...)

Na relação entre os edifícios e o Parque é importante a superfície do lago. Sobre ele abriam-se perspectivas conseguidas pela modelação do terreno e valorizadas pela distribuição dos maciços vegetais e dos afloramentos rochosos construídos. Conseguiu-se assim desobstruir e valorizar ângulos de vista, criar

aberturas e contrastes de luz quer para quem circule no parque, quer para que permaneça no interior dos edifícios” (Barreto & Telles, Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, 1969).

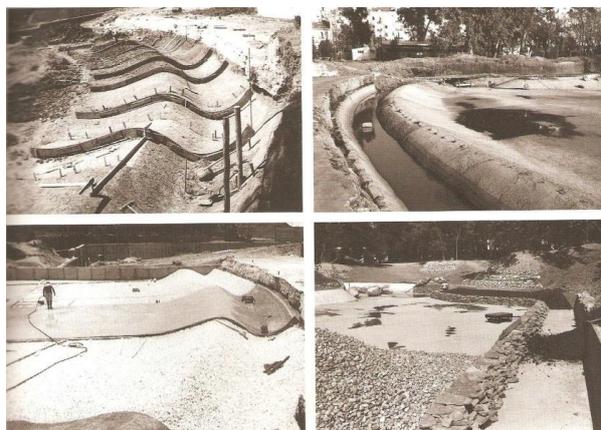


Figura 83 _ Construção do lago.
(Fonte: (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006))

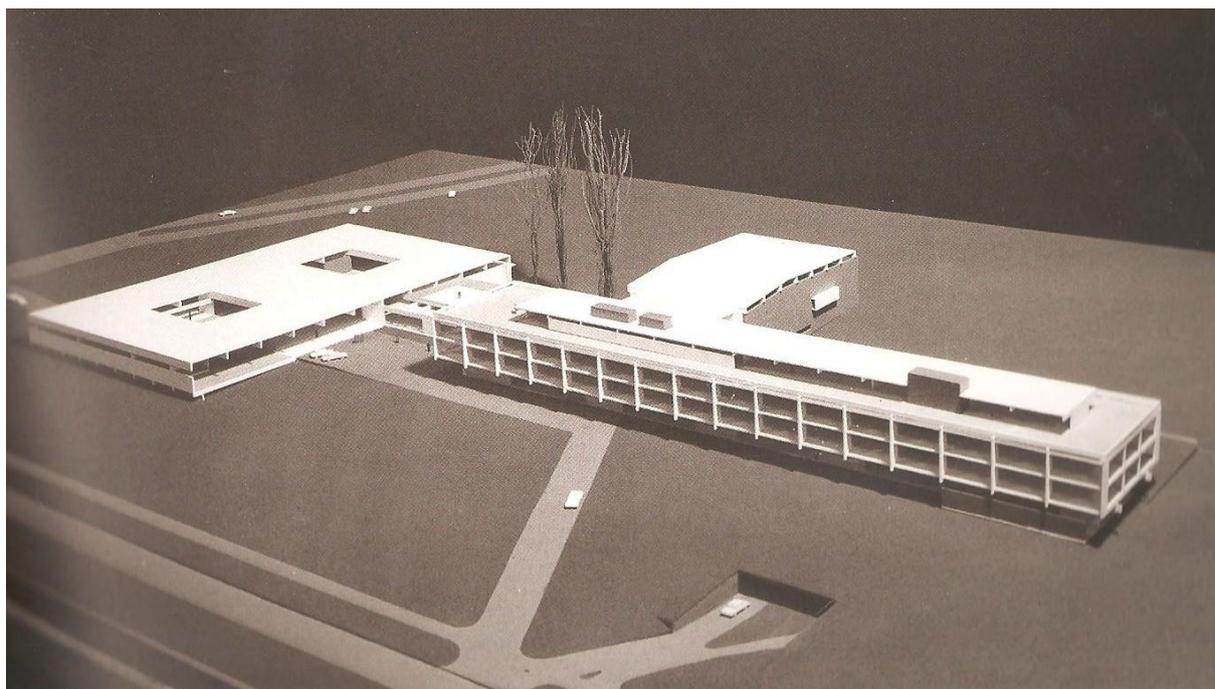


Figura 84 _ Maquete representativa do conjunto edificado apresentado pela equipa vencedora.
(Fonte: (Vários, Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim, 2006))

Ficam patentes várias características atribuídas ao Movimento Moderno. As edificações sobre uma matriz verde de carácter naturalista, a continuidade interior-exterior e a utilização de materiais então recentes como o betão, são evidências dessa catalogação.

O Jardim é finalmente inaugurado nos anos 70 (Figuras 85-87) e aberto ao público que logo se identifica e se apropria do espaço. Nesse mesmo ano recebe o XII Congresso da IFLA. Teresa Andresen escreve que “o Jardim Gulbenkian é evidentemente o espaço da maturidade e afirmação artística, técnica e social de uma profissão emergente no século XX que, em Portugal, também encontra o seu espaço de afirmação” (Vários, Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, 2003).



Figura 87 _ Jardim Gulbenkian.
(Fonte: AAFVB)



Figura 85 _ Jardim Gulbenkian.
(Fonte: AAFVB)



Figura 86 _ idem

Em 1975, o conjunto da sede, museu e jardins da Fundação recebem o Prémio Valmor, da Câmara Municipal de Lisboa (Figura 88).

No dia 4 de Novembro de 2010 o edifício-sede e o parque da Fundação Calouste Gulbenkian são classificados monumentos nacionais. Em comunicado do Conselho de Ministros, pode ler-se que o conjunto do edifício-sede e do parque da Fundação Calouste Gulbenkian, “constitui uma obra de

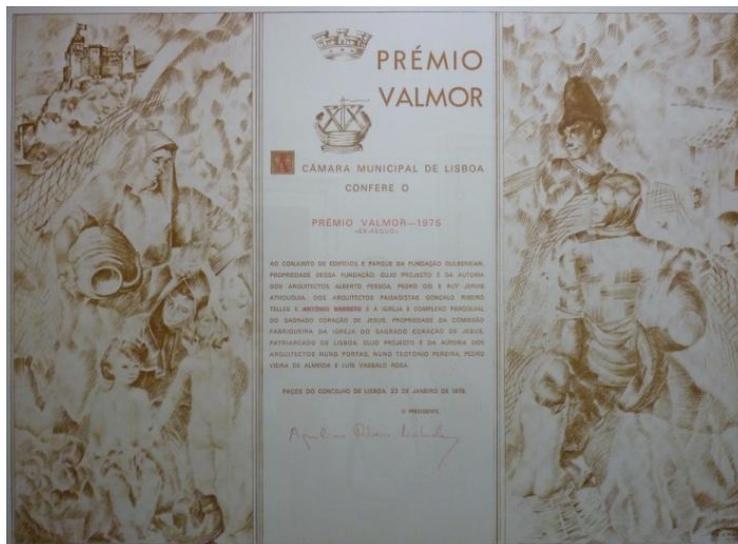


Figura 88 _ Prémio Valmor. 1975.
(Fonte: AAFVB)

dimensão, programa e competência técnica excepcionais, de importância e significado referenciais na arquitectura nacional e internacional.”²²

²² Cf. Decreto-Lei n.º 18/2010.

C. PLANO DE ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE (1967-1969)

Em 16 de Março de 1965, o Director-Geral dos Serviços de Urbanização²³, encarrega António Facco Vianna Barreto, em colaboração com Álvaro Dentinho e Albano Castelo-Branco de elaborar o Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve (Figura 89) e define como objectivos fundamentais a alcançar no planeamento algarvio, a defesa e valorização da paisagem rural e urbana.



Figura 89 _ Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.
(Fonte: AAFVB)

A vincar bem esta orientação, punha-se em destaque a importância da integração na paisagem dos novos núcleos de desenvolvimento, apontando-se a necessidade de defesa das panorâmicas da orla marítima e aconselhava-se que, no processo de humanização, se guardasse e respeitasse a raiz tradicional.

Recomendava-se sobretudo, e como norma, a concentração da expansão urbano-turística e, por consequência, a salvaguarda de largos tratos de paisagem natural. (Barreto, Dentinho, & Castelo-Branco, Ordenamento Paisagístico do Algarve, 1969)

Aludida a defesa e valorização da paisagem como objectivo primeiro de planeamento, a novidade do facto, obrigou a uma enorme pesquisa e moroso apuramento de elementos²⁴, com vista à “*demarcação, detecção de características, diagnósticos das aptidões, capacidades e potencialidades diversas da província*” (Barreto, Dentinho, & Castelo-Branco, Ordenamento Paisagístico do Algarve, 1969, p. 7).

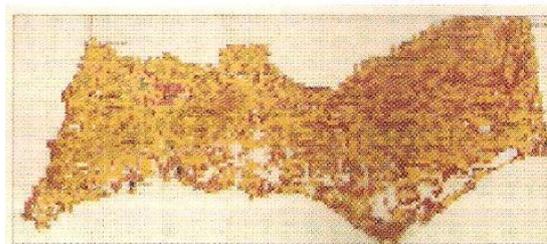
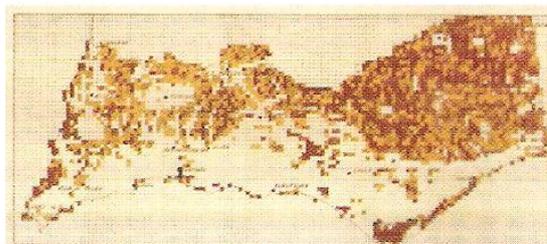
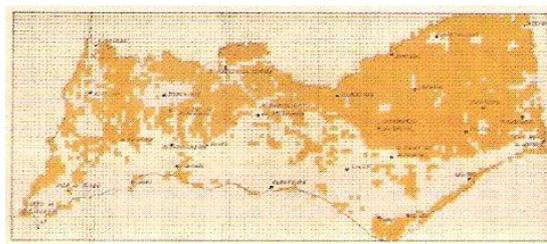


Figura 90 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.
(Fonte: AAFVB)

²³ Em cujo despacho datado de 3 de Abril de 1965, assinado pelo então Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar, se pode ler “...e se o deformarmos (o Algarve) por causa do turismo, nunca mais o recomporemos...”.

²⁴ Cf. Capítulo V – Entrevista.

Com aquela análise, conseguia-se não uma sobreposição de estudos realizados anteriormente²⁵ mas uma base que deveria responder aos atributos da paisagem analisada e sobre a qual se poderia apoiar o planeamento (Figuras 90-92).

O trabalho apresentado, divide-se assim em 5 volumes:

I. INTRODUÇÃO

1. Orientação do Estudo Preliminar
2. O estímulo turístico
3. Características naturais e próprias do Homem – seus reflexos no Ordenamento da Paisagem
4. A interpretação orgânica do relevo – as Unidades da Paisagem
5. Centros de Encontro – Centros de Distribuição

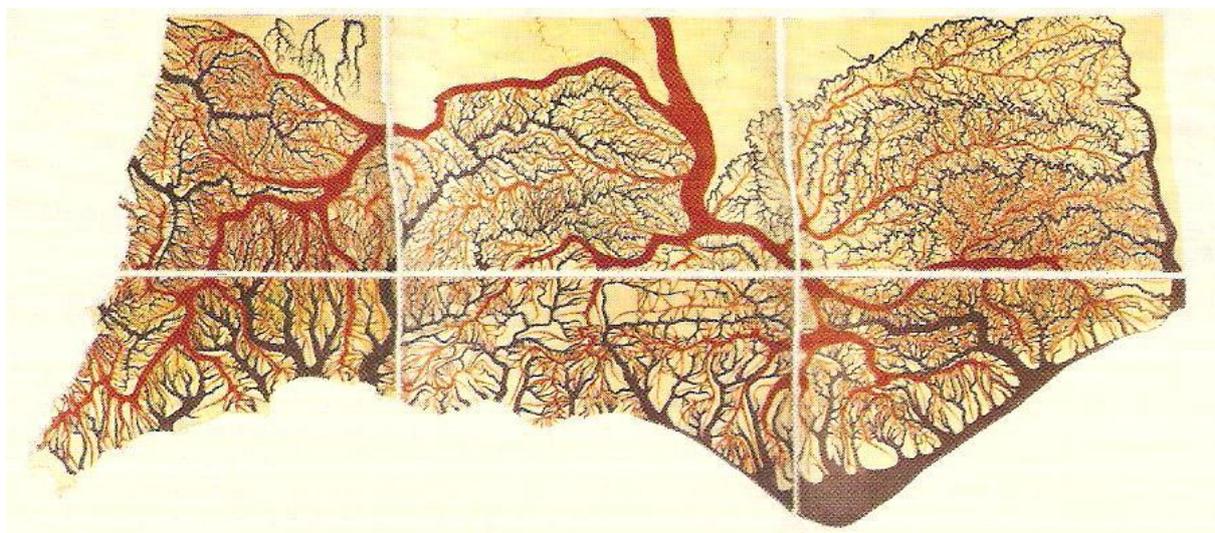


Figura 91 _ Estudo Preliminar. 1967.
(Fonte: AAFVB)

II. A PAISAGEM NATURAL COMO SUBSTRATO HUMANO

1. Estrutura paisagística da fisionomia peninsular
2. Inserção de Portugal Continental no zonamento da Paisagem Peninsular
3. As Unidades de Paisagem do Algarve
4. O relevo na caracterização local
5. Os cursos de água no Ordenamento da Paisagem
6. Os processos de utilização da água, reflexos das características da paisagem

²⁵ Trabalhos do Gabinete Técnico do Plano Regional do Algarve: Plano Regional, elaborado por Luigi Dodi, o relatório referente ao “planeamento urbanístico da Região do Algarve – Esboço e Orientação Geral (1964).

7. Índices de radiação
8. Índices de ocupação

III. A PAISAGEM HUMANIZADA COMO REFLEXO DA EXPERIÊNCIA

1. Sinais de ocupação primitiva
2. O habitat actual
3. Intensidade da ocupação
4. A implantação do habitat e o relevo
5. Habitat concentrado, linear e disperso
6. A orientação das construções
7. A capacidade do uso do solo e o povoamento
8. A ocupação em solos de qualidade
9. A ocupação em solos de qualidade intermédia
10. A ocupação em solos de qualidade inferior
11. Os solos em mosaico e sua ocupação
12. Os moinhos, o vento e a paisagem
13. Interpretação da implantação na paisagem das vias existentes
14. Vias actuais, compartimentação e escala da Paisagem
15. Climogramas e condições de conforto
16. Análise toponímica, suas relações com a Paisagem

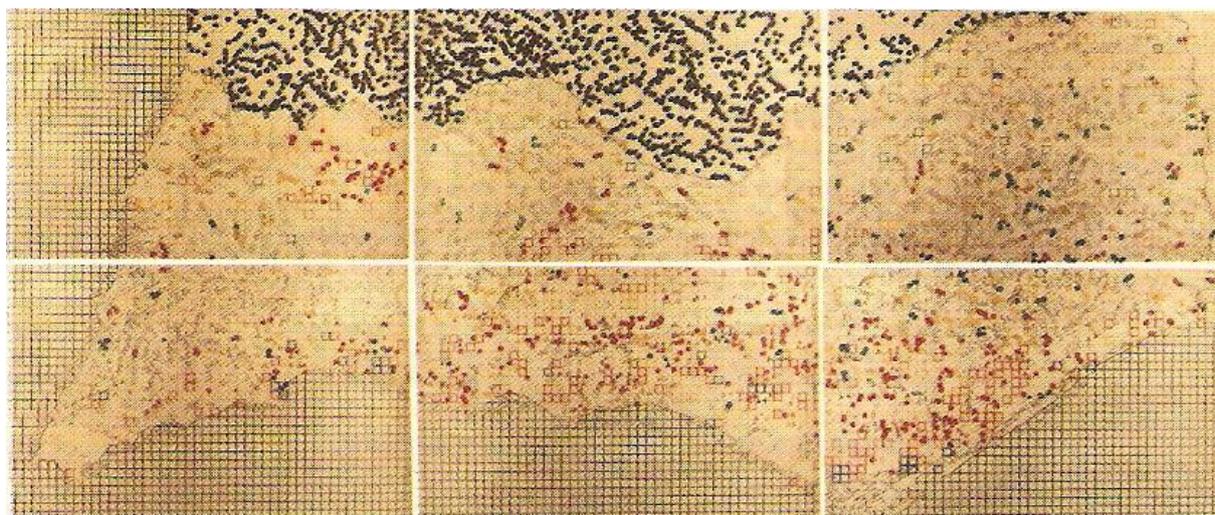


Figura 92 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve. 1969.
(Fonte: AAFVB)

IV. O USO E DOAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL E HUMANIZADA

1. Relação entre a população e o solo
2. Incidência da Carta Geral de Ordenamento Agrário no Estudo Preliminar
3. Demarcação das zonas sensíveis de protecção à Natureza e sua incidência do Estudo Preliminar
4. Prioridades de actuação

V. ORDENAMENTO PRELIMINAR



Figura 93 _ Ordenamento Paisagístico do Algarve: Síntese. 1969.
(Fonte: AAFVB)

Define-se que a Paisagem, no seu mais lato sentido, não engloba apenas aspectos de ordem estética que se revelam pela contemplação mas fundamentalmente todo o conjunto do meio físico, cultural e económico, nas suas múltiplas relações e resultantes das sucessivas intervenções do Homem no meio que o cerca.

Uma Paisagem equilibrada só existe quando a sua forma de utilização não é depredadora das suas potencialidades e aquisições de promoção.

As possibilidades de regeneração e promoção da paisagem, condicionarão o número de utentes e a sua forma de uso. “O valor do uso é afinal o valor da regeneração actual” (Barreto, Dentinho, & Castelo-Branco, Ordenamento Paisagístico do Algarve, 1969, p. 2).

A páginas tantas refere-se que “... *Exotismos sem fundamento e intervenções incontroladas, geram novos processos de evolução por vezes irreversíveis donde podem provir a “desertificação”, o aniquilamento, a morte da paisagem. (...) No nosso país, e no caso particular do Algarve, a variabilidade das condições mesológicas, determina consideráveis diferenciações regionais que reclamam actuações distintas.*” (Barreto, Dentinho, & Castelo-Branco, Ordenamento Paisagístico do Algarve, 1969, p. 5).

Também as variadas etnias, portadoras de culturas próprias, são responsáveis por diferenciações de carácter local, embora sempre adaptadas ao meio. A análise toponímica feita neste estudo revelava a variedade dos distintos grupos que moldaram a paisagem no decorrer do tempo ou que a ela se ajustaram.

Portanto, deste conjunto de factores fisiográficos, climáticos e étnicos, de intensidade e qualidade variáveis, originaram-se conseqüentemente e conforme o local, resultantes próprias. Concluiu-se que não era possível, desse modo, estabelecer uma única solução genérica para o Ordenamento da Paisagem. Daí a necessidade de uma diferenciação de áreas que pudessem considerar-se sujeitas a tipos semelhantes de composição. Era aí também que a ordem de precedência dos factores intervenientes – fisiográficos, climáticos e étnicos – abria caminho para a delimitação de unidades de paisagem e para o estabelecimento de regras locais de actuação (Figura 93 e em ANEXO B).

Este plano, “*executado antes da publicação do livro de McHarg “Design with nature” (1969), que constitui referência da metodologia de ordenamento do território até aos nossos dias (...) comprova que os Arquitectos Paisagistas, em Portugal, estavam perfeitamente actualizados, em relação ao que se executava nos EUA, na mesma época...*” (Magalhães, 2001, p. 132).

D. PARQUE DA CIDADE DE VISEU (1954 – 2004)

O Parque Aquilino Ribeiro é um dos pulmões da cidade de Viseu, resquício do tempo em que pertenceu a uma quinta medieval e à cerca de um Convento. De acordo com a documentação que chegou aos dias de hoje, aquele espaço terá correspondido a uma parte da antiga cerca do Convento de Santo António dos Capuchos, que fizera parte da medieval “Quinta de Mançorim”. Esta foi doada em 1357, ao Cabido da Sé de Viseu por D. Froilhe Anes de Sousa, viúva de D. Fernão Sanches, bastardo do Rei D. Dinis. Em 1635, a quinta foi comprada e tomaram posse os frades de S. Francisco. Seis anos depois, Frei Gregório de Jesus manda plantar na cerca do Convento, 600 pés de carvalhos e castanheiros. Mais tarde, o seu sucessor, Frei Belchior dos Reis, “*pôs muito arvoredo dentro e fora dos muros e enxertos no pomar*” (CMV, 1993, p. 9).

Em 1834, o Convento de Santo António dos Capuchos deixa de estar instalado no local e em 1835, a Câmara pede a cerca para passeio público e cemitério. No ano de 1838, a Carta de Lei de 14 de Abril, concede a cerca e a alameda para viveiros de árvores, horta botânica e cemitério (Figuras 96-97).



Figura 94 _ Levantamento. 1954.
(Fonte: AAFVB)

Durante 1845, o edifício e a cerca são entregues para Quartel da Tropa (Infantaria nº.14). Já no século XX, em 1955, o Quartel é demolido de forma a permitir a abertura da Avenida Salazar (hoje, 25 de Abril), que saía do Rossio, em direcção a Coimbra, absorvendo parte da cerca (Figuras 94-95).



Figura 95 _ Planta em 1954.
(Fonte AAFVB)

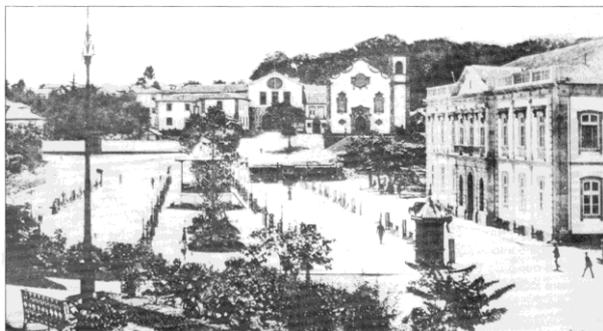


Figura 97 _ séc. XIX
(Fonte: CMV)



Figura 96 _ séc. XIX.
(Fonte: CMV)

Em 1954, Facco Vianna Barreto é chamado a fazer o estudo do “Arranjo do Parque da Cidade” numa área de 3,5h no centro urbano, para o qual pede, de imediato, o levantamento dos carvalhos existentes (Figura 98).



Figura 98 _ Levantamento. 1954.
(Fonte: AAFVB)

Os princípios fundamentais²⁶ que regeram o projecto (Figura 99) foram:

1. No princípio da construção do Parque, tentou-se reconstituir, de alguma forma, a mata conventual dos Terceiros e reconvertê-la num parque urbano.
2. Ligação pedonal "em verde" consequentemente fora do trânsito rodoviário, entre ao tempo, a "Escola nova", e o centro cívico de Viseu (Edifício da Câmara Municipal), permitindo acesso fácil à Escola e evidenciando os contrastes sombra/sol, coberto/clareira.
3. Recuperação da envolvente da Igreja dos Terceiros.
4. Reconstrução e reconstituição no parque da capela da Vitória demolida por necessidade da penetração rodoviária na Praça do Município.
5. Defesa, preparação e valorização do solo da antiga parada do Regimento de Infantaria nº.14 (anterior mata da cerca conventual), por meio de tratamento fitossanitário do arvoredo²⁷, fertilização e rega do parque.

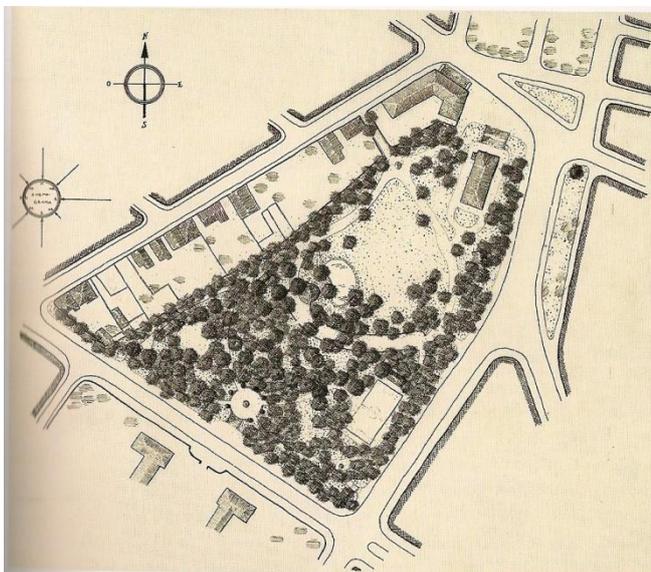


Figura 99 _ Anteprojecto do Parque de Viseu, 1954.
(Fonte: AAFVB)

²⁶ Cf. Memória Descritiva e Justificativa do Anteprojecto do Parque da Cidade de Viseu, Junho de 1954. Arquivo AFVB.

²⁷ Havia indicação inicial, mesmo na Câmara Municipal de Viseu, de que era inevitável o abate da vegetação doente, os carvalhos, e a necessidade de uma "alameda" pedonal central, desde o liceu até ao Rossio.

Ainda sobre este assunto, AFVB diz em entrevista: "Quando se iniciou o projecto do parque de Viseu, que era a parada de um quartel de infantaria revestido por um denso conjunto de carvalhos definhados e atacados por uma praga muito intensa, a ideia corrente era eliminar os carvalhos doentes. Verifiquei que todos eles estavam atacados. O pavimento parecia pedra devido à intensidade do pisoteio, de tal forma que a picareta não entrava. Resolvemos surribar o terreno com maquinaria pesada, fertilizar a terra mobilizada e atacar a praga com produto adequado. Os carvalhos mesmo doentes do parque de Viseu vão sobreviver para além de mim... alguns tinham mais de 1.20m de diâmetro de tronco. Outro exemplo, ainda em Viseu, é o do cedro atlântico que se mantém junto ao Hotel Grão Vasco. Estava previsto ser sacrificado pela abertura da nova avenida de acesso ao Rossio. Propusemos, então, o desvio da avenida e a manutenção do cedro, que hoje creio ser imóvel de interesse público" (Barreto, Paisagem, natureza e cultura, 2002).



Figura 100 _ Durante a obra. 1955.
(Fonte: AAFVB)

6. Pavimentação permeável de uma rede coerente de caminhos com valetas laterais para escoamento de águas superficiais.
7. Criação de zonas de estar diversificadas: zona infantil, ringue de patinagem para idade escolar, pequeno bar junto a clareira relvada e lago a construir no tardo da igreja dos Terceiros.
8. Utilização de pedra e materiais locais (incluindo cerâmica regional) bem como de espécies vegetais clímax ou já integradas na paisagem urbana visiense.

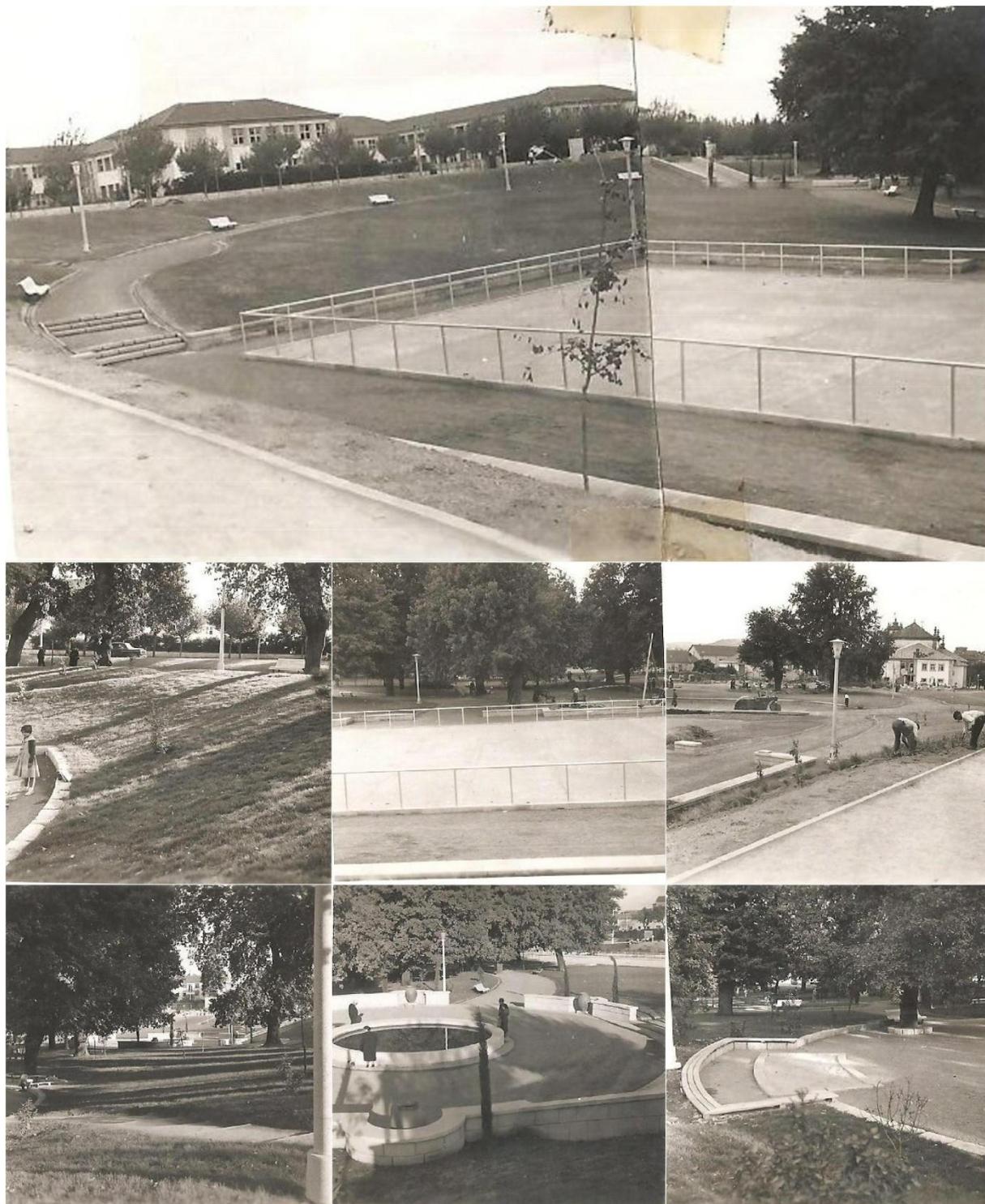


Figura 101 _ Finalização da obra. s/d
(Fonte: AAFVB)

“Desde então, a cidade de Viseu passou a dispor de um espaço verde público de grande beleza, designado até 1974 como *Parque da Cidade*” (CMV, 1993, pp. 11). A designação actual é uma homenagem ao escritor beirão Aquilino Ribeiro (Figura 100-101).

Em 2003, o parque (Figura 102) “*conserva parte substantiva da memória de Viseu, (...) no entanto, algumas das infra-estruturas carecem de requalificação. (...) Assim, e quando passam, no próximo ano de 2004, cinquenta anos sobre a sua inauguração, entende a Câmara Municipal de Viseu que é necessário prosseguir o conjunto de benfeitorias feitas, sem que o “espírito” do parque seja beliscado.*”

Porque é importante manter os princípios que presidiram à transformação do antigo Quartel de Infantaria em espaço verde de lazer, entende a Câmara Municipal de Viseu promover um convite ao autor dessa transformação e responsável pelo projecto do novo Parque da Cidade, de há 50 anos” (Ruas, 2003).



Figura 102 _ Fotografia aérea. 2004.
(Fonte: CMV)

Assim, se concretizava a reinterpretação do parque Aquilino Ribeiro na apresentação de conceitos, objectivos e condicionantes do projecto (Plano Geral em ANEXO B):

- a) Manter a estrutura fundamental do parque²⁸;
- b) Revitalizar a vegetação existente;
- c) Melhorar as condições de estadia e usufruto do parque ao longo das estações do ano;
- d) Reforçar e presença da água;
- e) Prever a construção de um restaurante de qualidade e de um bar;

²⁸A preocupação de António Facco Vianna Barreto pela vegetação do Parque, é mais uma vez demonstrada nesta Reinterpretação. Em todas as fases do Projecto, esse cuidado é revelado: “Sobre a vegetação e seu tratamento, dir-se-á que a vegetação do parque é predominantemente composta pela que é própria do carvalhal da Zona Continental Seca-Fria. Tratando-se porém de uma área verde urbana, desde o início da sua concepção se admitiu a introdução pontual de algumas espécies exóticas particularmente interessantes parte das quais, aliás, já faz parte da paisagem regional. Porém, a maioria das espécies utilizadas deveria ser sempre próxima dos carvalhais característicos das zonas climática da Beira Central, na classificação de Barros Gomes. (...) O Carvalhal que domina o parque é resquício da antiga mata. Depois da transformação em parque, a vegetação encontrou entretanto, sobretudo com a mobilização do solo, condições propícias à sua regeneração e propagou-se de uma forma natural, sem controle algum. Daí a grande densidade das plantas, as deformações de copas individuais em função das condições próprias da mata. Serão pois espécies a manter como isoladas ou como agrupamentos dominantes” (Barreto, Parque de Viseu - Projecto de Reinterpretação: Estudo Prévio, 2004).

- f) Melhorar as condições locais para a realização de espectáculos ao ar livre.

Cabia ainda apontar quais os objectivos mais relevantes que se pretendiam alcançar, tendo em consideração os condicionamentos existentes. Tentava-se pois:

- a) Não alterar significativamente quer os acessos quer o traçado dos caminhos, melhorando a localização dos espaços de estadia e mantendo porém os contrastes "coberto/clareira";
- b) Focar com especial atenção e em colaboração com os serviços municipais, a manutenção e tratamento, ao longo do tempo, dos exemplares arbóreos ou conjuntos vegetais de maior valor científico ou estético, pela antiguidade, raridade, porte ou localização;
- c) Reformar e actualizar pavimentos, plantações, infra-estruturas, e equipamentos;
- d) Deslocar e aumentar o lago que existia, encostando-o ao murete norte da esplanada central e procurando obter diferentes patamares, de forma a permitir o mais fácil movimento da água; esta passaria a constituir elemento fundamental da composição do parque: em movimento, a partir do tanque circular da entrada superior, agora dotado com repuxos central e laterais, e mais parada nos lagos receptores que marginariam as novas construções a edificar;
- e) Procurar que as novas construções (restaurante, bar e reformulação do parque infantil), beneficiassem destas alterações;
- f) Remodelar a área do relvado e clareiras, de modo a permitir mais cómodas estadias, e a instalação de um sistema de rega eficaz independente do anel periférico de segurança a estabelecer em todo o parque;
- g) Estudar com as autoridades competentes, soluções adequadas para usos de interesse cultural da capela da Vitória e a valorização dos espaços envolventes da Igreja dos Terceiros, cuja mata revive hoje no Parque da Cidade. É de notar que a parte do gradeamento que rodeia o edifício da Igreja dos Terceiros reduz, de forma considerável, o espaço livre de acesso e utilização do parque, bem como as perspectivas do interior da clareira e desta para o exterior, no sentido do espaço do Rossio.
- h) A iluminação exterior do parque seria sobretudo executada através de armaduras enterradas, dirigidas para os troncos e copas do arvoredo mais interessante, salvo casos especiais que o justificassem.

Posto isto, consideram-se alguns tópicos do projecto em fase de construção (Barreto, Parque de Viseu - Projecto de Reinterpretação: Projecto de Execução, 2008):

I. VEGETAÇÃO

A periferia do parque, limitada por gradeamento, deve ser fechada, em orla, por meio da plantação de espécies arbóreas e arbustivas próprias do carvalhal, integrando nesse agrupamento vegetal, algumas espécies de maior

desenvolvimento, como sejam a *Ilex aquifolium* e a *Prunus lusitanica*, associadas a outros géneros de menor porte, como: *Crataegus*, *Viburnum*, etc.

As áreas plantadas no interior do parque deverão ser revestidas por vegetação rasteira própria do agrupamento vegetal principal, tal como: *Ruscus*, *Vinca*, etc.

As orlas destes canteiros receberão alguns maciços arbustivos de porte reduzido, de forma a permitir uma certa intimidade do seu interior, ao mesmo tempo que protege o microclima que é próprio da mata.

As espécies exóticas a utilizar no novo plano serão escolhidas entre aquelas que constam do plano de plantação do projecto inicial, ressalvando-se apenas para desempenho de determinadas novas funções, algumas espécies diferentes.



Figura 103 _ Parque Aquilino Ribeiro: vegetação. 2003.
(Fonte: AAFVB)

II. PAVIMENTOS

No projecto inicial do parque, os pavimentos de todos os caminhos ligeiramente rebaixados em relação aos



Figura 104 _ Parque Aquilino Ribeiro: pavimentos. 2003.
(Fonte: AAFVB)

canteiros, concebidos como pavimentos do tipo superficial ensaibrado sobre caixa drenante delimitada por valetas ou lancis constituídos por paralelepípedos em granito. Por razões económicas apenas nalgumas áreas se considerou a pavimentação em calçada ou lajedo.

Entretanto optou-se por impermeabilizar os caminhos através da aplicação de betuminoso, solução que não parecia a mais adequada a espaços deste tipo.

No projecto actual, prevê-se que toda a rede de caminhos pedonais existente, que nalguns locais há-de suportar a passagem eventual de veículos ou emergências seja em calçada em granito de várias dimensões. Todos os degraus existentes serão reduzidos ao mínimo e instalar-se-ão rampas.

Criam-se novas veredas no interior da mata com pavimentos em sulipas de madeira e saibro.

III. ÁGUA EM MOVIMENTO: TANQUE E LAGOS

O tanque central da praça da entrada junto ao edifício do Liceu será a origem e o impulsor de repuxos a localizar nos nichos dos muretes existentes envolvendo a praça, os quais projectarão os jactos de água provenientes do lago central, promovendo a circulação desta através de canais pavimentados.



Figura 105 _ Parque Aquilino Ribeiro: fontes e lago. 2003.
(Fonte: AAFVB)

A circulação e transporte de água do tanque para o lago junto ao relvado far-se-á através de um canal, com socalcos, de forma a manter o ruído da água.

A transformação do lago actual e a criação de outros lagos far-se-á também, a diferentes níveis desde o Bar até ao Restaurante, com adequada vegetação envolvente.

A presença da água no parque e em particular o ruído do seu movimento, será, como se referiu, o objectivo dominante que se pretende atingir.

O aspecto mais natural do lago agora junto ao murete/banco da face Norte da alameda central por onde irrompe o novo bar, contrastará com a forma mais rígida e transparente do espelho de água junto ao Restaurante, embora todo o conjunto do tanque aos lagos se una, através dos canais de ligação marginante do troço central da rede pedonal, num sistema hidráulico a estabelecer.



Figura 106 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretação. MV. 2003.
(Fonte: AAFVB)

Junto à Capela da Vitória propõe-se como apontador um repuxo isolado.

IV. AMPLIAÇÃO DA ÁREA INFANTIL

A superfície actual da zona infantil é reduzida em relação à sua frequência usual. Daí que se projecte um alargamento da área circular central bem como se prevejam dois acrescentamentos semicirculares delimitados por ripados em madeira, com plantação para uso das crianças ou estadias para os seus acompanhantes e para proporcionar às crianças áreas livres para desenvolver a sua imaginação, sem equipamentos.



Figura 107 _ Parque Aquilino Ribeiro: parque infantil. 2003.
(Fonte: AAFVB)



Figura 110 _ Parque Aquilino Ribeiro: capela. 2003.
(Fonte: AAFVB)

VII. RESTAURANTE

A edificação subordina-se inequivocamente ao projecto do espaço exterior “subvertendo” a normal hierarquia dos projectos de arquitectura, em que rotinadamente se parte do edifício para a envolvente. Neste caso, foi a envolvente existente e projectada que condicionou a concepção do edificado.

Assim, a edificação para o restaurante encaixa-se na modelação de terreno, diluindo a sua presença volumétrica no declive que a Poente se encosta à vedação do Parque e transformando a cobertura numa série de terraços ajardinados.

A sala de refeições abre em leque sobre um grande varandim que se debruça para um novo grande plano de água proposto no estudo de recuperação do Parque Aquilino Ribeiro. O espaço de bar ocupa outro grande “gomo” deste

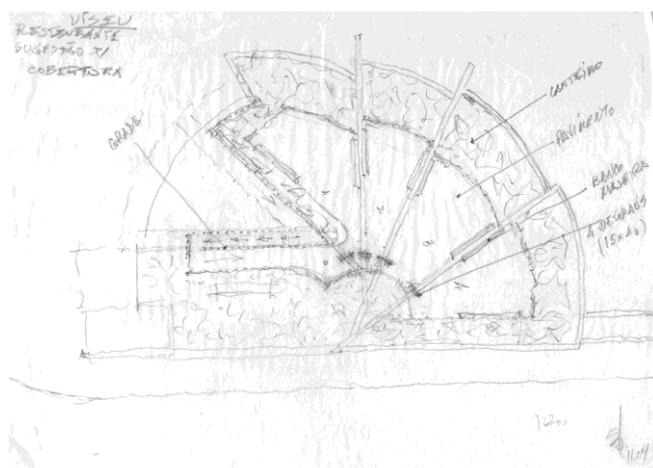


Figura 111 _ Esquiço da cobertura do restaurante. 2004.
(Fonte: AAFVB)

leque e abre sobre o parque. Um outro espaço exterior traz a água e o jardim até à entrada da sala de refeições. Assim, a penetração no espaço do restaurante é feita numa relação muito intensa com este espaço exterior onde o jogo de luzes e de sombras será determinante do ambiente que se pretende. Ao fundo da sala, uma outra janela panorâmica relaciona-se com o espaço de jardim aprisionado contra um muro exterior. Esta relação de

espaços e janelas permitirá que o acolhimento se desempenhe num ambiente quase despojado de decoração porque é a própria natureza envolvente que estabelecerá a atmosfera de vivência deste salão rodeado de água, flores e árvores que a linguagem geométrica dos vãos se incumbirá de enquadrar.



Figura 112 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretção. MV. 2003.
(Fonte: AAFVB)



VIII. BAR

O quiosque/bar terá uma linguagem muito diferente afirmando pouca perenidade, sugerindo uma construção efémera em que uma linguagem assente quase exclusivamente na madeira vai produzindo uma caixa desdobrável em gavetas, construção aparentemente provisória, que só existe em consequência da presença da envolvente e se anula perante a expressividade das árvores.

Uma plataforma lançada sobre a água permite uma especial relação de lazer com o sítio, de desfrute do deslumbrante ambiente oferecido pelo parque. Para a contemplação o ensombramento resultante da pérgola viabiliza o ambiente sereno que o parque proporciona.



Figura 113 _ Parque Aquilino Ribeiro: reinterpretção. MV. 2004.
(Fonte: AAFVB)

IV. ENTREVISTA

Actualmente, Facco Vianna Barreto ainda trabalha no seu *atelier* da rua Bernardo Lima, em Lisboa, continuando a projectar inúmeros jardins privados, bem como, aceitando convites de algumas instituições para reformulação de antigos projectos e concepção de manuais de boas práticas da profissão. Destacam-se o Manual de Projecto de Arquitectura Paisagista²⁹ (2009) a convite da Parque Escolar e o Estudo Prévio e Projecto de Execução da Remodelação da Envolvente do Mosteiro da Batalha, na Vila da Batalha (2010), de que foi autor, a convite do IGESPAR.

Posto isto, segue-se uma entrevista feita entre os meses de Junho e Setembro de 2011 onde se abordam vários aspectos da vida de Facco Vianna Barreto desde a sua juventude, vida académica e profissional, passando por alguns dos projectos referidos, suas influências e algumas questões mais filosófico-conceptuais do saber da Arquitectura Paisagista.

Quando é que primeiro teve a noção de que se entusiasmava com a Natureza? Fala-me várias vezes de São Pedro...

“Sim, sim. O meu Pai, apesar de não ser conhecedor agrícola, do campo, era uma pessoa com uma cultura geral muito vasta quer resultado da sua fase de Ensino, que prolongou pela vida fora, quer pela cultura literária que tinha. A formação do Pai era muito eclética, cobria uma quantidade imensa de saberes, desde a Arte, as Ciências, da Literatura à Matemática, de que foi professor, escrevia muito bem com uma enorme facilidade de exposição. Era realmente um pedagogo.

Nós passávamos temporadas no Verão em S. Pedro de Sintra, por causa da doença da minha Mãe. Como dizia o seu médico e primo Jacinto (Moniz de Bettencourt), Sintra era humidade até à cintura e nevoeiro da cintura para cima!

A minha vocação para a Agronomia talvez tenha sido despertada por ter estado com o Pai em S. Pedro, porque me lembro de vários passeios pela serra e o meu Pai era muito sabedor e sensível à interpretação da Natureza... Já estou a fazer a ligação à Arquitectura Paisagista... Quando ia para a Serra com o Pai, não sei o que se terá passado mas o que é facto, é que é o principal contacto que tenho assim vivido com a Natureza.”

²⁹ Este documento, da autoria de Facco Viana Barreto, Margarida Valle e Francisco Salvação Barreto, constitui-se como um guia para a intervenção nos exteriores do recinto escolar, apresentando, por um lado, um conjunto de princípios de intervenção, desde a caracterização e condicionantes das paisagens, às funções e modelos do recinto escolar em matéria de Arquitectura Paisagista e, por outro, constituindo-se como regulador na concepção do projecto de exteriores e paisagismo, através da indicação de recomendações de âmbito geral.

Também me lembro que gostei muito de uma cadeira de Biologia no Colégio Militar, de que me recordo da Botânica e depois uma ligação mais sentimental, por um tio-avô³⁰ que era um sábio botânico e eu recebi uns livros dele... Depois até apanhei o Miguel³¹ como colega e depois professor, que posteriormente foi chamado pelo Pai para a Câmara. Fez parte da equipa de Botânica da Câmara.

Mas onde encontro mesmo as ligações à Natureza é nesses Verões em miúdo. É engraçado, não é?! Já pensei várias vezes nisso... Porque é que fui dar à Arquitectura Paisagista se não tinha contactos nenhuns... Foi no Instituto.”

Onde entra para estudar Agronomia. Porquê Agronomia?

“A determinada altura o meu irmão Zé ia para Engenharia Química (como foi), e o Zé e eu estávamos sempre juntos. Pensei que ia para Engenharia de Minas para estudarmos juntos. Fazíamos ali o conjunto das especialidades. Foi o Pai que, e muito bem, suave mas firmemente como sempre, me convenceu que não fosse. Porque eu tinha asma e as minas e humidades não eram o indicado. Convenhamos que também não houve grande resistência minha... Minas porquê?!

Não sei mesmo porquê... Eu admito que realmente esta ligação a Sintra é o único aspecto que me leva a valorizar a Natureza... Também vivia em São Sebastião da Pedreira que era campo... Arredores de Lisboa...”

Posto isto, depois da Agronomia...

“Aí sim. É lá que faço a descoberta da Arquitectura Paisagista. Foi o Edgar (Fontes) que me fez descobrir...”

Mas já estava a meio do curso de Agronomia ou foi logo no princípio?

“Foi logo no princípio.”

E fez logo o Curso Livre em paralelo ou acabou primeiro Engenharia?

³⁰ Tio e primo de sua Mãe, D. António Xavier Pereira Coutinho (11.06.1851-27.3.1939) foi lente catedrático da Escola Politécnica e do Instituto Superior de Agronomia, Doutor *Honoris-Causa* pela Universidade de Coimbra, insigne botânico (Mattos e Silva, 2006). Autor de inúmeras obras de que se destacam: *Os fenos espontâneos e as palhas de trigo em Portugal*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1884; *Curso de silvicultura*, Lisboa 1886-1887. - 2 V.- V. I: *Botânica florestal* (3 ex.)- V. II: *Esboço de uma flora lenhosa portuguesa* (4 ex.); *As Juncáceas de Portugal*, Imprensa de Coimbra, Coimbra, 1890; *Elementos de botânica: 1ª e 2ª partes do curso dos liceus*, Guillard Aillaud, Paris, 1892; *Contribuições para o estudo da flora portuguesa*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1894; *A flora de Portugal: plantas vasculares, disposta em chaves dichotómicas*, Bertrand, Lisboa, 1913; *Notas da flora de Portugal*, Bertrand, Lisboa, 1915; *Flora de Portugal: plantas vasculares.- 2ª Ed.*, Bertrand, Lisboa, 1939, etc.

³¹ D. Miguel Carlos de Moraes Pereira Coutinho (12.3.1915-?), neto do anterior. Engenheiro Agrónomo, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia (de que foi reitor até 1974), membro de numerosas sociedades científicas nacionais e estrangeiras (Mattos e Silva, 2006).

“Fiz Engenharia primeiro. Mas já com o fito da Arquitectura Paisagista... O Pai já estava na Câmara³² e pode ter sido nessa altura... Comecei a pensar no relatório final de curso sobre Monsanto³³...”

Foi nessa altura que começou a ser pensado...

“Foi e tive influência naturalmente do meu Pai.”

Então a sua tese deve ter sido dos primeiros escritos sobre a Mata de Monsanto?

³² Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto (26.06.1890-24.11.1975). Foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa de 1944 a 1959. No dia 6 de Março de 1954, aquando da homenagem pela Cidade pelo décimo aniversário da sua posse, o Dr. Oliveira Ramos elogia a personalidade que “veio para a Câmara para servir e não para demolir”. Acrescentou ainda que “na obra realizada (...) aquilo que se vê e o que se não vê, tudo o que fez durante 10 anos, representa a renovação da Cidade”. Agraciado com várias Ordens e medalhas: Grã-Cruz da Ordem de Cristo, medalha de ouro da Cidade, etc.

Resumem-se as obras municipais levadas a efeito: Plano e realização de Alvalade; Plano e realização da Encosta do Restelo; Parque Florestal de Monsanto; Parque Eduardo VII; Zona a Norte da Alameda Afonso Henriques; Praça D. João I; Iluminação da Cidade; Zona Industrial dos Olivais; Abertura da Avenida Infante D. Henrique; Avenida Infante Santo; Avenida Jacinto Nunes; Avenida de Ceuta; Matadouro e Frigorífico de Lisboa; Central Leiteira; Casas de renda económica – 340 prédios em Alvalade; Casas para classes pobres – 600 fogos; Escolas numerosas para cerca de 7.500 alunos; Caneiro de Alcântara; Balneários de Alcântara e da Serafina; Restaurante de Alvalade, Montes Claros e Castelo de S. Jorge; Campo Grande, Restauradores e o edifício da Rua 1º de Dezembro; Mercados do Chão do Loureiro, Rua Heliodoro Salgado, Alvalade, Campo Grande, Forno do Tijolo; Construção e remodelação de jardins e placas ajardinadas; Viadutos da Avenida da República, Avenida de Roma; Pampulha, 2ª Circular; Construção de novos arruamentos: Bairro de Alvalade, Zona Industrial dos Olivais, Encosta do Restelo, Zona da Alameda D. Afonso Henriques; Parque Eduardo VII; Reconstrução de arruamentos: ruas da Baixa (Prata, Fanqueiros e transversais), Rua do Carmo, Rua Garrett, Rua Nova do Almada; Largo das Duas Igrejas, Praça Luís de Camões, Rua do Alecrim, Rua da Misericórdia, Rua D. Pedro V, Rua da Escola Politécnica, Rua Alexandre Herculano, Rua Morais Soares, Rua Pascoal de Melo, Rua dos Anjos, Avenida D. Carlos I, etc. Viação e trânsito: duplicação das linhas da Carris na Calçada de S. Francisco, S. Pedro de Alcântara, Rua da Madalena, Sé, Parques de estacionamento, rede de transportes em autocarros: em dez anos o número de passageiros transportados subiu de 498.395 a 56.402.507. (CML, Revista Municipal, 1954).

Em 29.12.1959 dá-se a inauguração oficial do Metropolitano de Lisboa. A rede em exploração compreendia 11 estações formando uma linha em "Y" com os dois ramos, "Entre Campos - Rotunda" e "Sete Rios - Rotunda", concorrentes nesta estação, constituindo em seguida um troço comum "Rotunda - Restauradores". A exploração era realizada com comboios de duas carruagens, ambas motoras. (Metropolitano, 2011) Cultura: Publicações culturais, valorização dos museus municipais, conferências, publicações artísticas, concertos populares, participação em congressos e festejos populares. Exposição *25 anos de Cultura*, que revela com minúcia a actividade dos serviços desde 1933; Publicações: *Lisboa, Oito Séculos de História*, primeira tentativa de uma história de Lisboa, *As Casas da Câmara, o Carmo e a Trindade*, e “quantas mais obras, em edições primorosas”, a *Revista Municipal*, repositório de acontecimentos e de estudos de alto valor histórico, arqueológico e etnográfico e o *Inventário de Lisboa*. Instalação do *Museu da Cidade* e o de *Bordalo Pinheiro*; Aquisição das colecções do Mestre Augusto Vieira da Silva e de José Barcia; Criação do *Arquivo Histórico da Câmara*; Fundação de várias bibliotecas fixas: Alcântara, Poço do Bispo, Boa Vista, Duque de Loulé, Encarnação, Pedrouços, etc., outras ao ar livre, nos jardins, outras itinerantes nas sedes das juntas de freguesia, e ainda para crianças; Realização durante alguns anos de espectáculos exclusivamente para operários no dia 1º de Maio e, para crianças, no ciclo do Natal; Conferências proferidas pelos mais altos valores das letras: Júlio Dantas, Reinaldo dos Santos, Augusto de Castro, Vieira da Silva, Matos Sequeira, etc; Exposições nacionais de floricultura e da imagem da flor. Por especial decisão do Presidente, foi dado aos concertos sinfónicos com entradas gratuitas e exibição dos melhores artistas nacionais, e outros de fama mundial; Prémios, medalhas, estátuas e lápides, as comemorações centenárias, as festas da cidade, o primeiro congresso ou reunião olisiponense, a *Voz da Cidade*, etc. (CML, Revista Municipal, 1959).

³³ Relatório de Final do Curso de Arquitectura Paisagista “O Parque de Monsanto e a Cidade de Lisboa”, ISA, Lisboa, 1952.

“Creio que sim. Pelo menos nunca tive noção do contrário.”

Voltando à sua descoberta da Arquitectura Paisagista, quando chegou, já estavam o Edgar Fontes, o Manuel Azevedo Coutinho, o Gonçalo Ribeiro Telles a ter aulas com o Professor Caldeira Cabral? Entrou para a turma deles?

“Sim, sim. Eles já tinham começado as aulas há algum tempo. Eu fui o quarto a sair. Primeiro o Manuel, depois o Gonçalo, o Edgar e eu. Depois parece-me que foi o Fernando (Vaz Pinto), o António (Campelo), o Ilídio (de Araújo) e essa malta toda por aí fora. Esse grupo que fui conhecendo ao longo do tempo...



Figura 114 _ Jantar no Restaurante Trindade em comemoração do fim de curso de Manuel Azevedo Coutinho. Facco Vianna Barreto, 2º a contar da esquerda; Ribeiro Telles, Azevedo Coutinho, Lobo de Vasconcelos, Edgar Fontes, António Campello e outros não identificados.
(Fonte: AJLV)

Eu tive a sorte de fazer parte de um grupo de primeiros profissionais, bem orientados por um Mestre de facto, que foi o primeiro

nacional. Grupo esse muito coeso que teve o privilégio de ser orientado por uma pessoa fora do comum, o Caldeira Cabral. Com os seus defeitos, que todos temos, mas com as qualidades que toda a gente lhe reconhece e que a vida foi demonstrando serem muito superiores àquilo que se supunha. Tive portanto esse privilégio, é-o de facto, de viver esse tempo. Um tempo de, vá lá, de heroicidade dos primeiros passos dum grupo de miudagem (Figura 114) cheio de entusiasmo e que se preparou profissionalmente para a Vida com entrega praticamente total do Caldeira com esse grupo. É verdade, toda a gente que o conheceu, sabe que assim é.”

Trabalhou com todos eles?

“Sim, trabalhei com todos. Em relação ao Manuel, fui eu que me dispus primeiro a trabalhar com ele. Fizemos o jardim da Igreja Matriz de Alcochete e outras. Depois trabalhei, de uma forma geral com todos, com maior ou menor assiduidade. Principalmente com o Álvaro (Dentinho) com que partilhei uma importante parte do caminho.”

Quando sai do Instituto...

“Sou convidado para trabalhar na Junta da Cortiça. No fim entrego o relatório de Silvicultura.³⁴”

Depois foi para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU)...

“Fui convidado pelo Eng. Sá e Melo³⁵, então director da DGSU. Tinha feito o arranjo exterior da Fábrica da COVINA, em Santa Iria da Azóia, com o Arq. Carlos Rebelo de Andrade³⁶. Foi o primeiro trabalho que fiz.

Na apresentação do projecto, lá aparece um miúdo a falar da utilização das espécies da nossa Flora e de enquadramento... o que era uma coisa disparatada. Enfim, tentei justificar o uso das nossas espécies, nos locais adequados, de acordo com as suas características e do meio. Era a forma mais rápida, económica, enfim sustentável de realizar o que se pretendia.”

Numa altura em que não se falava sequer disso...

“Nem pensar. Nem se sabia que era a forma mais sustentável de realizar. Isto teve origem na noção de capacidade, da definição de aptidões, que ainda hoje em dia há quem não aceite...”

Sou então convidado a mando do Eng. Sá e Melo para integrar os serviços da DGSU.”

É então que faz o seu primeiro trabalho na DGSU, a Torre de Belém...

“O Eng. Sá e Melo pede-me para eu fazer um desenho e envia para o Ministério das Obras Públicas...”

Não ficou aflito com a responsabilidade do projecto?

“Fiquei aterrado. Para se ter noção do atraso em que isto estava, para conseguir trabalhar nas plantas da Torre de Belém e do Parque de Viseu, tive que desmontar umas janelas na DGSU para fazer de estirador. Porque o estirador que me deram tinha fendas onde cabia um dedo... Estava a trabalhar e o papel de cenário que forrava o estirador abria rasgos. Enfim, cheguei à conclusão que as únicas superfícies lisas e suficientemente grandes para trabalhar eram as janelas... Daí tiro a noção que aquele miúdo apercebeu-se que o que era importante era fazer o desenho. Aonde e como? Logo se descobre como é...”

³⁴ Relatório de final de curso “*Acerca do comportamento das espécies Quercus suber e Quercus ilex, em terreno basáltico da Serra de Monsanto*”, ISA, Lisboa 1952.

³⁵ Manuel Duarte Moreira de Sá e Melo (1892-1975) foi engenheiro civil e distinguiu-se como comissário-adjunto da *Exposição do Mundo Português*, tendo sido durante largos anos Director-Geral dos Serviços de Urbanização, do Ministério das Obras Públicas.

³⁶ (1887-1971) Sogro de seu irmão, o médico Dr. João Facco Vianna Barreto. Colega de Carlos Ramos, Cristino da Silva e Pardo Monteiro, formando o que considera ser o maior lote de arquitectos que a Escola de Lisboa jamais formara. Para além de inúmeros projectos, projectou juntamente com o seu irmão, Guilherme Rebelo de Andrade, a Fonte Luminosa na Alameda D. Afonso Henriques, o Pavilhão Carlos Lopes, a moradia na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 52, em Lisboa, que recebeu o Prémio Valmor em 1939, etc.

Na Torre de Belém, aprendi imenso com o José dos Santos, que era o jardineiro que estava a trabalhar comigo.”

Já me contou que havia uma outra proposta para o espaço...

“Sim também tinha chegado ao Ministério das Obras Públicas, um projecto do então Director-Geral dos Monumentos Nacionais. Ele tinha criado uma alameda desde a Torre de Belém até à Avenida da Índia, com estátuas dos Descobridores de ambos os lados. Que era o que se fazia na altura. Não digo nem mal, nem bem mas não era a minha visão. A minha solução foi totalmente oposta. Foi não fazer aparentemente nada e deixar brilhar a Torre de Belém. Era procurar acessos e pontos de vista sucessivos que valorizassem os diversos pontos de observação, visto que estamos perante as “traseiras” da Torre e não do alçado principal, porque esse está virado para o rio. Basicamente pretendia-se enquadrar a Torre com uma mancha de vegetação. A única coisa que se deixava separado era um conjunto de três exóticas a indicar o caminho de Goa.”

Mas estava a falar da outra proposta. Teve que justificar as suas escolhas de projecto?

“Exacto. Há aí várias coisas a aprender. Conheci nessa altura um grande homem, o Arantes e Oliveira³⁷, a quem o País ainda deve imenso. Era uma pessoa fora do comum. Tinha sido aluno do meu Pai no Colégio Militar, a quem deu o único 20. Quando chegou à Câmara de Lisboa encontrou-o num dos serviços. Creio que dos serviços de sanidade. Aliás, ele fez o estudo de reorganização dos esgotos de Lisboa, cujo mote era “Tudo à guia”. É um “slogan” engraçado. Porquê? Porque na altura se chegou à conclusão que todas as soluções de esgotos de Lisboa iam para o farol da Guia, em Cascais. Como toda a bibliografia sobre o assunto era em alemão, ele acordava todos os dias mais cedo e das 6h às 7h30 estudava alemão. Em seis meses falava alemão. Mais tarde chegou a Ministro das Obras Públicas.

Foi ele que, com essas duas propostas para a Torre de Belém, me manda chamar. Fiquei aterrado. Marcou uma reunião no Conselho Superior das Obras Públicas comigo e com uma data de “trutas” que mandavam no País... Lá estava eu muito pequeno ao fundo da mesa... A certa altura o Director-Geral dos Monumentos Nacionais começa a apresentar o trabalho. Fá-lo genericamente e o Arantes interpela-me: “Ó Eng. Barreto, qual é a sua visão? O que pensa disto?” Eu lá tentei responder o que achava e ele percebendo que eu estava acanhado diz: “Eng. Barreto, defenda a sua ideia!”. Foi um empurrão. Lá argumentei como pude. Enfim eu era um estagiário

³⁷ Eduardo Arantes e Oliveira (1907-1982). Foi um dos pioneiros da hidráulica sanitária em Portugal, tendo publicado a obra “Os Esgotos de Lisboa” de cuja elaboração foi encarregado pela Câmara Municipal de Lisboa; No que se refere à habitação foi um dos principais responsáveis pela concepção e planeamento do Bairro de Alvalade, em Lisboa; Director do Serviço de Urbanização e Obras da Câmara Municipal de Lisboa até 1947; Tomou posse como primeiro Director do LNEC em 2 de Abril de 1947; Ministro das Obras Públicas de 1954 a 1967; Presidente do Conselho Superior de Fomento Ultramarino a partir de 1967; Governador-Geral de Moçambique em 1970/71; Membro vitalício do Conselho de Estado; Doutor *Honoris-Causa* pela Universidade de Lisboa (Faculdade de Ciências); Grã-cruz da Ordem de Cristo, de Santiago de Espada, do Infante D. Henrique, do Cruzeiro do Sul e de Rio Branco, no Brasil; Cidadão Honorário de quase todos os municípios portugueses (LNEC, 2011).

dos Serviços de Urbanização, o outro era Director-Geral... Eu lá disse que o importante era valorizar a Torre e tudo o que fosse pôr em destaque essa obra do Homem, era o que se pretendia no projecto. E não ser o projecto a sobrepor-se à Torre. O projecto não se podia sobrepor ao objectivo. Lá consegui passar a minha ideia.”

Lembra-se se na altura teve que fazer alguma cedência?

“Tinha desenhado um anfiteatro a fazer a transição para a Torre. Por exigência do Porto de Lisboa, construíram-se uns “esporões” (que estão lá) nos topos. Não estavam previstos no projecto inicial... Era suposto ser aberto. Suponho que seja por isso que volta não volta, assoreia.”

Em paralelo com a vida na Função Pública, trabalhou sempre no seu *atelier*?

“Sim. Tive sempre essa preocupação. Tive despachos da hierarquia, neste caso do Arantes e Oliveira, no sentido de autorizarem o trabalho fora dos serviços do Estado. Pedi sempre autorização para fazer projectos no *atelier*.”

O Hotel *Ritz* (1956) é um desses casos...

“Sim. O *Ritz* é projecto do Pardal Monteiro³⁸, que na altura me desafiou.”

Falo do *Ritz* porque sei da importância dos conhecimentos que adquiriu nesse projecto foram essenciais mais tarde. Em 61 a Fundação Gulbenkian promove um concurso, limitado a três *ateliers* de arquitectura, para construção da sua sede e museu. É desafiado pela equipa do Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d' Athouguia. Como é que é desafiado a integrar a equipa?

“Já tinha colaborado com o Ruy³⁹ numa série de projectos e ele desafiou-me a fazer parte da equipa, na fase de concurso. É essencial a nossa integração desde o princípio do projecto. Foi-o na escolha da vegetação a manter

³⁸ Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), Arquitecto. Da sua obra destacam-se: Edifício na Avenida da República, 49 - Prémio Valmor, 1923; Estação Ferroviária do Cais do Sodré, 1925-28; Palacete Vale Flor - Prémio Valmor, 1928; Moradia na Avenida 5 de Outubro, 207 a 215 - Prémio Valmor, 1929; Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima - Prémio Valmor, 1938; Edifício do Diário de Notícias - Prémio Valmor, 1940; Edifícios da Faculdade de Letras e da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; Campus universitário e edifícios do Instituto Superior Técnico, 1939; Biblioteca Nacional, 1955; Hotel Tivoli, em Lisboa; Hotel Ritz, 1952-1959 (Vários, Biblioteca Nacional Exterior/Interior, 2004).

³⁹ Seu cunhado, Ruy de Sequeira Manso Gomes Palma Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto (01.01.1917 – 21.07.2006) foi um dos expoentes da arquitectura modernista portuguesa.

Formado pela Escola de Belas Artes do Porto, o arquitecto Ruy d' Athouguia é um dos mais destacados arquitectos da chamada Geração Moderna portuguesa, caracterizando-se o seu trabalho por um grande talento e radicalidade no domínio das questões espaciais, pelo rigor e depuração geométrica das formas e pelo uso inovador dos materiais, particularmente o betão à vista.

Do seu trabalho destacam-se o Bairro das Estacas, projectado em parceria com Formosinho Sanchez (1949/55), as Escolas Primárias do Bairro de S. Miguel (1949/53) e Teixeira de Pascoaes (1956/61) e a Escola Secundária (antigo Liceu) Padre

e no tipo de tratamento a dar ao revestimento vegetal da cobertura do parque de estacionamento. Era realmente do projecto do *Ritz* que trazia essa experiência. A equipa ganhou o concurso. Depois nas fases de projecto que se seguiram, e sempre conciliando com o trabalho na DGSU, sugeriu-se ao Guimarães Lobato que se convidasse o Gonçalo. Na altura ele estava mais livre, tinha saído da Câmara de Lisboa... Desenvolvemos então o projecto de execução. Responsabilizo-me por tudo no bom e no mau. Por exemplo, na inauguração, o Azeredo Perdigão⁴⁰ estava a passear pelo jardim e tropeçou num dos quadrados... Vi a vida a andar para trás!”

Entremos então nalgumas questões de fundo da profissão. O que é, para si, a Paisagem?

“A noção de paisagem foi durante muito tempo considerada como sinónimo de “campo” de “natureza” para alguns, de “terra cultivada” para outros. Também a distinção entre “paisagem natural” e “paisagem humanizada” é relativamente recente.

De qualquer forma, o termo paisagem contém em si próprio, e para todos os sinónimos, três características fundamentais:

1. Lugar
2. Natureza (ambas noções próprias da Ecologia)
3. Tempo

Noções assumidas e especificamente tratadas na Arquitectura Paisagista:

1. Território: sua caracterização
2. Natureza: previsão e reflexos das acções humanas
3. Tempo: variações culturais e estéticas”

Então o que é a Arquitectura Paisagista?

“A designação de Arquitectura Paisagista provém do termo alemão “Landschaftsgestalten” palavra que significa projecto da paisagem ou construção da paisagem.

António Vieira (1959/64), bem como parte dos edifícios circundantes da praça de Alvalade; em Cascais realizou projectos de habitação durante a década de 50, bem como a Torre do Infante. O seu trabalho mais importante é a sede da Fundação Calouste Gulbenkian, que projectou em parceria com os arquitectos Pedro Cid e Alberto Pessoa (1959/69).

Em Dezembro de 2003 a Ordem dos Arquitectos organizou no Palácio Galveias em Lisboa uma exposição retrospectiva sobre a sua obra, integrada na temática Arquitectos da Geração Moderna.

Juntamente com Alberto Pessoa, Pedro Cid, Gonçalo Ribeiro Teles e António Facco Vianna Barreto ganhou Prémio Valmor 1975, pelo conjunto arquitectónico: Sede, Jardins e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (Correia, 2008).

⁴⁰ José Henrique de Azeredo Perdigão (1896-1993), advogado, foi o primeiro Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1955 e 1993.

Trata-se, para nós, de um neologismo, uma palavra composta que o Professor Caldeira Cabral sempre traduziu – ele que se especializou na Alemanha e introduziu a arte em Portugal – por Arquitectura Paisagista. Como substantivo próprio e não como adjectivo ou qualificativo do termo arquitectura, pois que se trata de uma arte diferente da Arquitectura propriamente dita.

É a designação de uma profissão. O Arquitecto Paisagista é aquele que arquitecta a paisagem, que a estuda, que a pensa, a idealiza e a constrói.

O termo que define a profissão é um substantivo formado por duas palavras que, unidas, assumem um significado próprio. Pessoalmente, creio por isso que o termo deverá ter sempre um hífen de ligação: Arquitecto-Paisagista e não as duas palavras separadas: Arquitecto e Paisagista. Deste modo, a palavra “paisagista”, não é um adjectivo de Arquitecto, mas sim um substantivo composto, que lhe atribui um significado específico. Arquitecto-Paisagista, ou seja, aquele que arquitecta e paisagem.

O que verdadeiramente distingue a Arquitectura Paisagista de outras áreas mais antigas, e portanto mais divulgadas, como a Arquitectura, a Escultura, ou a Pintura, é a utilização pela primeira, na sua composição fundamental, de materiais vivos, em especial plantas. Plantas essas que evoluem consoante o lugar e as estações do ano – da beira do mar ao alto da montanha, do Inverno à Primavera.

Daqui resulta que nesta arte intervém, como ciência e como arte que é, uma nova coordenada essencial, diversa daquelas outras que é o *Tempo*.

Dir-se-á até, nesta perspectiva, que a Arquitectura Paisagista como ciência e como arte, que é, de certa maneira se associa à Música, a qual, o ouvinte só a “sente” verdadeiramente à medida que as ondas sonoras da composição se vão produzindo e prolongando no decorrer do tempo. Também a Arquitectura Paisagista só verdadeira e totalmente se revela ao longo do tempo e da história, no mudar das estações.

Tal como a na música e na apreciação da sua vertente estética, também são atributos da Paisagem o ritmo, o compasso, a harmonia, o contraste, a escala. E igualmente não chega só a inspiração para compor. É indispensável também o domínio da técnica e o apoio da ciência que por sua vez não basta só.”

E, então, o que é para nós, Arquitectos Paisagistas a *Paisagem*?

“É o reflexo visual de um território devidamente caracterizado que assim revela o dinamismo dos sistemas biofísicos e culturais que o compõem.

A paisagem é neste sentido, o entendimento mais profundo da luta do *Homem* e/ou da *Natureza*, procurando permanentemente um equilíbrio nunca verdadeiramente alcançado, como regra geral que este é da Biologia, onde o *tempo* desempenha o seu papel próprio da vida.

O espaço onde o Homem vive é sempre e consecutivamente alcançado no decorrer do tempo, pois este varia permanentemente e com ele as coisas vivas. Por outro lado, o Homem desloca-se e altera por isso o espaço em que inicialmente se encontrava. Espaço e Tempo variam pois constantemente. Tal como a Natureza e o Homem.

A paisagem é o reflexo visual e a interpretação da vida num território e em determinado intervalo de tempo."

Então porquê Ordenamento do Território e não Ordenamento da Paisagem?

"Porque na linguagem corrente não se encontra totalmente evidente o significado que o Arquitecto Paisagista faz da paisagem. Esta é, normalmente, apenas semelhante à visão estética do campo, não se dando ao termo a profundidade que ele efectivamente tem e que resulta de uma meditação mais profunda assente em bases científicas que se exige ao profissional que trata e molda a paisagem⁴¹.

Quando se fala de território tem-se em mente uma noção de *espaço* confinado, concreto, definido. Não é um espaço qualquer, mas este ou aquele espaço preciso, com as suas características próprias. Daí a necessidade de levar por diante um estudo apurado dos vários parâmetros que *caracterizam* esse espaço e *definir* o *território*. Para o Arquitecto Paisagista, a primeira atitude será pois a de conhecer as características do território, para posterior definição das suas diversas *aptidões*. Com base nessas aptidões, assim se propõem as localizações das diferentes actividades económicas ou outras, incluindo as necessidades lúdicas e de recreio das populações.

O *sistema ecológico* que nos aspectos biofísicos caracterizam o território, subdivide-se em: clima, água, relevo, solo, flora, fauna e Homem.

O sistema ecológico é um *sistema fechado* – nele "nada se *cria*, nada se *perde*, tudo se *transforma*" – apenas *aberto ao tempo* que é a variável fundamental. Tudo está interligado, E cada subsistema interage com cada um dos outros subsistemas. Mas o homem, como *elemento natural* componente do sistema, interfere também na produção e consumo da energia da natureza, porque está, de facto, integrado no ecossistema.

Porém, quando o Homem, *agente cultural*, transforma os elementos do sistema fundamental, e os modifica em seu benefício, surge a *paisagem humanizada*, que mais não é do que o território natural transformado pelo homem. Mesmo a *paisagem natural* é conceito da cultura humana, onde tem lugar a *estética* e a *harmonia*. O homem passa então de elemento *natural* a elemento *cultural*, respeitador e beneficiário privilegiado da natureza. Os subsistemas componentes do sistema ecológico transformam-se então na *agricultura*, na *caça* e na *pesca*, na *indústria extractiva* e na *transformadora*, nos *equipamentos*, nos *canais urbanísticos* e de *comunicação* impressos no território, transformando deste modo o sistema natural na *paisagem* que evolui no decorrer do *tempo*.

⁴¹ Em 1969 elaborou-se, como se referiu neste trabalho, para o Algarve um Plano de Ordenamento que foi designado por *Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve*.

Ordenar é pôr em ordem. Organizar e tornar orgânico. Neste contexto, será então preparar o território para alcançar um objectivo. Colocar as peças do sistema no seu lugar adequado a fim de produzir, com o mínimo de recursos, o máximo de rendimento, sem degradar ou explorar exhaustivamente o “capital fundiário”. Antes usando apenas, nessa base, o “capital de exploração”!

Isto será possível de planear se o território for devidamente reconhecido como paisagem, isto é, reconhecidas e apuradas as suas características territoriais.

Mas, permite-me a especulação filosófica, o homem é também, no conceito da civilização cristã que a todos nos abrange, o ser que nascido na terra, a partir de uma origem Alfa, tem um destino *sobrenatural*, o ponto Ómega. E assim como, pela sua sensibilidade e cultura, transforma ao longo da sua vida a natureza (ambiente natural) em paisagem (ambiente cultural), ele alcançará o seu fim último ao realizar, na harmonia do todo, a transformação do mundo.”

E esse Ordenamento é feito...

“Numa série de fases. Primeiro há que reconhecer e caracterizar as diversas parcelas do conjunto. Depois definir as suas aptidões e vocações, potencialidades e capacidades do Território e da Paisagem. A seguir apuram-se as tendências da evolução das populações. Tenta então, tornar-se em orgânico e sistema “espaço-população”. Criam-se incentivos positivos neste contexto e finalmente, verificam-se os impactos e o seu controle.

Ver, sentir, entender a paisagem, é como tudo na vida. Há aquele que “olha e não vê” e aquele que “olha e vê” quase sem olhar...

“Olhar” significa mesmo: aplicar a vista, fitar os olhos nalguma coisa. Mas “ver” é diferente. Significa conhecer, observar, ponderar, informar-se de, apreciar, imaginar. A língua portuguesa que tão mal conhecemos e tão pior se vai tratando, tem destas coisas. A maior parte das vezes os portugueses discutem porque não conhecem verdadeiramente os segredos da sua própria língua. Confundimos muitas vezes o efémero com o definitivo, o supérfluo com o indispensável, cenário, a aparência, a vista dos objectos, com aquilo que eles próprios são ou com o que representa a sua presença num determinado sítio. A paisagem, como expressão das interacções provocadas no território pelos diversos sistemas biótico e abiótico ao longo do tempo, é um exemplo do que disse. Quase toda a gente olha a paisagem. Poucos a vêem. São ainda mais raros os que verdadeiramente a entendem.”

A paisagem não é pois apenas a vista sobre um conjunto de objectos ou a aparência do campo ou da cidade num determinado momento. Ela é o reflexo visível das interacções dos diversos sistemas biofísicos, ecológicos e culturais que se revelam num território. De que forma o Tempo é essencial?

“Na ecologia da paisagem, o Tempo é a única e fundamental variável que abre o sistema por força das facetas próprias dos biomas que o compõem.

Deste modo, o tempo sobrepõe-se a todos os componentes do ecossistema e abre-o à evolução.

Na paisagem natural, confere-se as inevitáveis regras vitais que o tempo comanda. Na paisagem humanizada, a imaginação do Homem tende a desenvolver acções que procuram desequilibrar o sistema em favor daquilo que julga ser o seu proveito. Certas vezes acerta, muitas vezes erra. Mas é sobretudo com estes que aprendemos, no decorrer do tempo...

A paisagem e o tempo eram diferentes estações do ano, no crescimento e desenvolvimento dos indivíduos e dos seus conjuntos, na caducidade das plantas, na coloração das flores, na floração e frutificação, na biocenose dos sistemas, etc., etc. São as balizas da imaginação e da intervenção consciente do Homem.”

Apesar do esforço e caminho percorrido em termos de legislação, o que dizer da expansão das cidades que se tem visto nas últimas décadas?

“A rápida e quantas vezes descontrolada expansão da cidade sobre o campo envolvente e sobre os próprios aglomerados urbanos adjacentes, dá origem ao fenómeno urbanístico que hoje se verifica por todo o lado, da chamada *metropolitanização do território*. A cidade principal expande-se indiscriminadamente ao sabor do momento e da especulação, sobre o campo e zonas rurais da sua periferia, bem como sobre as aldeias e vilas próximas, conforme as redes de comunicação as vão unindo. Por outro lado esses próprios aglomerados urbanos estendem-se igualmente, em fenómeno paralelo, como resultado do desenvolvimento dessas vias de comunicação e da influência cultural e física das cidades-mãe.

Tal fenómeno, hoje de expressão mundial, resulta em grande parte das facilidades de troca provenientes do aumento das redes comerciais e consequente globalização da economia, a qual se reflecte nos domínios físico, social e cultural das nações em desenvolvimento e nos países ditos mais avançados.

Como consequência desse fenómeno, a construção urbana estende-se por todo o território, invadindo e reduzindo significativamente o mundo rural, quantas vezes degradando ou deteriorando as paisagens e abastardando os seus valores.

Seja a expansão urbana que não respeita minimamente as aptidões do território, ou o traçado das vias que por economia sectorial ou por desconhecimento do que está subjacente ao terreno atravessado, não tem em conta as estruturas rurais produtivas (solo agrícola ou florestal, águas superficiais ou subterrâneas, vegetação e fauna natural ou da compartimentação do campo), enfim, dos elementos físicos ou bióticos componentes do sistema agrário/florestal, construído por anteriores gerações, tudo isto é menosprezado perante a redução de custos da

acessibilidade entre cidades. A informação que então se colhe fica-se sobretudo pelas economias sectoriais, embora as acções desenvolvidas no território afectem todo o sistema cultural e produtivo.

Assim, a população rural que produz o essencial à vida, e dia a dia pela sua actividade preserva, guarda e valoriza a natureza e transforma a paisagem, é praticamente posta de lado na cabeça do empreendedor e quantas vezes no lápis do projectista.

Não é mais possível proceder-se à reformulação da rede urbana nacional sem atender, de raiz, ao território sobre que essa rede assenta. As áreas rurais que a envolvem e a sustentam têm de ser estudadas, respeitadas e valorizadas, face às necessidades modernas do desenvolvimento. De facto todos os usos da terra exigem apropriadas condições ambientais para o seu funcionamento eficiente e para a viabilidade económica, a qual só pode ser alcançada através de um compatível sistema funcional de acessibilidades.”

Qual o papel do Arquitecto Paisagista nesse processo?

“O Arquitecto Paisagista tem de saber e actuar desde sempre e logo à partida, nas equipas de planeamento e urbanização. As bases de Ordenamento do Território que se encontram promulgadas e que tantos adversários ainda tem, mesmo entre profissionais, são bases fundamentais de todo o processo de planeamento.

As medidas que defendem o solo vivo natural e o criado pelo homem, as que defendem o normal curso de águas das infiltrações e de escurrimto, ou outros sistemas de base natural essenciais à vida, como os que dizem respeito à actividade agrícola e florestal, ou as normas que estabelecem regras de preservação e valorização dos sinais culturais existentes na paisagem, terão de merecer a atenção actuante e persistente dos Arquitectos-Paisagistas, afim de que sejam fundamento e razão de ser das expansões urbanas e dos traçados futuros.”

Como é que isso se consubstancia?

“Terão os Arquitectos Paisagistas de lutar pela paisagem nova sem deixar adulterar os elementos da estrutura verde de suporte urbanístico, recusando contribuir para a formação do deserto nos campos, então intersticiais, das áreas metropolitanas.

O verde rural, natural ou urbano, constitui a rede contínua onde se apoia a vida colectiva do recreio e do lazer, do desporto, do cultural e do ar livre, componente essencial do sistema urbanístico que fundamenta a área metropolitana digna desse nome.

A construção da paisagem para o próximo milénio obriga a todos vós a um esforço imenso de inovação e criatividade. As novas tecnologias, a rapidez vertiginosa das novas vias de informação e comunicação, de curta e longa distância, que pouco marcam, fisicamente o território, justificam e obrigam a fundamentar esse poder inovador.

O Arquitecto Paisagista do futuro tem de ser especialmente criativo, sempre construtor da paisagem nova. Mas para isso tem de ser conhecedor profundo das paisagens anteriores que suportam e garantem a eficácia e justeza do seu projecto.”

Aprender com os nossos maiores. Às vezes insiste-se no erro e volta-se atrás...

“Há princípios fundamentais que são próprios da natureza e que o homem tem de respeitar. A árvore vive de raiz para baixo e o homem de cabeça para cima. Mesmo na era da informática e da internet. A bacia hidrográfica continua a ser a primeira unidade de estudo da paisagem. As cumeadas separam os fluidos que correm sobre a superfície da terra, das cotas mais elevadas para as mais baixas em movimentos sempre acelerados acumulando-se nas baixas até ao mar. Também o homem segue naturalmente o sentido deste movimento encontrando-se e aglutinando-se junto às fozes dos grandes rios, em geral zonas mais férteis e mais ricas da bacia. As trocas entre os habitantes de bacias contíguas, dá-se naturalmente em pontos determinados sobre linhas de cumeada. Esta é a regra natural, logo mais simples e económica.

O processo de planeamento que pretende realizar os princípios do autêntico Ordenamento do Território deve pois seguir idêntico caminho: encarar em conjunto a bacia hidrográfica adequada, e trata-la conjuntamente na sua diversidade própria (os seus solos, as suas águas, a sua vegetação, a cultura das suas gentes).

As áreas rurais que ficam englobadas no processo da expansão metropolitana têm de manter-se submetidas às medidas globais do Ordenamento (RAN, REN, etc.) e devem ficar expressamente patentes nas peças, mesmo do planeamento urbano, de forma a poderem sustentar efectivamente os desenvolvimentos que se lhes são atribuídos no processo de planeamento.

Quando a ocupação territorial tenha sido feita espontaneamente, antes das acções planeadas, as áreas rurais características que subsistem, devem igualmente vir a reger-se pelas mesmas regras. Só deste modo o planeamento e a gestão do território se podem considerar peças dinâmicas do sistema.

Mesmo no interior das áreas marcadamente urbanas, os solos, as águas, a vegetação e o património são sectores fulcrais do planeamento e da gestão do território. A economia global do sistema urbano decorrente da sustentabilidade ambiental face às propostas de ocupação do espaço disponível, será sempre positiva se o solo fértil, a presença de água livre e os indícios culturais da paisagem se interpenetrem e fundamentarem, na continuidade do tempo, a rede verde e pedonal urbana.

Os recursos do território são a base de sustentação das acções a realizar. A noção recente de que o que nós necessitamos de fundamental à vida vem dos parceiros comunitários, vem de fora, é cómoda e fácil, mas falsa e perigosa.”

Algo que já o oiço dizer há anos e que se tem confirmado nos últimos tempos...

“Exacto. Perante a crescente globalização da economia mundial os pequenos países têm de participar afoitamente nesse processo e ao mesmo tempo defender a sua identidade, mediante a maior qualificação dos seus produtos mais genuínos e mais raros no mercado internacional e também a valorização das suas características próprias como bens de troca. O nosso país, visto na Europa, é uma estreita faixa do litoral atlântico com 200km de longitude, com uma variação de latitude de 800km e com diferenças altimétricas até aos 1.200m. Tem quatro rios fundamentais: o Minho a norte e o Guadiana a sul que o separam de Espanha, única fronteira política continental. Os outros dois rios o Douro e o Tejo repartem as bacias hidrográficas fundamentais do ocidente peninsular, complementadas pelos rias de Aveiro e de Faro e marcados pelos cabos Mondego, Carvoeiro, Roca, Espichel e Sagres/S. Vicente. Nestas matérias os Arquitectos Paisagistas têm igualmente uma palavra a dizer e um papel fundamental a desempenhar.”

Então, em que é que o Arquitecto Paisagista pode ter um papel efectivo?

“O turismo é, em todo o mundo quer o queiramos, quer não, a maior e mais dinâmica fonte das economias nacionais. A paisagem é um valor cultural e turístico de importância ímpar.

Há pois que revalorizar a paisagem portuguesa nas suas mais peculiares características. Entre estas, aponto: a ancestralidade, a unidade na variedade e a escala.

- Ancestralidade na preservação dos sinais dos tempos deixados no território, na recuperação de todo um património rico, arqueológico e histórico-cultural, mas também no respeito dos costumes e tradições da generosa forma de viver das nossas gentes.
- Variedade de paisagens em território tão estreito e reduzido. Do litoral e do interior, ao norte e ao sul do Tejo. Este grande rio que separa dois tipos de território mas que une as paisagens que o homem construiu ao norte e ao sul do seu percurso, abre-se em Lisboa, qual boca do *rostro da Europa*, que na imaginação do poeta - *fita o ocidente, futuro do passado*.
- Escala que o povo entendeu e aplicou no todo nacional, nas suas intervenções ao longo do tempo, reflectindo no território algumas das suas virtudes, como o cuidado posto no trabalho paciente e humilde, mas por vezes grandioso e heróico, (como a que vemos no Minho, nas serranias Transmontanas, nas Beiras e nos terraços durienses ou nos “poios” e fragas da Madeira, como nos aglomerados alentejanos, enfim por todo o lado onde o homem rural imprimiu as suas marcas.

O Arquitecto Paisagista tem que ser o primeiro a respeitar o que existe no terreno a planear (o relevo, o muro, a pedra, a planta, a casa, o poço); a procurar entender as razões dessa existência (quantas vezes para nós

obscuras mas quase sempre reais e justificadas) e só após conhecer e verdadeiramente *sentir* o dinamismo e os equilíbrios do território a trabalhar, poderá então confiadamente avançar para a construção da paisagem nova como o exige a nova vida que o espera.”

Projectou uma série de jardins públicos e privados. Costuma dizer que o jardim não é para si, mas para usufruto de quem o vive. Concebe os espaços para as pessoas...

“A primeira questão é que diz respeito não a um qualquer espaço mais ou menos abstracto, nem tão pouco ao espaço interior do domínio exclusivo da arquitectura, mas sim e apenas ao espaço exterior das áreas construídas nos aglomerados urbanos, onde o saber e a evolução das civilizações fez manter e desenvolver a relação vital do homem com a natureza, da casa com a árvore, do espaço verde com as pessoas, numa verdadeira simbiose absolutamente indispensável à boa qualidade da vida urbana em sociedade.

Fazendo parte desta equipa interdisciplinar que cria ou modela o espaço urbano, o Arquitecto Paisagista, em conjugação com os outros profissionais, responderá pela unidade e articulação dos vários espaços verdes, integrando-os devidamente na estrutura fundamental do sistema. É este, pois, o seu objectivo: conceber o espaço para as pessoas.”

Outra questão a colocar é a caracterização possível a fazer dos componentes fundamentais da estrutura verde urbana, ou seja em termos muito genéricos: o jardim privado, o jardim público e o parque...

“O jardim privado está, de certo modo ligado ao tipo de urbanização em moradia, de espaços mais fechados e mais íntimos, onde, o jardim se afigura como o quarto ou a sala de estar no exterior. São peças importantes, e podemos dizer hoje quase obrigatórias ou imprescindíveis, o relvado e a piscina.

No jardim que serve blocos de apartamentos ou os edifícios com vários fogos sobrepostos, essa intimidade perde-se um tanto, uma vez que o mesmo espaço tem de ser usufruído por várias famílias entre si. Daqui resulta um certo individualismo familiar para o primeiro tipo e um maior sentido no convívio interfamiliar para o segundo.

A característica dominante no jardim público, onde o espaço de estadia e convivência é normalmente mais vasto, é o convite ao social, que se reforça através de equipamentos próprios e de uma rede de caminhos interiores que devem servir os vários locais de mais intenso rebuliço colectivo, sem no entanto descorar os de maior intimidade e mais adequados à contemplação.

O jardim público pode vir a ser considerado como o espaço verde que se situa entre o jardim privado e o parque.

Aquele encontra-se submetido na sua especificidade, ao facto de ser um espaço normalmente construído de uso colectivo e portanto sujeita, a sua composição, a linhas mais rígidas e humanizadas que a própria urbanização impõe.

O parque é uma zona verde normalmente mais ampla, onde mais se evidencia o tratamento dos relevos desde os cabeços e linhas de crista e dos consequentes movimentos dos fluidos, do ar e das águas, e suas curvas divagantes, seus remansos e locais de depósito.

O formal tanque do jardim público dá aqui lugar ao lago que envolve as encostas arborizadas e sombrias até à clareira central, aberta e soalheira, onde tudo se concentra.”

São também Zonas Verdes importantes, e assim constituintes da estrutura verde urbana da cidade, as artérias e vias arborizadas da rede rodoviária, seja em faixa ou em caldeira, e também as áreas de enquadramento de qualquer natureza. No seu conjunto formam o "verde contínuo" e os "corredores" que estabelecem a ligação essencial entre os antigos mundos urbano e rural que já hoje se fundem, entrelaçam e interligam...

“Todo o espaço livre confinado à cidade é útil e valioso e tem de ser funcionalmente aproveitado. Não se pode pois admitir que ainda existam, em novas urbanizações, pequenos "canteirinhos" como sendo restos que sobraram das pranchetas dos projectistas e onde depois se plantarão "algumas couves para embelezar o conjunto”.

O que acha ser essencial quando se projectam zonas verdes?

“Para realizar os projectos das Zonas Verdes, há que, antes de mais, proceder ao reconhecimento e à caracterização e análise das aptidões do terreno, seguindo por exemplo um método semelhante ao proposto por McHarg para todo o território a ordenar, o qual consiste na decomposição por matérias do complexo sistema do meio físico, procedendo-se então às análises sectoriais, de forma a que se possa entender devidamente a síntese do sistema e mais facilmente se definam as aptidões, as vocações, as capacidades do território.

São elementos fundamentais componentes do sistema a analisar, para aferir da sua aptidão como Zonas Verdes e antes de se proceder à elaboração do projecto, ou seja, de conceber o espaço para as pessoas:

1. A natureza do solo
2. As condições do relevo nas suas relações topoclimáticas:
 - a) O uso actual do terreno
 - b) Os valores existentes
 - c) As relações com o exterior
 - d) O uso a que o local se destina

Convém assinalar que os estudos de aptidão que fundamentam o projecto, são, eles mesmos, os garantes mais evidentes da sustentabilidade ambiental de que hoje tanto se fala e tão pouco se verifica.”

Qual acha que foi o maior contributo da Arquitectura Paisagista em Portugal? O que é trouxe como saber? O que é que pôs na mesa?

“Do ponto de vista ideológico, digamos assim, dos princípios, é a noção de Ordenamento do Território. Para mim é a aglutinação de conhecimentos específicos e encontrar a síntese de tudo. Do ponto de vista científico e filosófico creio mesmo que é o Ordenamento do Território. Da contribuição para o efeito... É o Plano de Ordenamento do Algarve. Esta contribuição técnica, como se realiza, é o Plano de Ordenamento do Algarve.”

Fazendo uma provocação, se tivesse que fazer o exercício de qual seria o seu maior contributo para o seu País e para a Arquitectura Paisagista, seria o Plano de Ordenamento do Algarve?

“Acho que sim. Nitidamente. Numa época de grande pressão turística, a DGSU pede-me para fazer o Plano de Ordenamento do Algarve. Estivemos a trabalhar no *atelier* (Figura 116) intensamente durante dois anos. Só assim é que é possível ter os declives daquela área toda, pintados à mão, à escala 1:25.000... Fez parte desse trabalho, determinar os critérios de aptidão onde se procuraram analisar os diferentes componentes do território e determinar os locais mais adequados às diferentes situações.

Onde é que se tem ligado, por exemplo, a noção histórica das povoações ao seu tipo ecológico. Por exemplo, a Baixa da Banheira? O que é que isto quer dizer? A toponímia. Foi o que ficou por aprofundar no Algarve... Já não tínhamos tempo.”

Quem são as suas principais influências, para além do Professor Francisco Caldeira



Figura 115 _ Algumas das referências de Facco Vianna Barreto e alguns relatórios. (Fonte AAFVB)

Cabral?

A escola alemã... O Hans Schiller e outros. As viagens que fui fazendo especialmente a que fiz à Suíça onde fui influenciado pela simplicidade e qualidade. Desde o rigor na implantação dos pavimentos (que é essencial. É o que vemos primeiro para sabermos onde pisamos!) à qualidade dos materiais. Mas acima de tudo, a Brenda Colvin⁴², que conheci bem. O “*Land and Landscape*” é a bíblia. Resume tudo. Está lá tudo! (Figura 115).

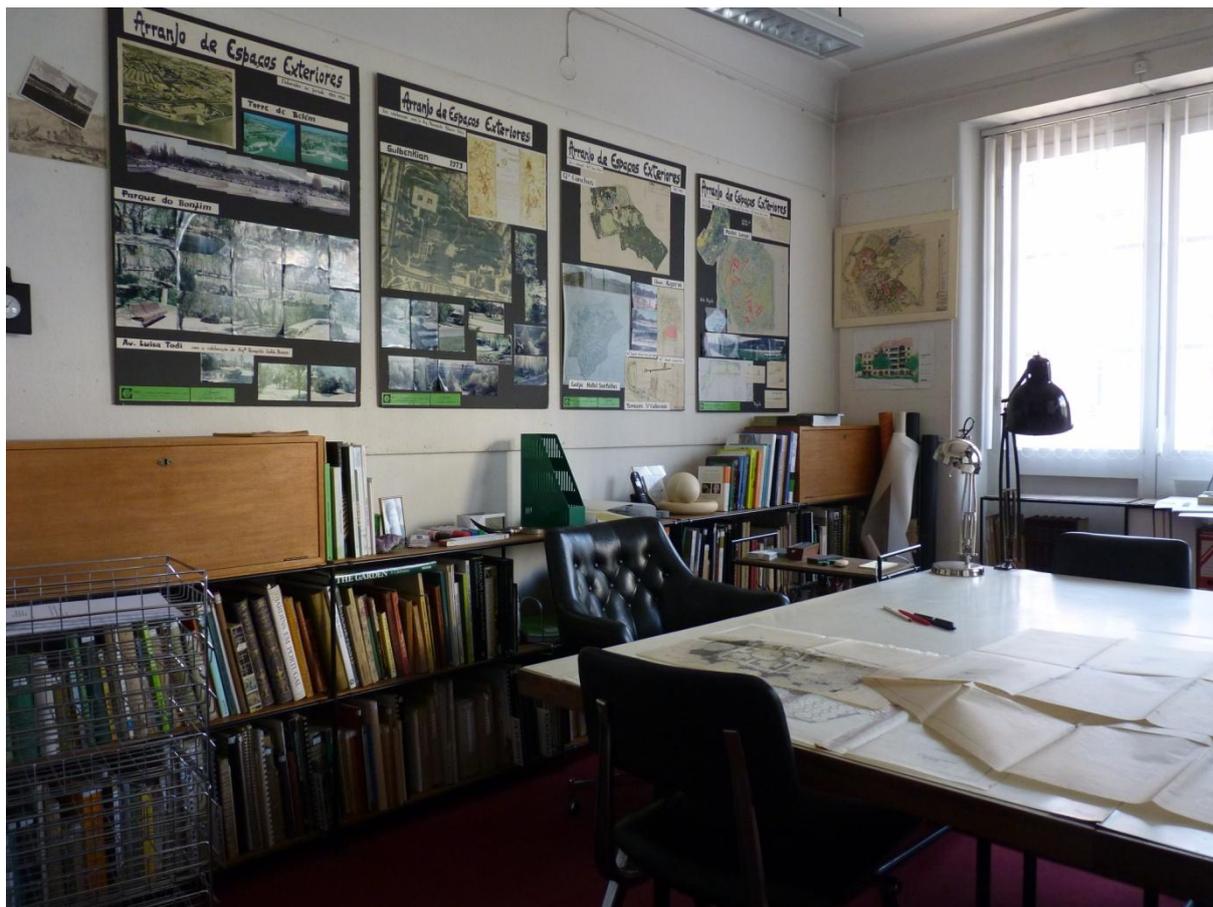


Figura 116 _ Atelier do Arquitecto Paisagista António Facco Vianna Barreto, em Lisboa. 2011.
PEV – Projectos de Espaços Verdes
(Fonte: FSB)

⁴² Dame Brenda Colvin (1897-1981), Arquitecta Paisagista, nascida na Índia, aluna de Madeleine Agar na Swanley College. Foi fundadora (1929) e presidente (1951) do Institute of Landscape Architects. Mais tarde (1957-1959) foi presidente da IFLA.

V. CONCLUSÕES

Este trabalho tinha como objectivo dar um pequeno contributo, dentro das suas limitações, à historiografia da Arquitectura Paisagista em Portugal. Escolheu-se como caso de estudo o trabalho do Arquitecto Paisagista António Facco Vianna Barreto.

Pertenceu à primeira geração de alunos do Professor Caldeira Cabral, a qual teve especial importância na assunção, fundamentação e expansão da profissão, bem como na formação das gerações que se seguiram. Com toda a evolução na vida e no conhecimento, é indesmentível o papel que tiveram no estabelecimento e reconhecimento desta disciplina, para além de uma junção e aprofundamento de conceitos desta e outras áreas.

Profundamente marcados pelo seu Mestre que se tinha formado na Alemanha, tiveram como fito “*trabalhar com a Natureza e não contra ela*” (Cabral, 1993), em que se notava o aprofundado conhecimento das Ciências Naturais de uma forma relacionada, sob o ponto de vista da Ecologia e da noção de resiliência dos sistemas de que resultaria uma estética naturalista. A estes, juntava-se um profundo conhecimento e respeito pela cultura tradicional que lhes permitia projectar com a qualidade que se lhes atribui. Foram inovações à época, a multifuncionalidade dos espaços, a sua distribuição de acordo com a aptidão ecológica e a utilização de vegetação da nossa Flora, que constituem a base da sustentabilidade que tanto se fala actualmente⁴³. Como já se referiu neste trabalho, com esta primeira geração, a área de intervenção da Arquitectura Paisagista vai-se alargando e adaptando às novas situações e conceitos, nos Projectos de Espaços Verdes Urbanos, Planeamento Urbano, Ordenamento do Território, Integração Paisagística de Estradas, etc.

A fortaleza e qualidade da formação deste grupo e a sua amizade, concerteza com diferentes ideias sobre vários assuntos, foi essencial na promoção de uma nova profissão que procurava o seu espaço entre Arquitectos e Engenheiros, que aprenderam a respeitar os seus interlocutores pela propriedade e veracidade dos argumentos que defendiam.

A saída destes profissionais foi uma autêntica revolução no País. Tudo mudou a nível do projecto e da concepção do espaço exterior. Os viveiros começaram a ter que dar resposta ao que o projectista e o cliente pretendiam; também a formação de jardineiros e manutenção de jardins ficaram indelevelmente marcados.

Facco Vianna Barreto tem uma vasta e apaixonante carreira de seis décadas. Pautado pela descrição e mais inclinado a partilhar e por em prática as suas ideias do que em as publicar, a pesquisa da bibliografia editada e o seu imenso arquivo pessoal são um bom instrumento para acompanhar a evolução da História da Arquitectura Paisagista desde o princípio dos anos 50 até aos dias de hoje.

⁴³ Desde o Renascimento e das grandes descobertas que havia um grande deslumbre por espécies exóticas o que levou a um certo exagero no seu uso. Como é sabido, as espécies autóctones são mais resistentes e exigem menos cuidados de manutenção.

De uma abrangência extraordinária nas várias áreas de interesse da Arquitectura Paisagista, desde os jardins públicos e privados, aos parques urbanos, dos planos de urbanismo ao ordenamento de quintas de recreio e produção, dos *resorts* turísticos à integração de vias rodoviárias na paisagem. Não obstante, a uma área se dedicou com redobrado entusiasmo: o Ordenamento do Território. A premência da defesa da paisagem, o reconhecimento das suas aptidões com o objectivo de promoção do território em estudo, de uma forma sustentável são conceitos actuais, e até banalmente apropriados, que foram pensados desde os anos 60, que só no fim dos anos 70 começaram a ser legislados e que só agora se começam efectivamente a considerar.

Para Facco Vianna Barreto, o Ordenamento do Território é uma filosofia que antecede o planeamento. Admite-se uma programação político-económica que se concretiza fisicamente num terreno que tem diferentes aptidões para as diversas actividades humanas.

Constitui o primeiro departamento de Arquitectura Paisagista do Estado: o Serviço da Paisagem que tem como finalidade dar apoio à própria DGSU, Junta Autónoma de Estradas, DGEMN, entre outros.

O ingresso na DGSU, de Arquitectos Paisagistas, terá contribuído para sensibilizar alguns quadros técnicos dessa Direcção-Geral para as questões da paisagem, e para acelerar a evolução que o Planeamento Urbanístico foi assumindo até 1980, começando a revelar-se (pelo menos no papel) uma preocupação crescente desse departamento do Ministério das Obras Públicas com as questões da integração paisagística dos empreendimentos públicos e privados e com a preservação do património natural.

Começava a abrir-se caminho para toda a legislação lavrada a partir do final dos anos 70, desde o Decreto-Lei n.º 613/76, passando pela Lei de Bases do Ambiente, à RAN, REN, PROT, PDM's, etc.

Para ele, o Ordenamento do Território é a grande conquista, a síntese da disciplina da Arquitectura Paisagista. Fica provado mais uma vez, nos dias que correm, a importância da auto-sustentabilidade e majoração das qualidades de um território com vista à sua vivência e produção.

Durante estes anos, as mentalidades mudaram substancialmente. A Arquitectura Paisagista aparece assim como uma profissão de futuro, que articula ambiente, ecologia, ordenamento e planeamento do espaço, para um Mundo cada vez mais pequeno em que as relações e vivência entre os Homens e dos Homens com o meio se pretendem sustentáveis e com cada vez mais qualidade.

A História encarrega-se de lembrar os Homens que o foram antes do seu tempo. António Facco Vianna Barreto ficará na História da Arquitectura Paisagista.

BIBLIOGRAFIA

- Barreto, A. F. (Dezembro de 2002). Paisagem, natureza e cultura. (L. P. Ribeiro, & R. B. Duarte, Entrevistadores) *Arquitectura e Vida*.
- Barreto, A. F. (2004). *Parque de Viseu - Projecto de Reinterpretação: Estudo Prévio*. Lisboa: PEV Lda.
- Barreto, A. F. (2008). *Parque de Viseu - Projecto de Reinterpretação: Projecto de Execução*. Lisboa: PEV Lda.
- Barreto, A. F., & Telles, G. R. (1969). Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian. *Arquitectura*, p. 217.
- Barreto, A. F., Dentinho, A., & Castelo-Branco, A. (1969). *Ordenamento Paisagístico do Algarve*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.
- Cabral, F. C. (1993). *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.
- CML. (1956). O enquadramento da Torre de Belém. *Separata do nº 68 da "Revista Municipal"*.
- CML. (1954). *Revista Municipal. Homenagens ao Presidente da CM no décimo aniversário da sua posse*, pp. 5-11.
- CML. (1959). *Revista Municipal. A acção dos serviços culturais*, pp. 49-52.
- CMV. (1993). *Parque Aquilino Ribeiro*. Viseu: CMV.
- Correia, G. (2008). *Ruy d' Athouguia - a modernidade em aberto*. Casal de Cambra: Caleidoscópio_ Edições e artes gráficas.
- IGESPAR. (23 de 08 de 2011). Obtido em 23 de 08 de 2011, de www.igespar.pt.
- LNEC. (15 de 05 de 2011). www.lnec.pt.
- Lusa, A. (19 de Junho de 2009).
- Magalhães, M. (2001). *A Arquitectura Paisagista - morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Mattos e Silva, A. (2006). *Anuário da Nobreza de Portugal - Tomo IV*. Lisboa: Dislivro.
- Metropolitano, L. (04 de 03 de 2011). www.metrolisboa.pt. Obtido de <http://www.metrolisboa.pt/Default.aspx?tabid=66>
- Ruas, D. F. (2003). Discurso do Presidente da Câmara Municipal de Viseu.
- Tostões, A. (2006). *Fundação Calouste Gulbenkian - Os Edifícios*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vários. (2003). *A utopia e os pés na terra*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Vários. (2004). *Biblioteca Nacional Exterior/Interior*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Vários. (2003). *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vários. (2006). *Fundação Calouste Gulbenkian - O Jardim*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXO A_ CURRICULUM VITAE

NOME: ANTÓNIO LUÍS FACCO VIANA BARRETO

DATA DE NASCIMENTO: 15 de Fevereiro de 1924

NACIONALIDADE: Portuguesa

FILIAÇÃO: Maria do Sacramento Pereira Coutinho Facco Viana Barreto e Álvaro Salvação Barreto.

PROFISSÃO: Arquitecto-Paisagista.
Engenheiro Silvicultor.

ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS: Ordem dos Engenheiros (Portugal)
Membro Sénior
Engenheiro Especialista em Planeamento e Ordenamento do Território
Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas
Sociedade de Geografia

HABILITAÇÕES

1935-42 Cursou o Colégio Militar

1949-51 Estágio na Junta Nacional da Cortiça

1952 Engenheiro Silvicultor, pelo Instituto Superior de Agronomia (I.S.A.) de Lisboa (13 valores).

1952 Arquitecto-Paisagista, pelo Instituto Superior de Agronomia (I.S.A.) de Lisboa (16 valores).

Completo todas as cadeiras que constituem o curso de Engenheiro Agrónomo, faltando-lhe apenas a apresentação do respectivo relatório final.

ACTIVIDADE DOCENTE

2003 Membro da Comissão de Avaliação Externa para as Áreas de Arquitectura e Arquitectura

CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DA ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL

ARQUITECTO PAISAGISTA ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO

- Paisagista, para o Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesas.
- 1986-88** Professor Associado convidado pelo Instituto Superior de Agronomia e Coordenador do Grupo de Arquitectura Paisagista.
- 1984-86** Professor Auxiliar convidado pelo Instituto Superior de Agronomia para reger a cadeira de Ordenamento do Território e Planeamento Regional.
- 1982-84** Professor Associado convidado pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora das cadeiras de:
- Arquitectura Paisagista IV - (Paisagem Industrial, Infra-estruturas e Canais Urbanísticos, Recuperação da Paisagem).
- Ordenamento do Território I - (Conceitos, Dados, Análise, Diagnóstico, Síntese).
- 1979-80** Convidado pela Universidade Técnica de Lisboa como docente de Ordenamento do Território no II Curso de Planeamento Regional, CESUR (Centro de Sistemas Urbanos e Regionais, IST).

ACTIVIDADE PROFISSIONAL

- 1982...** Sócio Gerente da P.E.V. – Projectos de Espaços Verdes, Lda.
- 1981-87** Director Geral de Ordenamento do Ministério da Qualidade de Vida de 15 Julho 81 (D.R., nº 1987, II série, 28.8.81), até 17 de Junho de 1986, altura em que solicitou a aposentação D.R. nº 48 II Série 26.02.87.
- 1979-81** Director de Serviços de Estudos de Ordenamento Físico da Direcção Geral de Planeamento Urbanístico – Ministério da Habitação e Obras Públicas (D.G., II série, 24.12.79 anexo)
- 1978** Chefe de Serviço de Ordenamento da Paisagem da Divisão de Estudos e Planeamento (MHOP).
- 1973-78** Chefe de Divisão de Estudos e Ordenamento do Quadro da Direcção Geral do Planeamento Urbanístico (DGPU).
- 1953-78** Engenheiro da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU).
- 1951-53** Técnico da Junta Nacional de Cortiça.

PRINCIPAIS ESTUDOS E PROJECTOS QUE REALIZOU

NOTA: não se encontraram inúmeros projectos da sua carreira, principalmente na Função Pública.

- 2010** Estudo Prévio e Projecto de Execução da Remodelação da Envolvente do Mosteiro da Batalha, na Vila da Batalha, de que foi autor, a convite do IGESPAR.

CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DA ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL

ARQUITECTO PAISAGISTA ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO

- 2009** Manual de Projecto de Arquitectura Paisagista, para a Parque Escolar.
- 2005** Plano de Pormenor da UNOP4 da ADT de Tróia.
Plano de Pormenor da UNOP7 e 8 da ADT de Tróia, em colaboração.
Jardim da Sra. D. Isabel Teixeira, em Lisboa.
Jardim da Sra. D. Isabel Pires de Almeida, em Lisboa.
- 2004** Reformulação do Parque Aquilino Ribeiro na Cidade de Viseu, a convite da Câmara Municipal de Viseu, na comemoração dos 50 anos do Projecto de que foi autor.
Jardins do Solar da Vacariça, na Mealhada.
Centro de Recreio Náutico da Acalahotel em Tróia - Avaliação de Impacte Ambiental.
Jardim do Sr. Paulo Fernandes, na Quinta Patiño.
- 2003** Projecto de Enquadramento Paisagístico das Instalações do Arquivo Central do BES em Caneças.
Jardim de Lady Elles, em Lisboa.
Jardim da Arq. Judite Santos, em Soltróia.
- 2002** Plano de Pormenor da UNOP 3 da ADT de Tróia, em colaboração.
Projecto de Execução do Parque Urbano de Sines.
Planos de Pormenor da UNOP1 e 2 da ADT de Tróia (2ª fase), em colaboração.
Jardim do Sr. António Taborda, na Quinta Patiño.
- 2001** Plano de Revestimento Vegetal da UNOP4 da ADT de Tróia (1º fase).
Arranjos Exteriores da área da Estrutura Ferroviária de Sines.
- 2000** Plano de Urbanização e Estudos Prévios da ADT dos Planos da Península de Tróia, em colaboração.
Relatório Preliminar da Herdade dos Fidalgos, em Coruche, em colaboração.
Enquadramento do futuro complexo de edifícios do Banco Espírito Santo, em Caneças.
Espaços Verdes do Lar/Centro de dia da Portugal Telecom, em Lisboa.
Jardim do Sr. Braancamp Sobral, na Quinta do Peru, em Azeitão.
- 1999** Estudo Base de Incidências Ambientais da Lagoa da Vela Golf, na Figueira da Foz.
Espaços Verdes do Empreendimento Lagoa da Vela Golf, na Figueira da Foz.

- Estudo de Impacte Ambiental do Campo de golfe das Dunas Douradas, no Algarve.
- Relatório Preliminar, na área do Ambiente, de ocupação do território para o Master Plan da ADT de Tróia.
- Arranjos paisagísticos do Condomínio Estoril Verde Mar – Quinta de São Bruno, no Estoril.
- Jardim da Sra. Eng. Luísa Pinto, na Parede.
- Jardim do Sr. Manuel Alfredo de Melo, em Sintra.
- 1998** Elaboração do Plano de Pormenor PP9 para a Câmara Municipal de Grândola.
- Plano de Pormenor da Urbanização da Herdade do Pinheirinho em Grândola.
- Estudo de Impacte Ambiental do Golfe da Herdade do Pinheirinho em Grândola.
- Estudo de Impacte Ambiental do Golfe da Herdade Costaterra em Grândola.
- Projecto de Integração Paisagística da Faixa Envolvente do IC 16, na Quinta da Beloura.
- Desenvolvimento do projecto referente ao Núcleo de Recreio Náutico, em Soltróia, em Tróia.
- Jardim e espaços exteriores da Herdade de Palma.
- Reformulação da Via de Penetração em Leiria.
- Paisagismo – Reformulação da Circular Oriente de Leiria e do Nó de Leiria à Rede Viária.
- Arranjo exterior da Quinta das Fórneas, no Fundão, do Dr. Fernão Vaz Pinto.
- 1997** Espaços Exteriores da Escola Superior de Tecnologia de Saúde de Lisboa – Escola de Enfermagem Raul Ravara.
- Estudo de aptidão da propriedade Mollêt-Byrne, em Sintra.
- Jardim do lote 6 da Quinta da Marinha, em Cascais.
- 1996** Aldeamento Marinha Guincho, em colaboração.
- Espaços Verdes dos lotes 1 e 2 da Urbanização do Alto do Lumiar, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Pedro Bettencourt Correia e Ávila, em Cascais.
- Jardim do Sr. Dr. John Wallace, em Carcavelos.
- 1995** Exteriores do Monte de Santa Justa, em Serpa, do Sr. Coronel Columbano Líbano Monteiro.
- Arranjos Exteriores da Quinta de Santa Maria, em S. João do Estoril.
- Loteamento do Alto das Cabeças da Companhia Portuguesa Rádio Marconi.

- 1994** Avaliação de Impacto Ambiental da Fábrica de torrefacção de café Vilarinho e Sobrinho.
Jardim do Sr. Eng. Pedro Pereira Rito, em Santiago do Cacém.
- 1993** Estudo de Impacto Ambiental do Belas Clube de Campo, em Belas.
- 1992** Jardim da Associação Nacional de Farmácias, no Restelo.
Jardim da Sede da Associação Nacional de Farmácias, em Santa Catarina, em Lisboa.
- 1991** Arranjos Exteriores da Quinta e Ribeira da Penha Longa, em Sintra.
Arranjo da Marginal da Praia da Oura, em Albufeira.
Espaços exteriores da Casa de Repouso dos Trabalhadores dos TLP.
Jardim do lote n.º 155 em Soltróia, em Tróia.
- 1990** Projecto de arranjos exteriores da Universidade do Algarve.
Estudo de aptidão e projecto do golf do Hotel Golf da Sortelha.
Jardim do Sr. Dr. Ribeiro da Fonseca Ferreira, no Guincho.
Estudo de Aptidão e Impacte Ambiental da Quinta da Penha Longa, em Sintra.
Relatório acerca do projecto da 3ª via da AE Lisboa-Vila Franca de Xira.
Plano de Integração Paisagística da Quinta do Lago, em Almansil.
- 1989** Estudo de Aptidão e Impacte Ambiental da Quinta Patiño, no Estoril, em colaboração.
Estudo dos Recursos Naturais e Paisagem do Plano Director Municipal de Sever do Vouga.
Estudo dos Recursos Naturais e Paisagem do Plano Director Municipal de Castelo Branco.
Estudo sobre o Uso do Solo e Ordenamento Paisagístico do Plano Geral da Urbanização de Paderne.
Projecto de Arranjos Exteriores da Quinta do Hilário, em Setúbal.
Integração Paisagística da Estação do Pego.
Estudo de Aptidão e Impacte Ambiental do complexo turístico da Herdade da Comporta, em colaboração.
Projecto para o restaurante da Faculdade de Ciências, em Lisboa.
Estudo de Aptidão e Impacte Ambiental do sublanço Fátima-Leiria na A1, para a BRISA.
- 1988** 1º Prémio do Concurso Internacional relativo à Universidade do Algarve, em Faro.

- Estudo de Aptidão e Impacte Ambiental para o empreendimento da Prainha, no Algarve.
- Realização do Projecto de remodelação para peões da Rua 1º de Dezembro, em Esposende.
- 1987** Arranjo Paisagístico da Zona Marginal e Praias Fluviais da Vila de Esposende, em Esposende.
- 1986** Arranjos exteriores da Quinta da Princesa, da Sra. D. Margarida Ribeiro Ferreira, no Seixal.
- 1985** Plano Integrado de Paço d' Arcos, regularização da Ribeira de Porto Salvo, Oeiras.
- Estudo do exterior do Palácio do Grilo, em Lisboa, do Sr. Duque de Lafões.
- Estudo de Aptidão e Ordenamento da propriedade do Morgado do Reguengo, no Algarve.
- Estudos Preliminares, Projecto-Base e Projecto de Execução de Integração Paisagística dos sublanços da A1
- Fátima – Leiria, de 1981 a 1987
- Leiria – Pombal, de 1986 a 1989
- Pombal – Condeixa, de 1987 a 1989
- Proposta de Lei sobre Defesa da Paisagem.
- Proposta de Lei sobre Recuperação de Pedreiras e Áreas Degradadas.
- Elaboração do relatório sobre uma viagem de estudo a Itália (editado).
- Elaboração das Bases Técnicas sobre Recuperação de Pedreiras, Saibreiras, Barreiras e Minas.
- Colaboração na elaboração da Lei de Bases do Ambiente.
- Concurso Internacional para a Sede da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa – 2º Prémio.
- 1983** Espaços Exteriores da Varanda dos Carquejais, na Covilhã.
- 1982** Colaboração na elaboração do Decreto-Lei relativo à Reserva Ecológica Nacional.
- Planos de Ordenamento do Território e Regionalização – Apresentação no seminário da Comissão para a Investigação Urbana e Regional (CIUR).
- Colaboração na elaboração do Projecto de Decreto-Lei sobre o Plano Director Municipal.
- Colaboração na elaboração do Projecto de Diploma relativo ao Índice de Ocupação em Zonas Urbanas.
- Colaboração na elaboração do Projecto de Decreto-Lei sobre a Reserva Agrícola Nacional.

Elaboração do Projecto de Decreto Regulamentar da Direcção-Geral do Ordenamento.

Colaboração no grupo dos trabalhos para a elaboração do Projecto do Decreto-Lei Orgânica do Ministério da Qualidade de Vida.

Enquadramento, execução e tratamento de taludes da Estação de Metropolitano de Calvanas, em Lisboa.

Arranjo Paisagístico do Hospital Curry Cabral, em Lisboa.

Ordenamento da Paisagem da Lagoa de Santo André, em Sines.

1981-85 Pareceres sobre os projectos de Integração Paisagística dos seguintes sublanços de auto-estradas:

Santarém – Torres Novas

Carvalhos – Vila da Feira

Vila da Feira – Estarreja

Albergaria – Estarreja

Águeda – Albergaria

Mealhada – Águeda

Coimbra – Mealhada

Condeixa – Coimbra

Costa do Sol –

1981 Projecto de remodelação da Quinta das Conchas e dos Lilases.

Recuperação da Mina de Santa Luzia, em Viseu

Consultor da firma Prainha, no Algarve.

Colaboração no estudo metodológico do troço da auto-estrada Fátima-Leiria.

Arranjo Exterior do Instituto Politécnico de Faro.

Projecto de Arranjo Exterior da Quinta de Santa Tecla, para o Instituto da Família e Acção Social.

1980 Variante à EN 1, em Águeda.

Estação subterrânea e passagem desnivelada de Paço de Arcos.

Caracterização dos meios sólidos receptores para a região do saneamento básico, Lisboa, DRENA.

- Estudo de Aptidão e Arranjo dos Espaços Exteriores da Urbanização da Quinta da Ribeirada, em Loures.
- Consultor Técnico da Brisa para projectos de integração paisagística em auto-estradas.
- Parque de Campismo do Furadouro, em Ovar.
- 1979** Integração da Paisagem para um Lar de idosos, em Lisboa.
- Arranjo dos Espaços Exteriores dos Bairros de Telheiras-Sul e Telheiras-Norte, em Lisboa, da EPUL.
- Integração da Paisagem para um Lar de idosos, em Bragança.
- Integração da Paisagem para um Lar de idosos, no Porto.
- Centro de manutenção de viaturas de Mercadorias, da Rodoviária Nacional, em Santa Iria.
- Urbanização das estações da Rodoviária Nacional de Santa Iria, Portimão, Laranjeiro, Coimbra e Guarda.
- 1978** Espaços Exteriores do Plano Integrado de Almada, Monte da Caparica.
- Ajardinamento do Hotel Alfa, em Lisboa.
- Arranjos exteriores da Quinta de Santo António, Alvorada, em Almada.
- Arranjo da praça central da Urbanização do Restelo (EPUL), em Lisboa.
- 1977** Estudos das Bases de Intervenção a nível nacional do continente para o Ordenamento do Território.
- 1976** Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho de Vila do Bispo.
- Ajardinamento das Oficinas de Sete Rios do Metropolitano, em Lisboa.
- Jardim Público e Praça da República de Tavira, com Edgar Fontes.
- 1975** Estudos de Aptidão e Ordenamento da Área Litoral centro (de Espinho a Peniche). Decreto-Lei 20 e 21/75.
- Estudo de Aptidão da Quinta do Conventinho, em Loures, do Sr. Carlos Manuel Beirão da Veiga.
- 1974** Estudos de Aptidão e Arranjos dos Espaços Exteriores da Urbanização do morro de Santa Bárbara, em Luanda.
- Arranjo dos exteriores de uma residência para idosos, do Montepio Geral, em Chelas.
- Arranjo dos espaços exteriores das instalações da Fábrica Mendes Godinho (TAGOL), em Palença.

- Estudo de Aptidão de Queijas, Oeiras.
- Estudo de Aptidão da Quinta da Boa Vista, em Évora.
- Jardim do Sr. Eng. Rómulo Esteves, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Eng. Carlos Chaby, em Oeiras.
- 1973** Estudos de Aptidão e Ordenamento da Ilha de Santa Maria, Açores.
- Estudos de Aptidão e Ordenamento da Ilha de São Miguel, Açores.
- Estudo de recuperação dos terrenos marginais da Lagoa de Albufeira.
- Espaços Exteriores da Quinta dos Mendes, em Odivelas.
- Jardim Público do Cartaxo.
- Arranjo Exterior da Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, em colaboração.
- Jardim Municipal do Barreiro.
- Jardim Municipal de Alcochete.
- Remodelação do Jardim Público de Tomar.
- Remodelação do Jardim Alves Martins, em Viseu.
- Colaboração no Ante-projecto do traçado da Estrada de S. Bartolomeu de Messines.
- Arranjo Exterior da Urbanização Alvorada, Almada.
- Viveiros e estufas para a Quinta da Marinha.
- Viveiros e estufas para a Câmara Municipal de Beja.
- Jardim da Azambuja e Parque Infantil.
- Jardim da Amareleja.
- Jardim de Tavira.
- Arranjo da Praça do Município, em Alcácer do Sal.
- Arranjo Envolvente das muralhas e Avenida Marginal de Lagos e Praça do Infante.
- Arranjo dos espaços exteriores de Vila Lara, em Armação de Pêra, no Algarve.
- Estudos de Aptidão e Arranjo dos Espaços Exteriores da Urbanização Unidade 32, no Lumiar, para a Câmara Municipal de Lisboa.
- Ajardinamento do Largo José Duarte Coelho, no Entroncamento.

Estudo de Aptidão e Ordenamento da Ilha do Mussulo e faixa litoral de Luanda à Barra do Quanza, em Angola.

Jardim do Centro Helen Keler, no Restelo, em Lisboa.

Estudo de Aptidão da Quinta de São Paulo, em Palmela.

Estudo do terreno da Quinta do Desembargador, em Gradil.

Estudo de Aptidão da Quinta do Infantado, em Loures.

1972 Estudos de Aptidão e Ordenamento da Região da Grande Lisboa.

Jardim do Arquitecto Mendes Garrido, em São Pedro de Sintra.

Arranjo exterior do Internato para Crianças Deficientes Auditivas, em Viseu.

Arranjo exterior do edifício do Instituto Familiar de Acção Social, na Rua de São Marçal, em Lisboa.

Arranjo do Largo de São Sebastião, na Ericeira.

Ordenamento Paisagístico do Morro de Santa Bárbara, em Luanda.

Jardim de um prédio na Avenida do Brasil, em Lisboa.

1971 Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho de Sesimbra.

Estudo de Aptidão da Quinta do Lago, Algarve.

Estudo de Aptidão e Ordenamento no Concelho de Loures.

Ajardinamento da Caixa de Previdência do Funchal.

Arranjo paisagístico dos terrenos envolventes e pátio interior do Museu Etnológico do Ultramar, em Lisboa.

Jardim do Internato Feminino, em Castelo Branco.

Arranjo exterior do Colégio Nun' Álvares, em Lisboa.

Ajardinamento do Centro de Reeducação de Menores, no Porto.

Arranjo exterior do Centro Cívico de Cahora Bassa, em Moçambique.

Ajardinamento dos terrenos a Sul da passagem superior (do Caminho de Ferro), no Entroncamento, Largo José Duarte Coelho.

Espaços exteriores da Urbanização D. Fernando, nas Sesmarias, Lagoa.

Jardim do Sr. Eng. Bessa, em Oeiras.

- Jardim do Sr. Dr. Sérgio Sabido Ferreira, em Alcoitão.
- 1970** Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho de Oeiras.
- Estudos de Aptidão e Ordenamento da Província do Algarve.
- Arranjo de Espaços Exteriores da Quinta dos Mendes, em Odivelas.
- Arranjo exterior do Estabelecimento de Educação e Reeducação de Menores Deficientes Intelectuais do Sexo Masculino, em Bragança.
- Arranjos exteriores do Hospital do Funchal.
- Jardim do Sr. Manuel Rocha dos Santos, junto à barragem de Castelo de Bode.
- Arranjo do espaço envolvente do Estabelecimento para Educação e Reeducação de Menores Deficientes Intelectuais, em Viseu.
- Jardim do Sr. Arq. Jorge Farelo Pinto, em Castelo de Bode.
- 1969** Ajardinamento do edifício da Caixa de Previdência, em Setúbal.
- Jardim do Sr. Dr. Joaquim Carlos Barreto Fragoso, em Palmela.
- Piscina na propriedade do Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto, em Bicesse.
- Arranjo do espaço exterior do Internato da Arquinha (de Santo André) e Patronato de São Miguel, em Ponta Delgada.
- Jardim do Sr. Eng. Rui Ferin Cunha, em Caxias.
- Plano de Ordenamento Paisagístico do Algarve, em colaboração.
- Arranjo Paisagístico dos Olhos de Água, em Albufeira.
- 1968** Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho da Covilhã.
- Estudos de Aptidão e Ordenamento das Praias da Arrábida.
- Estudo de Aptidão da Quinta de São Paulo, em Setúbal.
- Campo de *badminton*, em Cascais.
- Estudo de implantação da Quinta do Paraíso, em Baratá.
- 1967** Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho de Leiria.
- Ordenamento da Paisagem da Lagoa de Santo André, Setúbal, em colaboração.
- Arranjo paisagístico das zonas A e B da Quinta da Serra, Rinchôa.
- Ajardinamento e arranjo de espaços livres da Urbanização da Horta dos Fumeiros, em Faro.

- Arranjo da Praça 9 de Abril, em Vila Nova de Famalicão.
- Arranjo do Largo Marechal Carmona, em Vila Nova de Famalicão.
- Arranjo da zona da entrada da propriedade do Sr. Mário Vinhas, no Zambujal.
- Avenida Luísa Todi, em Setúbal, em colaboração.
- 1966** Estudos de Aptidão e Ordenamento do Concelho de Aljezur.
- Estudo de Ordenamento do Plano Director de Lisboa.
- Conjunto Turístico Olhos de Água, no Algarve (Anteprojecto)
- 1966** Enquadramento e Arranjo Paisagístico do espaço exterior das novas instalações da Sociedade Central de Cervejas, em Alverca.
- Ajardinamento da Clínica do Restelo, em Lisboa.
- Enquadramento das novas instalações da “Agrovil”, na Azambuja.
- Jardim fronteiro à Casa dos Pobres, em Sever do Vouga.
- Terraço do Hotel residencial de Santa Catarina, na Praia da Rocha.
- 1965** Estudo de Aptidão, Plano de Expansão e Arranjo Paisagístico de Carnaxide, em Lisboa.
- Anteplano de Urbanização da região de Leiria.
- Arranjo Paisagístico dos terrenos circundantes da Central hidroelétrica da Ribeira da Janela, na Madeira.
- Enquadramento e Arranjo Paisagístico das novas instalações fabris da CEDEMI, em Viana do Castelo.
- Jardim do Sr. Luís Vieira Bustorff Silva, em Cascais.
- 1964** Plantações na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Alderico Martins Pereira, em Cascais.
- Largo de São Francisco, na Horta.
- 1963** Arranjos Exteriores do Bairro da SACOR, em Sacavém, em colaboração.
- Arranjo do espaço circundante da Igreja da Misericórdia, na Chamusca.
- Jardim do Sr. Sousa Gomes, no Alvor, em Portimão.
- 1962** Jardim da Vila Lucinda Graça, no Estoril.
- Plano de Expansão de Carnaxide, em colaboração.

- 1961** Parque da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em colaboração.
- Estudo de Aptidão Urbanística e Ordenamento Paisagístico da Quinta do Mendes, em Odivelas.
- Projecto de Construção das estufas e viveiros a edificar junto ao Jardim Municipal de Beja, em Beja.
- Centro de Medicina Física e Reabilitação, em Alcoitão.
- Tapada do Cochicho, na Biscaia, em colaboração.
- Jardim do Sr. Eng. Armando Gonçalves.
- 1960** Jardim do Bairro Novo, em Beja.
- Arranjo da Praça D. Manuel I, na Azambuja.
- Parque dos Arneiros, no Freixial, em colaboração.
- Jardim do Sr. Eng. Cardoso Botelho, em Lisboa, em colaboração.
- Jardim do Sr. José Frederico Casal Ribeiro, em Cascais.
- Jardim do Sr. J. Bustorff Silva.
- Pátios grande e pequeno do Tribunal de Rio Maior, com Álvaro Dentinho.
- Parque dos Arneiros, do Sr. Sérgio Gerales Barba.
- 1959** Arranjo paisagístico da Quinta da Serra, Rinchôa (Estudo de Aptidão Urbana e Anteprojecto).
- Ordenamento Paisagístico e Arranjos Exteriores do Bairro da SACOR (Anteprojecto), em Sacavém.
- Ajardinamento dos terrenos do Sanatório Dr. José de Almeida, em Carcavelos.
- Jardim do Sr. Eng. Meleiro de Sousa, no Estoril.
- Arranjo Paisagístico dos terrenos do Colégio Militar, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Dr. João Soares Mendes, em Abrantes. Localização da piscina.
- Urbanização da Quinta da Serra, em Sintra, em colaboração.
- Parque Desportivo de Tortosendo, em colaboração.
- 1958** Terraço do Palácio da Rua das Flores, em Lisboa, da SACOR.
- Arranjo do Largo dos Chãos, em Montemor-o-Novo.
- Jardim e parque do Sr. José Dias da Cunha, em São Martinho da Cortiça.

- Enquadramento paisagístico dos terrenos da Junta de Energia Nuclear, em Sacavém.
- Ajardinamento do recinto para repouso dos operários da Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Álvaro Frade, em Cascais.
- 1957** Arranjo em volta do Paço Ducal e Campo de São Mamede, em Guimarães
- Zona desportiva da Cidade Universitária de Coimbra.
- Enquadramento paisagístico do posto da Rádio Televisão Portuguesa, em Monsanto, Lisboa.
- Arborização da zona desportiva e dos terrenos fronteiros à Aula Magna (reitoria) e anexos à Faculdade de Direito, em Lisboa.
- Arranjo do Pátio B da Faculdade de Letras, dos Pátios exteriores da Faculdade de Direito, dos terrenos situados a Sul e Poente da reitoria e Faculdade de Direito, etc. em Lisboa.
- Jardim do Prof. Celestino da Costa, em Lisboa.
- Ajardinamento das Instalações da Blackwood Hodge, em Lisboa.
- Arranjo junto à ponte, no Freixial.
- 1956** Arranjo dos Jardins da Biblioteca Nacional, em Lisboa.
- Ajardinamento dos terraços do Hotel Ritz, em Lisboa.
- Jardim do Sr. Caetano Beirão da Veiga, em Lisboa.
- Ajardinamento da subestação eléctrica de Marco de Pereiros, em Coimbra.
- Ajardinamento do terraço da SAPEC, em Lisboa.
- Ajardinamento dos terrenos junto aos prédios nº19-20 da Rua D. João V, em Lisboa.
- Remodelação e ampliação do Parque de Santa Cruz, em Coimbra.
- 1955** Ajardinamento da Rua Larga, do Largo da Sé Nova e Pátio da Faculdade de Medicina, em Coimbra
- Zona desportiva da Cidade Universitária de Lisboa.
- Jardim do Sr. Eng. Euclides Figueira da Costa, em Viseu.
- Jardim do Sr. Eng. Nazaré, no Estoril.
- 1954** Parque da Cidade de Viseu.
- Jardim do Sr. Dr. Mário Lampreia de Gusmão Madeira, em Cascais.

Jardim do Sr. Comandante Ferreira Neves, em Lisboa.

Remodelação e ampliação do Parque de Santa Cruz, em Coimbra.

Ordenamento e Arranjo do jardim da Quinta do Duque, em Loures, em colaboração.

Arborização e ajardinamento do centro emissor ultramarino São Gabriel, em Pegões.

Arranjo exterior do Mosteiro da Batalha.

Estudo do arranjo envolvente das muralhas do castelo, em Beja.

Estudo de recuperação do Jardim do Hotel de Santa Luzia, em Viana do Castelo.

Projecto de remodelação do Campo da Feira, em Santarém.

Estudo de Aptidão da Urbanização da Rinchoa e projecto de zonas verdes.

Jardim da Família Ferreira do Amaral, em Lisboa.

Estudo de Aptidão das faixas marginais da estrada Lisboa-Sintra.

Arranjo da Volta do Duche, em Sintra.

Parque da Cidade no Funchal

1953 Parque do Bonfim, em Setúbal.

Jardim do Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa.

Ajardinamento do Largo de São João Baptista, em Alcochete.

Ajardinamento do Largo Coronel Ramos da Costa, em Alcochete.

Jardim da Quinta da Arrezima, na Chamusca.

Plantação de um eucaliptal junto à entrada Sul da Tapada da Torre Bela, em Rio Maior.

1952 Jardim Diogo Cão, em Vila Real.

Jardim do Sr. J. de Sommer Ribeiro, em Lisboa.

Jardim envolvente da Torre de Belém, em Lisboa.

1951 Jardim do Dr. Leopoldo Laires, em Lisboa.

Espaços Exteriores da Companhia Vidreira Nacional, COVINA, em Santa Iria da Azóia.

PRINCIPAIS COMISSÕES E GRUPOS DE TRABALHO

CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DA ARQUITECTURA PAISAGISTA EM PORTUGAL

ARQUITECTO PAISAGISTA ANTÓNIO FACCO VIANNA BARRETO

- 1985** Membro da Comissão Nacional do MAB, por despacho do Secretário de Estado do Ambiente de 7.10.1985 (D.R. nº 230, II série).
- 1981-82** Presidente da Comissão para a Escolha de Sítios da Central Térmica a Carvão.
- Representante Nacional no Comité Director para o Ordenamento do Território do Concelho da Europa (CDAT).
- Representante Nacional no Comité de Peritos para a Conferência dos Ministros para o Ordenamento do Território do Concelho da Europa (CEMAT).
- 1980** Representante:
- Comissão Nacional do Ambiente.
 - Comissão Permanente de Estudos de Espaço Exterior.
 - Concelho Superior de Minas e Serviços Geológicos.
 - Comissão Nacional de Geografia.
 - Comissão Coordenadora de Estudos do Estuário do Tejo.
 - Missões de Cooperação com a Guiné.
 - Vogal do Grupo de Trabalho da Prevenção de Catástrofes e de Incidências Florestais.
 - Vogal do Grupo de Trabalho do Atlas do Ambiente
- 1979** Representante nas Missões de Cooperação com S. Tomé e Príncipe.
- 1978** Vogal do Grupo de Trabalho sobre Ordenamento Territorial da Comissão Luso-Espanhola do Ambiente.
- 1977** Vogal do Grupo Coordenador das Relações Internacionais no Domínio da Habitação e Urbanismo – Despacho da Secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente (SEOFA).
- 1976** Vogal do Grupo de Trabalho para a preparação dos Planos de Médio e Longo Prazo – Despacho da Secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente (SEOFA).
- Vogal do Grupo de Trabalho para o Ordenamento do Território – Despacho do Secretário de Estado.

VÁRIOS

Prémio Valmor (1975) e Prémio Quercus (2009).

Presidente da Associação Portuguesa dos Arquitectos-Paisagistas (1983 a 1985), e da mesa da Assembleia Geral em vários anos.

Membro da:

Federação Internacional da Habitação, Urbanismo e Ordenamento Territorial.

Federação Internacional dos Arquitectos-Paisagistas - (representante nacional em 1960).

Ordem dos Engenheiros.

Associação Portuguesa dos Arquitectos-Paisagistas.

Sociedade de Geografia de Lisboa (Secção de Cartografia Matemática).

Liga para a Protecção da Natureza.

ANEXO B _ PEÇAS DESENHADAS

ANTEPROJECTO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ENQUADRAMENTO DA TORRE DE BELÉM

PLANO DE ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

PARQUE DA CIDADE DE VISEU